

R E V I S T A  
D O  
BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

5

---

---

S U M M A R I O

ANATOLE FRANCE . . .	René Thiollier . . . .	97
CLASSIFICAÇÃO PSYCHOLO- GICA DO HOMEM . . . .	Villar Belmonte . . . .	99
POESIA PAU BRASIL . . .	Paulo Prado. . . .	.108
PAU BRASIL . . . .	Oswald Andrade . . . .	112
VINDICTA BRÁBA . . . .	Othon d'Eça. . . .	.115
A HISTORIA LITERARIA DO RIO GRANDE DO SUL . .	Cyro Nobre. . . .	.147
O ROSTO E A CAVEIRA . .	Saul de Navarro . . . .	155

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA 1)0 MEZ — DEBATES E PESQUIZAS  
— NOTAS DO EXTERIOR — AS CARICATURAS DO MEZ



COMP. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO  
PRAÇA DA SÊ, 34 SÃO PAULO





Holmberg, Bech i Cia. Lid.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES  
RUA LIBERO BADARO', 169

ÛS. P A U I V O

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, Kew-York e Londres

Papel,  
materiaes  
para  
construcção,  
aço,  
ferro,  
Cimento  
"2 Bandeiras"  
e "Bandeira  
Sueca".

Vfc



# *A Revisia da Sociedade de Educaçao*

*deve ser lida por todos quantos se  
interessam pelos assumptos didacticos.*

Keilnotore»

*Dr. A. Almeida Junior*

*Prof. Léo Vaz*

*Prof. Brenno Ferraz do Amaral*

*Dr. Haddock Lobo Filho*

*Prof. Pedro de Alcantara Machado*

Editora: CU. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

Aos assignantes serão enviados os números já publicados.

Assignatura annual . . . . . 1úis000

## CIDADES VIVAS

DE BRENN0 FERRAZ

Paginas admiraveis de sociologia, em que  
se tem nitida impressao da vida de tra-  
balho das cidades paulistas que se es-  
tendem pelo Paranapuema e pelo Tietê.

PREÇO: 5\$000

Pedidos á CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

PRAÇA DA SÉ, 34

SÃO PAULO

OTHONIEL MOTTA

Cathedratico do Gymnasio de Campinas.

L i ç õ e s      d e  
P o r t u g u e z

Para cursos commerciaes, normaes e pinasiaes... 85000

A s a h i r :

**Anthologia Portugueza**

**Cia\* Graphico-Editora Monteiro Lobato**

Praça da Sé, 34 — S. Paulo

Desconto de 30 o/0 aos revendedores e aos col\*  
legios e professores

**Presentes de Natal para a creanpada!**

**DODÓCA**, historia de uma boneca, de d. Dolores  
Barreto

**A CAÇADA DA ONÇA**, de Monteiro Lobato

**JÉCA TATUZINHO**, de Monteiro Lobato

Illustrados por Wiese

ObsdQ já acceitam-se pedidos.

Companhia Graphico - Editora Monteiro Lobato

PRAÇA DA SE\ 34 — CAIXA, 2-B — SÃO PAULO

# "REVISTA DE FILOGIA PORTUGUESA"

**Fundador : SILVIO DE ALMEIDA**

**Diretor: MÁRIO BARRETO**

**PUBLICAÇÃO MENSAL**

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

## **ASSINATURA ANUAL :**

CAPITAL . . . . .	30\$000
INTERIOR E ESTADOS . . . . .	32\$000
NUMERO AVULSO. . . . .	3\$000

Pedido« à

**NOVA ERA, Emprêsa Editora**

**PAULINO VIEIRA & CIA.**

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone: Central 1681 — S. PAULO

# REVISTA DO BRASIL

ANATOLE FRANCE

**A**NATOLE France, o escriptor notável, que acaba de desaparecer, foi, sem duvida, um dos entendimentos mais cultivados do seu paiz. Filho de um livreiro, cresceu elle entre livros. Mais tarde, numa vivenda soberba, ricamente ataviada de pannos de Arrás e bibelots preciosos, enthesoirava copiosa bibliotheca, que durante os seus largos annos de vida, manuseou e percorreu pelos olhos com summa delicia.

Admirador incondicionado da tradição greco-latina, lembrava, no chiste da sua linguagem, e maneira por que estillava a essencia divina da sua alma, os velhos diegematistas dos tempos de Hadriano. Não era o vento da inspiração que o levava para a sua banca de trabalho. Escrevia arduamente — confessava. E, quando Hebrard, redactor do "Temps", o foi convidar para que redigisse elle, semanalmente, a chronica literaria no seu jornal, não lhe dissimulou o seu pasmo. Ao contrario. Numa carta aberta, que lhe dirigiu, dizia: — "Fiquei admirado da vossa escolha. Lembrar-vos, para isso, de um espirito como o meu — recolhido, lento e solitário."

Depois, como dêsse conta do recado, exultou. Bateu as palmas. Chegou mesmo a desconfiar de que dispuzesse Hebrard de um talisman. E exclamava: — "Conseguistes tornar-me produtivo — que maravilha! Fizestes de mim um escriptor periodico!"

E' que, nesse seu estylo, em tom de sincera naturalidade — todo elle cambiante e donairoso, — iam-se-lhe horas de trabalho e de paciência, por vezes de uma perseverança acérrima. Trabalho de joalheiro, trabalho de mosaista — exactamente como se avinham na composição das suas obras os diegematistas outr'ora-

Na antiguidade, formavam elles uma pleiade. Chamavam-se Dion Chrysostomo, Longus, HeRodoro de Êmese, Achilles Tatius de Alexandria, Xenophonte de Antiochia, Xenophonte de Epheso. Eram todos senhores rhetoricos, homens de gosto; grandemente lidos na literatura hellenica; conhecedores a fundo dos segredos da tradição.

Não creavam propriamente. Imitavam. Que, nesse tempo, se tinha por evangelho, a imitação como preservadora da Belleza. Tomavam de preferencia um thema já conhecido — uma fabula milesiana. E, á custa de enxertos hábeis e locuções felizes, tratavam de requintal-o numa prosa estylisada, "mais rebuscada e trabalhada, — é Anatole quem nos diz, — que os versos mais sábios dos poetas alexandrinos."

Referindo-se aos "Amores pastoraes de Daphnis e Chloe", acrescenta *elie*: — "Se nos fosse dado investigar de todas as -uas imitações, veríamos que o texto de Longus não passa de um perfeito mosaico, cujas pedras foram escolhidas e ajustadas com muito gosto." E aponta, na sua primeira parte, transcripções ile Virgilio; transcripções do autor grego, que Virgilio imitou por sua vez; mais adiante, trechos de Anacreonte, decalques de Calûmaco, detalhes tomados de emprestimo na obra de Homero.

Ao invés, porém, de condemnar este processo literário, na sua pratica, apparejitamente deprimente de credito, exalta-o. Não foi assim que elle proprio escreveu as suas obras? Não era assim que escreviam os clássicos da Renascença?.. "*Je prends mon bien par tout où je le trouve*" — dizia Molière- E Remy de Gourmont, certa noite, na Villa Said, em presença de um professor americano, mr. Brown, que andava pela Europa, a indagar dos homens notáveis, em que consistia o segredo dos grandes gênios literários, como viviam elles nos seus bastidores, assim se pronunciou:

— Quasi todos os autores celebres, ao talharem as suas lindas roupagens, se serviram de peças de panno, tecidas por mãos alheias. Ao que o americano teve um sobresalto:

— "*Aoh!*"

E voltou-se de olhos esgazeados para Anatole:

— "Verdade *este*, mr. French?!"

— Perfeitamente! — concordou Anatole. — Raras vezes a matéria prima lhes pertenceu. Elles nada mais fizeram do que lhe imprimir uma forma nova.

Como o americano permanecesse boquiaberto, Remy de Gourmont sorriu-se- Murmurou-lhe:

— *Yes! Indeed!*

RÉNE THIOLLIER

(Villa Fortunata)





## CLASSIFICAÇÃO PSYCHOLOGICA DO HOMEM

(Conclusão) (\*)

Em resumo: sabe-se que das acções humanas emergem os factos sociaes; a cada ordem de tendencias individuaes correspondem varias outras de ordem publica. Assim, a luta pela nutrição gerou a necessidade de se accumularem bens ou reservas do necessário (a propriedade); e dali a funcção consequente da guarda dessa reserva (o direito). Porque então capital era territorio; e commum a todos esse reservatório de riquezas. Só esse facto determinava todos os outros, como suprema preocupação da época: o flagello das guerras, a hecatombe de impérios, a escravidão, o militarismo, etc., etc.

Assim, também a luta pela reproducção affectiva foi, com o evoluer dos tempos, produzindo regulamentações fragmentarias dos acasalamentos, sob desígnios menos impuros e com penalidades severas em caso de fraude; o instincto animal da funcção se foi socializando aos poucos, o cio passou a amor e este se irradiou á patria, á familia, ás artes, etc.

Assim, finalmente a luta pelas competições da intelligencia, deu em consequência a separação dos mais aptos; e de um lado appareceu o governo de grupos e de outro a disciplina dos comandados: especialisam-se as actividades e o poder se impõe... São postos em evidencia os fortes pelo vigor, os agradaveis pela beileza e os intelligentes pela iniciativa. Donde, o dever moral (o character) e as aspirações estheticas (a expansão da vitalidade), isto é, a cooperação no trabalho, a lealdade nas relações, o horror á mentira e o amor ao bello real.

(\*) Vejam-se os números de Junho e Julho de 1924.

Nessas intensas lutas seculares, elaborou-se a evolução mental do homem e os resultados parciais assim nebulosamente se desenvolveram através dos séculos:

1.º) A DISCIPLINA (civil, militar, religiosa; penal e educacional).

Os primeiros impulsos da natureza humana, em meio ao caos da formação tellúrica foram por certo os mais desordenados possíveis, tal como a luta do feto que nasce e passa do comodismo da vida uterina estática para a existência externa, social e dinâmica. E então a disciplina é o primeiro movimento de defesa natural: ao mamar, ao caminhar, etc., precisa da ordem materna para lhe conter os excessos e orientar os impulsos, como os pais respectivos também precisam da disciplina dos caminhos, das cidades, dos exércitos e dos governos, embrionários' embora. Destarte o Trabalho se organiza pela disciplina civil — outrora escravidão — o capital, pelas conquistas militares, a justiça pelo temor religioso, a educação pelo direito penal antigo e a cultura moderna pela pedagogia científica (moral e sociológica).

2.º) A IMITAÇÃO (no viver, no adaptar-se, no agradar e no vencer).

Rodeado de animais inferiores que o antecederam nas idades geológicas, o homem (quaternário) — produto evolutivo de adaptações — deveu ao reflexo visual das espécies zoológicas que o envolviam — todo o seu desenvolvimento, a sua educação e o seu progresso: observando o cenário de lutas e de prazeres, fez-se sucessivamente ágil, arguto, inteligente, combativo e vencedor. As experiências mais úteis ou agradáveis a que por imitação se entregou, procurou ele gravá-las de qualquer modo para exemplo de outras ou para lembrar um prazer ou uma vitória; e começou a imitar gestos, posições, situações, sucessos, etc.: os mais importantes foram gravados em árvores, argila, columnas, etc. Por isso, não nos devemos esquecer hoje: a arte é tão somente moral e educativa; nem tem outra função. Ao contrário da concepção moderna, que, infelizmente, a reduz a uma caricata "indústria de feira, a uma pornográfica excitação de apetites...

3.º) A ORDEM (clássica, familiar, governamental e social).

Porque trabalho econômico organizado não havia, nem moral jurídica de nenhuma espécie — a Propriedade (que era *communis*) não tinha o Direito, nem a Família — o Governo. Nutrição era canibalismo, propriedade era roubo, família era promiscuidade, governo era

coacção... Isto no clan, na cidade, no município e na communa. Quancjo se estabeleceu o regimen dos orçamentos na plantação e nas colheitas, na caça e na pesca, a produção natural suppriu o consumo e bastou suficientemente para as reservas; e tanto na taba como na tribu, diminuíram de intensidade as contendias entre os grupos, que se tornaram mais sedentários, a escravidão teve um como lampejo de ordem, e as guerras tiveram mais tréguas, dando logar aos primeiros esboços de governo. E' quando a Disciplina se accentua um pouco mais, — a Imitação colhe mais resultados e a Ordem social embryonaria deixa alvorecer entre os membros de cada família tribal e entre os grupos de cada pequena nação uns longes do phenomeno social da politica: ha mais cooperação no *lar* e mais subordinação no *governo*.

4.º) A PRODUÇÃO (organizada ou trabalho capital e riquezas).

Nesta phase, provado que o nomadismo é dispersivo e extenuante, que o canibalismo é contraproducente e que as actividades individuaes nas guerras e na escravidão dos vencidos terminam pelo odio, pela destruição, pela miséria e não raro extineção dos grupos — ensaia-se uma especie de coordenação de esforços, de aproveitamento e canalisação de actividades conscientes; e o trabalho do homem se associa ao do irracional: o prisioneiro é considerado irmão e os animaes domésticos — auxiliares do homem, na caça, no arado e no transporte.

Vão se accentuando cada vez mais e successivamente — a Disciplina, a Imitação, a Ordem e a Produção... O computo apparece, como resultado das avaliações nas colheitas, nos esforços e nas distancias...

O capital (utilidades ou reserva do necessário) já é uma medida apreciavel e as riquezas (somma dessas medidas) vão delineando os primeiros contornos da Economia politica, hoje social.

5.º) O ESTUDO (systematisado ou criticismo rudimentar).

Rugem por toda parte vulcões e terremotos, dilúvios e tempestades de gelo: as fêras e as viboras se escarniçam, redobram de ataques... as destruições e os cadaveres infectam o ambiente... surgem os vermes e as pestes, dizimam-se as populações, já desfalçadas e demoralisadas pélas guerras — e o homem victima de si, de tudo e de todos, mas já triumphante entre as outras especies zoologicas, concentra-se, cogita, entrega-se á meditação: donde o seu desenvolvimento cerebral.



Viu que destruindo as florestas, modificava os climas, que arrasando as arvores frutíferas morria de fome ou se fazia doente, e que finalmente "comer, amar e pensar" eram funcções e não esporte... Começa a modificar os seus instinctos e a dominar os impulsos da prole desenfreada. Eis quando apparecem os primeiros alcores da educação, da investigação, da experiencia e da critica.

6.º) O ..DEVER (tradição, honra e credito).

Das boas normas cedo se colhem os bons frutos: e foi isso o que levou a humanidade a elaborar e a adoptar aos poucos instituições — como do trabalho, da propriedade, da família, etc. Sobre todas ellas culmina a primeira e principal — a moral (ethica) e os bons costumes (esthetiCa). O resumo das normas de conducta úteis e agradaveis, naturaes e progressivas ou estheticas formam as tradições (de povo, de família, etc.). Destas nasce a honra individual que é o nivel em que cada qual colloca a observancia dessas tradições sem quebra ou violação de sua consciência: tradições são bom nome, boas experiencias e bons effeitos; e honra — a identidade de nossos desígnios (character) com aquelles actos. Quem mente a si e aos outros nunca poderá falar em honra ou tradições e delle andará deserto toda a vida o credito...

7.º) A BELLEZA (bem estar physico, bem estar intellectual e bem estar moral).

Assim como foi o capital a crystalisação das reservas economicas, assim é o credito — a crystalisação social do poder, da honra e da moeda — synthese da mercadoria. O Dever impõe a observancia dos costumes e mantém a estabilidade da Ordem: assim a Belleza, (como a moeda e como o credito), é a crystalisação das mais altas aspirações da natureza — resumo do util, do bello e do justo. A belleza é nas linhas proporção, nos actos justiça, na luz equilibrio, nos sons harmonia, na creatura perfeição; e por tanto bem estar animal, bem estar physico, que é ao mesmo tempo bem estar psychico, ethico e esthetico.

Analysando-se estes sete estádios na chronologia do progresso humano, podemos esfumilhadamente distinguir ou vislumbrar as suas respectivas camadas históricas. Exemplo:

- a) época dos sacerdotes e guerreiros.
- b) „ „ pastores e menestreis.
- c) „ „ tribunos e reformadores.



- c) „ „ inventores e industrialistas.
- e) „ „ sábios e magistrados.
- f) „ „ martyres da liberdade e da sciencia.
- g) „ „ eugenicos e superhomens.

E mais uma vez, simplificando, temos:

Nutrição = Propriedade.

Emotividade = Direito.

Reprodução = Familia.

Sentimento = Governo.

Relação = Instituições sociaes.

Razão = Sciencia.

E assim, a nossa tríplice divisão já feita: o homem, intellectualmente — a) calculista; b) imaginoso e c) pensador; moralmente — a) egoísta; b) altruísta e c) justo; e estheticamente — a) degenerado superior; b) orgulhoso e c) eugenico.

E' deste ultimo grupo que vamos agora tratar.

O degenerado superior, chame-se elle Kant ou Aristóteles, seja anachoreta, guerreiro ou estheta individualista, Hugo, Alexandre ou São Thomaz de Aquino é sempre o moralista exaltado, o estheticista sem pincel e perdido em sonho. E' um martyr do seu ideal, eternamente engravilhado em ideias polarizadas e absolutas: fascinado, ou deprime-se e se faz santo ou se exalta e eil-o allucinado pelo verbo ou graphomania, pela espada, pelas colleções, pelas paixões carnaes ou pelo amor divino... Não ha para elle propriamente vida physica e intellectual, mas vida moral, intensa, magnética, allucinante! Por isso não raro o vedes — a) ou taciturno, ou dado a polemicas (predomínio do mental); b) ou glutão e devasso ou dado a jejuns e a castidade. E' o moralismo (excessos vibratorios na vida de relação) aniquilando ou desnordeando o normalismo das funções equipollentes da vida de nutrição e reprodução.

Ao contrario os orgulhosos (classe b deste grupo) em que a excessiva vibração cerebral se circunscreve a determinadas zonas e produz as monomanias, o exaggero das ideias, os arrebatamentos, o heroísmo... Nestes, o excesso vibratorio do aparelho psycho-sensorial se faz, portanto, no polo opposto, no sentido da nutrição ou da reprodução: donde a razão de seu amor ás festas e aos banquetes, ás cores vistosas e aos amores fáceis... O orgulhoso faz do exhibicionismo a sua gloria, porque só pensa o que vê: o seu ego, a sua figura, a palavra chuvosa e tonitroante, os ademanes a Quichote... e basta! Tem um culto — a mentira, porque adora a soberba, que é uma illusão de força e a vaidade que é uma illusão de belleza; si tem o poder nas mãos se faz prepotente; si o não tem se faz ridículo, vaidoso, embalde occultando o apoucado valór... Pode ser gastronomo ou



grande voluptuoso, heroe ou bandido, porque nelle fala mais alto o sentimentalismo da fama, do gongorico, ou do flammejante...

O degenerado superior pode ser comparado ao orgulhoso num ponto: este, tenha ou não tenha valor, de maravilhas faz alarde externamente; e aquelle tem sempre valor e delle faz um culto interior; um chama a si a attenção do presente, outro chama a si a attenção da posteridade. Acima d'ambos está o eugenico (classe ultima deste grupo) em que, sobre todos, prepondera a superioridade mental (ethica e esthetica). Neste não ha exhibicionismo, nem demasias, idealismo vesanico nem desproporções: resume o typo nobre e seleccionado da especie, realisando a synthese dos equilíbrios do talento, da belleza, da força e da justiça. Força significando brio, valor ou dever; talento significando um profundo saber (real e objectivo) aureolado de ponderação e modéstia; justiça significando character e lealdade nas occasiões; e afinal belleza significando a proporcional esthetica entre — a) a sua estatura e seu peso, b) a sua cor e os seus contornos e c) a pureza das linhas physiomicas — (exterior cerebral) combinada com a das attitudes, dos gestos e das acções (exterior sentimental). Tal o typo por excellencia reproductivel; tal o condensador de energias; o cerebro e coração sadios, o pensador alto sem paixões nem preconceitos, que produzindo proles seleccionadas, irradiando exemplos educacionaes de utilidade geral e fecundando energias sociaes, electrizando e fazendo evoluir multidões melhor interpretem o presente com as suas caracteristicas moraes e descobertas scientificas para approximal-o cada vez mais do futuro; e para tornal-o mais proprio e paradisiaco ás expansões nobres da vida moral e não anarchico e deficitário qual o que temos e herdamos dos antepassados (mentalmente inferiores a nós).

O eugenico tem rythmo musical no gesto, estylo na linguagem, medida nas attitudes, lealdade nas acções, clareza nos julgados, sangue e musculos á vista... Ignora o trágico, o comico, a ironia covarde, a satyra canalha, o humor cynico... porque nelle se enthesouram as reservas civilisadoras da humanidade póstera: as leis e suas interpretações, as descobertas e seus resultados, as artes e seus ensinamentos, as gerações e suas normas, os seus orientes e os seus progressos, indefinidos no planeta.

Lipps, em seu "Tratado de Esthetica" (traducção espanhola directa do allemão) no capitulo referente ás "condições especificas para a belleza do corpo humano" estabelece uma norma proporcional, isto é, a proporção da apparencia que nos dá um rectângulo (deitado ou não) com a base menor = 5 e a maior = 8 ou 8:13. Não sabemos, entretanto, si essa proporcional exprime ao justo esse equilibrio de linhas que nossa vista está ha-



bituada a gosar na torre elegante em relação ao corpo do edificio, na fronde da arvore em relação ao terreno, no animal formoso, ou nisso que os poetas chamam "bocca espiritual", "olhar santo" ou posição artistica do cabelo, nas mulheres bellas... Pois o facto é que nunca vimos em telas ou estatuas o jogo esculptural de linhas que se vê por exemplo no corpo nu de uma sevilhana bella... Pena é que os pintores e esculptores se preocupem tanto com ranchinhos, marinhas, céos, monstruosidades e outros aspectos da natureza morta e não nos revelem essas linhas "espirituaes" da moderna belleza humana, tão sedosa e florente, tão proporcional e inexprimivel, tão superior e tão distante das afamadas Vénus de Milo e das Giocondas...

Parece-nos que o typo eugenico seria o que tivesse: a) a linha e a estatura do inglez, b) o craneo e a cor do germânico, c) a musculatura e a actividade do norte-americano, e d) os olhos e os cabelos do hespanhol (sul de Hespanha). Os physiologistas não sobem ás preocupações estheticas, mas sempre é interessante reproduzir-lhes as visões exteriores; eis o que nos diz Achille de Giovanni do "tipo ideale delle condições morphologiche individuale":

TYPO ESPADAÚDO (grande perimetro thoraxico): deve ter o porte erecto, com altura igual á distancia que mede os extremos dos dedos médios, mãos espalmadas e braços estendidos horisontalmente, e com a circumferencia do thorax (dilatado) igual á metade da dita estatura.

TYPO CABEÇUDO (grande indice cephalico): deve ter grande volume de peso na cabeça, muita altura de frente, orelhas insertas muito em baixo e inclinadas para traz.

TYPO VENTRUDO (esterno e abdómen saliente): não tem as proporções náturaes, as quaes devem ser: a) \*a distancia da furcula á base do appendice xifoide igual á quinta parte da circumferencia thoraxica", e b) "a distancia que vai do appendice ensiforme á symphise pubiana igual a dois quintos da dita circumferencia".

Chaillou e Mac-Auliffe, que a nosso ver mais bem estudaram o assumpto, em sua "*Morphologie Médicale*" (Paris 1912, pags. 8 a 26 e 178 a 181) dizem mais ou menos isto: "o meio condiciona a forma, a função desenvolve o orgam, etc. (axiomas de Biologia); portanto, havendo na athmosphera quatro superficies predominantes (o ar, o alimento, o movimento e a luz) quatro devem ser também as formas dos typos de vida (a respiratória, a digestiva, a muscular e a cerebral) no organismo humano, exactamente como na planta a raiz, a haste, a folha e a flor...".



E concluem: "o typo respiratório (distancia maior entre olhos e bocca) deve ter vida ao ar livre, altitude, florestas, etc. sob pena de constipados frequentes; o digestivo (maxillares inferiores largos e queixo saliente) deve ter alimentação cuidada e sufficiente sob pena de soffrimentos de estomago, figado e intestinos; o muscular (contorno dos musculos desenhado sob o derma) deve ter exercícos, actividade, sob pena de tornar-se gotoso ou rheumatico; e o cerebral (predominância do frontal) deve dar-se a estudos, viagens, meditação, etc., sob pena de congestões, delírios, febres..."

Isto, debaixo do ponto de vista geral, clinico. Nós, porém, vamos deduzil-o sob outro aspecto o physico-chimico ou da apparencia esthetica.

Physicamente	typo digestivo = gordalhudo, indolente, bonanchão.
	„ respiratório = attento, impulsivo, sonhador.
	„ muscular = laborioso, resistente, sincero.
	„ cerebral = magro, vibratil, concentrado.
Chimicameiite	typo hydratado = gordo, tímido, preguiçoso, (digestivo) alegre.
	„ oxygenado = sanguíneo, sensual, destemido. (respiratório)
	„ carbonado = pallido, voluntarioso, emprehendedor. (muscular)
	„ azotado = inquieto, curioso, observador, (cerebral)

E' o que nos chz mais ou menos a observação diaria. E de facto: ás "quatro superficies atmosphericas" alludidas devem corresponder as quatro fontes de sucção do organismo humano; e conforme as qualidades e quantidades absorvidas mais vida ou vibração haverá nas quatro zonas visadas. O nariz — bocca dos pulmões — comendo mais ozona, oxygenio etc. torna-nos mais phantastas, voláteis, gazosos por assim dizer; a bocca — nariz do estomago — ingerindo mais hydratos, proteínas e carbono toriia-nos mais pesadões-, animalescos, reptilicos por assim dizer; os poros — bocca dos musculos ou nariz da pelle — consumindo mais calor e impulsões do movimento torna-nos mais equilibrados entre a oxygenação e a azotação (do respiratório e do digestivo) e portanto mais ágeis, mais trabalhadores, mais defensivos: donde — mais lealdade; — e afinal o tacto — cuja bocca são os demais sentidos corporaes principalmente a Vista — absorvendo



mais luz, mais som, mais perfumes, mais cores etc. tem de nos deixar mais aptos para sentir, para medir, comparar e deduzir: donde — mais intelligencia.

Em summa, recapitulando tudo: aos degenerados superiores, deve o Presente os seus desatinos, os grandes retrocessos da civilisação, os factos sociaes anomaes e os incoherentes, as cidades infectas, as nações prisoneiras de si mesmas, as epidemias, e as ciegenerescencias... todas; — aos orgulhosos, devem os povos os seus imperialismos e a guerra delles resultantes; — as sociedades devem as suas etiquetas caricatas, os seus conflictos individuaes, as superstições, as modas de arlequim e os falsos preconceitos... E só aos eugenicos — tão somente — deverá o Futuro a sua paz mundial: a concordia dos lares e a socialisação das esco'as!

VILLAR BELMONTE





## POESIA PAU BRASIL

### UM PREFACIO

A poesia "pau-brasil", é o ovo de Colombo — esse ovo, como dizia um inventor meu amigo, em que ninguém acreditava e acabou enriquecendo o genovez. Oswald de Andrade, numa viagem a Pariz, do alto de um atelier da Place Clichy — umbigo do mundo — descobriu, deslumbrado, a sua própria terra. A volta á pátria confirmou, no encantamento das descobertas manuelinas, a revelação surpreendente de que o Brasil existia. Esse facto, de que alguns já desconfiavam, num clarão de milagre, abriu seus olhos á visão radiosa de um mundo novo, inexplorado e mysterioso. Estava creada a poesia "pau-brasil".

Já tardava essa tentativa de renovar os modos de expressão; e fontes inspiradoras do sentimento poético brasileiro, ha mais de um século soterrado sob o pezo livresco das idéas de importação. Um dos aspectos curiosos da vida intellectual do Brasil é esse da literatura, propriamente dita, ter evoluído acompanhando de longe os grandes movimentos da arte e do pensamento europeus, enquanto a poesia se immobilizou no thomismo dos modelos clássicos e românticos, repetindo com enfadonha monotonia as mesmas rimas, metaphoras, rythmos e allegorias. Veio-lhe sobretudo esse retardo no crescimento do mal romântico que, ao nascer da nossa nacionalidade, infeccionou tão profundamente, a tudo e a todos. Com a partida para fora da colonia do lenço de alcobaça e da caixa de rapé de D. João VI, emigraram por largo tempo deste paiz o bom senso terra a terra e a visão clara e burgueza das coisas e dos homens.

Em politica o chamado "grito do Ypiranga" inaugurou a deformação da realidade de que ainda não nos libertamos e nos faz viver num como sonho de que só nos accordará alguma catastro-

phe bemfeitora. Em literatura, nenhuma outra influencia poderia ser mais deletéria para o espirito nacional. Desde o apparecimento dos "Suspiros poéticos e Saudades", de Gonçalves de Magalhães, que os nossos poetas e escriptores, até os claros dias de hoje, têm bebido inspirações no craneo humano cheio de bourgogne com que se embebedava Child Harold nas orgias de Newstead. O lyrismo puro, simples e ingénuo, como um canto de passaro, só o exprimiram talvez dois poetas quasi desprezados — um, Casimiro de Abreu, relegado á admiração das melindrosas provincianas e caixeiros apaixonados, outro, Catullo Cearense, trovador sertanejo, que a mania literaria já envenenou. Foram esses, melancólicos, desalinados e sinceros, os dois únicos interpretes do rythmo profundo e intimo da Raça, como Ronsard e Musset na França, Moeriken e Uhland na Allemanha, Chaucer e Burns na Inglaterra, e Whitman nos Estados Unidos. Os outros são lusitanos, francezes, hespanhoes, inglezes e allemães, versificando numa lingua extranha que é o portuguez de Portugal, esbanjando talento e mesmo génio num desperdício lamentavel e nacional.

#### O verso clássico

"Sur des pensers nouveaux, faisons des vers antiques".

está também errado. Não só mudaram as idéas inspiradoras da poesia, corno também os moldes em que ella se encerra. Encaixar na rigidez de um soneto todo o baralhamento da vida moderna é absurdo e ridículo. Descrever com palavras laboriosamente extrahidas dos clássicos portuguezes e desentranhadas dos velhos dictionarios, o pluralismo cinemático de nossa época é um anachronismo chocante, como si encontrássemos num Ford um tricorno sobre uma cabeça empoadada, ou num torpedado alta cravata da um dandy do tempo de Brummel. Outros tempos, outros poetas, outros versos. Como Nietzsche, todos exigimos que nos cantem um canto novo.

A poesia "pau-brasil" é, entre nós, o primeiro esforço organizado para a libertação do verso brasileiro. Na mocidade, culta e ardente, de nossos dias, já outros iniciaram, com escandalo e successo, a campanha de liberdade e de arte pura e viva, que é a condição indispensável para a existencia de uma literatura nacional. Um período de construcção creadora succedé agora ás lutas da época de destruição revolucionaria, das "palavras em liberdade" — em que se destacam, em vários momentos, Ronald de Carvalho, Mario de Andrade e Guilherme de Almeida.

O manifesto de Oswald, porém, dizendo ao publico o que muitos aqui sabem e praticam, tem o mérito de dar uma disciplina ás tentativas esparsas e hesitantes. Poesia "pau-brasil". Designação pittoresca, incisiva e caricatural, como foi a do confettismo e fauvismo para os néo-impressionistas da pintura, ou



a do cubismo nestes últimos quinze annos. E' um epitheto que nasce com todas as promessas de viabilidade.

A mais bella inspiração e a mais fecunda encontra a poesia "pau-brasil" na affirmação desse nacionalismo que deve romper com os laços que nos amarram desde o nascimento á velha Europa, decadente e exgotada. Em nossa historia já uma vez surtiu esse sentimento aggressivo, nos tempos turbados da revolução de 93, quando "pau-brasil" era o jacobinismo dos Tiradentes de Floriano. Sejamos agora de novo, no cumprimento de uma missão ethnica e protectora, jacobinamente brasileiros. Libertemo-nos das influencias nefastas das velhas civilisações em decadencia. A começar pela lingua e pela grammatica. Do novo movimento deve surgir, fixada, a nova lingua brasileira, que será como esse "Amerenglish" que citava o *Times* referindo-se aos Estados Unidos. Será a rehabilitação do nosso falar quotidiano, *sermo plebeius* que o pedantismo dos grammaticos tem querido eliminar da lingua escripta.

Esperemos também que a poesia "pau-brasil" extermine do vez um dos grandes males da raça — o mal da eloquencia balofa e roçagante. Nesta época apressada de rapidas realizações, a tendencia é toda para a expressão rude e nua da sensação e do sentimento numa sinceridade total e synthetica.

"Le poète japonais"

"Essuie son couteau:"

"Cette fois l'éloquence est morte",

diz o haikai japonês, na sua concisão lapidar. Grande dia será esse para as letras brasileiras. Obter, em comprimidos, minutos de poesia. Interromper o balanço das bellas phrases sonoras e ôcas, melopea que nos approxima, na sua primitividade, do canto erotico dos passaros e dos insectos. Fugir também do dynamismo retumbante das modas em atrazo que aqui aportam, como o futurismo italiano, doze annos depois do seu apparecimento, decrepitas e tresandando a naphthalina. Nada mais nocivo pára a livre expansão do pensamento puramente nacional do que a importação, como novidade, dessas formulas exóticas, que envelhecem e murcham num abrir e fechar de olhos, nos cafés literários e nos cabarets de Pariz, Roma ou Berlim. Deus — que é brasileiro — nos livre desse snobismo rastacue-rico, tão pernicioso como o velho romantismo do século passado.

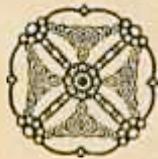
O manifesto que Oswald de Andrade publica encontrará nos que lêem (essa infima minoria) escarneo, indignação, e mais que tudo — incomprehensão. Nada mais natural e mais razoavel: está certo, O grupo que se oppõe a qualquer idéa nova, a qualquer mudança no ramerrão das opiniões correntes é sempre o mesmo: é o que vaiou o *Hernâni* de Victor Hugo, o'que con-

dernnou nos tribunaes Flaubert e Baudelaire, é o que pateou Wagner, escarneceu de Mallarmé e injuriou Rimbaud. Foi esse espirito retrogado que fechou o *Salon* officiai aos quadros de Cezanne, para o qual Millerand pede hoje as honras do Panthéon; foi inspirado por elle que se recusou uma praça de Pariz para o *Balzac* de Rodin. E' o grupo dos novos-ricos da Arte, dos empregados públicos da literatura, Acadêmicos de fardão, Gênios das províncias, Poetas do "Diário Officiai". Esses defendem as suas posições, pertencem á maçonaria da Camaradagem, mais fechada que a da politica; agarram-se ás taboas desconjuntadas das suas reputações: são os bonzos dos templos consagrados, os santos das capellinhas literarias. Outros, são a massa gregaria dos que não comprehendem, na innocencia da sua curteza, ou no affastamento forçado das coisas do espirito. Destes falava Remy de Gourmont quando se referia a '*Ceux-qui-ne-comprennent pas*'. Deixemol-os em paz, no seu contentamento obtuso de pedra bruta, ou de muro de taipa, inabalavel e empoeirado.

Para o glugú desses perús de roda, só ha duas respostas: ou a alegre combatividade dos moços, a verve dos enthusiasmoi triumphantes, ou para o scepticismo e o aquoibonismo dos já descrentes e cançados o refugio de que falava o mesmo Gourmont, no Silencio das Torres (das Torres de marfim, como se dizia).

Maio, 1924.

PAULO PRADO





## PAU BRASIL

*O lbro de poemas "Pau-Brasil" compõe-se de 9 partes intituladas: 1) Historia do Brasil. 2) Poemas da colonização. 3) R. P. 1. 4) São Martinho. 5) Carnaval do Chico Rei. 6) Postes da Light. 7) Correspondência. 8) Minas Getiaes. 9) Balas de estalo.*

### A DESCOBERTA (*Pero Vaz*)

Seguimos nosso caminho por este mar de longo  
Até a oitava da Paschoa  
Topamos aves  
E houvemos vista de terra

### SALUBRIDADE (*Gandavo*)

O ser ella tam salutifera e livre de enfermidades  
Procede dos ventos que cruzam nella  
E como todos procedem da parte do mar  
Vem tam puros e coados  
Que nam somente nam danam  
Mas recream e accrescentam a vida do homem

GALERIA DOS EDITADOS



ABEL JURUÁ  
autora d'A veranista.



CARTA *(Fernão Dias)*

Partirei  
Com quarenta homens brancos afora eu  
E meu filho  
E quatro tropas de mossos meus  
Gente escoteyra com polvora e chumbo

Vossa Senhoria deve considerar que este descobrimento  
E' o de maior consideração  
Em rasam do muito rendimento  
E também esmeraldas

MEDO DA SENHORA

A escrava pegou a filhinha nascida  
Nas costas  
E se atirou no Parahyba  
Para que a creança não fosse judiada

CIDADE

Foguetes pipocam o ceu quando em quando  
Ha uma mulher muito bonita que entrou no cinema  
Vestida pela ultima fita  
Conversas de jardim  
Sapos na illuminação de hulha branca  
Mamães estão chamando  
A orchestra rabeçôa na matta

ESCOLA RURAL

As carteiras são para anõezinhos  
De pé no chão  
Ha uma pedra negra  
Com syllabas escriptas a giz  
A professora está de licença  
E monta guarda a um canto numa vara  
A bandeira alvi-negra de São Paulo  
Enrolada no Brasil



### APERITIVO

A felicidade anda a pé  
Na Praça Antonio Prado  
São 10 horas azues  
O café vae alto como a manhã de arranha-ceus

Automoveis vermuthes cigarros  
A cidade sem mythos

### CONGONHAS DO CAMPO

Ha um hotel novo que se chama York  
E lá em cima na palma da mão da montanha  
Está a igreja no circulo architetonico dos Passos  
Painéis quadros imagens  
A religiosidade no socego do sol  
Tudo puro como o Aleijadinho

Um carro de boi canta como um órgão

### BENGALO'

Bicos' elásticos sob o jersey  
Um maxixe escorrega dos dedos morenos de Gilberta  
Janella  
Sótas e azes desertaram o ceu das estradas de rodagem  
O piano fox-trota  
Domingaliza  
Um gallo canta no territorio do terreiro  
A campainha téléphona  
Cretones  
O cinema  
Planos de comprar uma ford  
E dois terrenos a prestações  
O piano fox-trota  
Janella  
Bondes

OSWALD DE ANDRADE





## VINDICTA BRÁBA

i

**P**OR toda aquel'a feira de gentes, das Três Pontes ao acco dos Limões, raras as bôccas que não haviam guspido em riba de Constança — disfeitas e debiques.

Creada fóra do sitio, nas bandas dos graúdos, não era rapariga topadiça em fontes ou fandangos, que bastantes fiducias tinha ella, a princêza, para andar assim batendo a lingua ou gastando os borzequins.

Manhãzinha, mal s'ouvia na estrada a chiêira dos carros de bois, já estava agarrada aos livros que nem uma doutora ou, entônces, batendo os bilros, mais branca de pós de cheiro que uma cómica da cidade.

O pae délia, o velho Izidro, homem de bôa nascença e de rijo carão como o vento sul, quando a mulher lhe vinha com inculcas e ditos do povo no tocante á filha, mettia os dedos na barbalheira quasi branca, fincando a vista nos ramos bentos que o pó forrava, ao pé de redomas, em riba da commoda de páu preto.

E gente que o mirasse - assim, tão mofino de falas, não havéra de íismar que dentro do peito delle a gana fervia e refervia, como a gárapa no cocho da engenhôca.

Mas o velho era um christão a modos de boi de carro, de quem se diz que mal-val' se precatar que se ir fazer artes de burlantin entre os dois galhos.

Pessoa não havia que delle conversasse maldades ou lambanças, que a sua fama d'homem sério vinha de crencença e comera muita estrada, contadinha de légua.

Mais d'uma feita puxára as vâras da porteira a compadres e a vindiços e, com as quatro pontas do lenço estalando de patácas, batera p'ra cidade á compra de riscados e remedios.

E da volta, graças ao Bom Pae, nunca faltara um *nilke* ou um chanchão, desses que o Manoel Balbino pregou em riba do balcão por móde da má sorte.

Verdade seja dita que somentes se mexericava, sem pinguinhos de próva, que o velho era um unha de fôme desgraçado e só não comia espinhas Je corvina — por ser devalde a força p'ra fazel-as escorregar pelas guélas.

Mas tanto a mulher, a Chica — uma velha tão vincada de pés de gallinha como o caroço do pessêgo — lhe businou nas orêlhas os maus dizeres do povo acerca de Constança, que um ardume lhe subio ao cheiro, como a pimenta que os excommungados da cidade põem nos bailes — por disfeitas e maldades dos infernos!

E o Izidro estourou, tal qualzinho o ráio do baiacú, o come anzol, ao lhe baterem o calháu na pansa inchada com cósquinhas.

— Que, mulher? Pois não hai d'um póbre de Christo s'amofinar? O Miguelinho da Damaşia, aquelle coisa nenhuma, que não s'alembra que a porca da mãe d'elle vira mais cacháça que um gambá?

Porém desestimados foram os conselhos da mulher, "p'ra que não s'arrenegasse assim depois do conduoto, que até podia ter um ataque de cabeça".

— Não paga a pena o consumir — fallava ella. Amenhã de menhã, Izidro. Vancê s'alembre do compadre Durvalinho, coitado, que por móde se quisilar com o Jorge turco, depois do comer, bateu-lhe o trang'lomango i- foi p'r'o cemiterio mais negrinho que camarinhas.

Só a desinfeliz da rapariga não mexera os carrinhos com tal consumição e chorava que nem um pagãosinho baldádo de mamminha.

O velho, agóra, mais vinagrado com o carpir da filha que pelas vil-tanças do péste do diabo, mettu aos gadanhos o fuêiro de rabo de macaco, a murmurinhar, como um perdido da cabeça:

— Cachorro dos infrenos! Carrégue-me o quimbinga p'ras profundas, si te deixar ôsso de costélla ou pelanca dos peitos sem malhar.

E com estas falas o Izidro bateu a piscurar o damnado do Miguelinho, mais curtido de ganas que um couro de bruáca.

No ceu as estrelinhas piscavam e repiscavam como raparigas namo-nqueiras.

Um cagaíume passou pingando luz na negridêz, como uma alma penada.

Faláres de homens caminhavam nos escuros, nas bandas dos cafezeiros.

No terreiro do João Xandóca, adonde havia luzes enfumaçadas de candéias, um porco na matança botava a bôcca no mundo, gritando que era um Deus nos accuda.

A noite, escura como brêu, era dessas que sasti fazem os raios dos gambás e ajudam os lobis-homens e mulas sem cabêça — excommungados do diabo que atacam os pobres que andam nas suas obrigações.

Ao passar fronteiro ao cemiterio o Izidro se benzeu, a se alembra do compadre Durvalinho já muito rôxo, muito rôxo, a botar uma gósma côr de barro pelas ventas do nariz, enjuento que nem bicheira e com mais



moscas em riba da triste cara — que peccados na cacunda da Rufina feiti-  
ceira, que matara, com mandingas, a mulher do Zé-Claudino, por móde ella  
se amigar com o desgraçado.

E lhe vieram nas scismas as parecenças de um vulto branco, bóie qu-  
bóie nos áres, que até se dizia a vára de paina quando hai vento.

O velho, entonces, afugentou as más visagens, apressurando o caminhar;  
o coração apurado de quisilias, máha que máha como um ferreiro que  
lem préssa de sair.

Não que lhe mettêssem medo os estupores que andam soltos nas noites  
negras, a espéra dos caminhantes, bem escondidos, os malvados, nos escuros  
das folhagens ou nas cóvas dos barrancos.

Agadanhado que nem ôstra ao rabo de macaco, mascando na bôcca  
dizêres d'esconjuros, léva que léva os passos á casa do Miguelinho, só lhe  
vinha na querença a tentação de salgar o lombo do Tinhoso, filho de  
cadélla e causador d'aquelle desconchavo na sua vida honrada.

Havia, por isso, d'escarmentar o estupor que bifára tres cruzados na  
venda do Manuel Balbino e se gavava, o sujo, d'andar com a Constança por  
baixo dos cafezeiros...

E por via de Nossa Senhora não se quebrantaram os fôlegos dos seus  
bôfes e faltava um pingo de caminho, pois já avistava a estrada que trépa  
p'ra Carvoeira e era ali bem juntinho a casa do maldicto.

Um cachorro uivou de dentro d'um cercado; outros ladraram longe,  
arrespondendo ao agoirento.

Cheiros de laranja se caldeavam com a fortidão adocicada dos currais  
de vacca.

Mas a gente, por vézes, apercebia o *pâtechuli* das boa-noites.

D'ahi a pouco o Izidro alcançou o terreiro do Miguelinho.

Dois bácôros, que fussavam n'um montão de palhas de milho, com o  
barulho da cancélla fugiram a grunhir, os tristes, batendo as orêlhas como  
as matrâcas da Semana-^Santa.

A mão grossa do Izidro socou-na porta, de cujas gretas fugia para  
a rua uma luzinha tirante á pitanga, que alluminava em tiras a areia  
preta do chão.

— O alma excomungada está em casal — pensou o velho, com os  
beijos da bôcca num tremor de maleitas.

De dentro da casa o Miguelinho, a scismar que era a mãe, berrou  
com a sua vóz ranhenta, sahida d'aquella bôcca sempre cheia de guspe e  
que escumava nos cantos uma gósma amarella enjuando a sárro e a  
dentes pödres:

— Táca a dormir p'r'o chiqueiro, bebedona d'uma figa, que eu não  
quero que vancê me venha gumitar a cachaça na mesa do cômer. Cruzes!  
Peste arrenegada!

E funga que funga que nem gato, o desaventurado assoprou a candêia;  
e o negrume lá dentro e o negrume cá fóra — fez tudo da côr do senhor  
mestre...



De novo o Izidro bateu e rebateu com mais ganas, resmungando que nem sujeito mal-criado.

O Miguelinho, entonces, abriu a janellinha e preguntou:

— Quem é o christão que me piscura?

— Sou eu, o Izidro da tia Chica —

A módos que o outro nem desconfiou das intenções, pois sem espéras se ouviu o barulho da tramella e a porta se escancarou como uma bôcca negra que bocêja.

Mal, porém, o Miguelinho botou de fóra o cocorúto, e vae uma, e vae outra, e toma lambadas de pé atraz pelas fontes da testa, que o jogam estirado, sem um ai, na terra dura, n'um pantâno de sangue de metter mêdo.

E ainda o velho a malhal-o, como ás sócas na debulha, pelas pernas, pelos peitos, que a cabeça do coitado ja estava que nem uma lata de *Kroséne* depois d'uma dansa de boi e o miolo se agarrava na caréca, como as tripas de um gato que se socou n'um pilão.

Só mesmo quando sentio os dois braços dormentes de canceira, foi que o Izidro largou o péste do Miguelinho entregue a balzabú, p'r'o levar, mais a alma desgraçada, p'r'as profundezas dos infernos.

Sastificito com a lição que déra ao ráio do aleivoso que se gavara da filha, virava o velho a prôa no rumbro da casa delle, quando s'alembrou de que o safado, d'escárneo, carecia levar uma barrélla d'urinas na sangueira...

E voltou a verter aguas no defunto, cuja cabeça os dois bácoros já lambiam com delicias.

Mas a olhada no corpo do inimigo tanto lhe virou e revirou a sanha da vindicta, que topando ali perto uma gamélla com estrume — zás — a despejou até ao fundo em riba do caipôra.

— Toma lá, cão sujo arrenegado, que nem terra meréces que te coma. Peste!

A lua subia das bandas do mar, redonda e reluzindo como um tostão novinho em fôlha.

Os gallos, scismando que amanhecia, cantavam p'ra móde acordar as frangas dorminhocas, como é de usança entre elles.

Nem viv'alma na estrada; apenas os sapos, de cócoras, latejando a papêira, pasmavam p'r'a clareza que vinha de riba, com lumes báculos nos bugálhos saltados e redondos como bagas de rozarios.

O silencio fazia uma tal chieira nos ouvidos, que até se pensava que a noite, d'avental de luar, frigisse petiscos p'r'o almôssô da manhã.

As mais das vêzes uma corrida do vento bulia nas arvores, derrubando as folhinhas enroladas em cartuxos e adonde as aranhas fizeram a? casas delias.

Ao meio do caminho o Izidro topou um vulto de mulher.

Quem era cambava daqui p'r'alli que nem arruinado das patóllas.

— E' a velha — scismou 'elle —. Já não vae mais p'r'o chiqueiro a bebedona.

E soltou a gusparada.

Ao depois:

— Ráios te partam, excomungada! Bichos te comam. Cruzes! Gente mais vil que jararaca.

A' vista da casa delle sentiu sustancias nos seus passos.

Agóra, ao se alembrear da filha, lhe attentava o entendimento que ninguém mais metteria a catana na rapariga, que a mostra ficara d'escarmento aos aleivosos e linguarudos estuporados.

Muito de valha, sim, o que commettêra', pois não havéra de deixar um coré como aquelle, um bôcca suja, a se gavar sem págo da Constança, moça limpa e que não fastava o pé de junto d'almoçada e não era nenhuma franga sem vergonha.

Gentes graúdas, doutras láias, tinha ella engeitado, como o filho do Maméde Zeferino, rapaz de bôa cabeça, que cortava a lingua com o Jacob'lemão e andava na cidade estudando p'ra medir terras.

Espalhavam eram alavéllas; e isto e aquillo, e coisas e loisas; mas tudo d'invêja, corja estuporada, por móde o passadio que a rapariga tivêra desde as fraldas.

Fôsse ella uma pobre de Christo como a Véva lavadeira, que deu o aborto p'ros bácoros, e ninguém lhe havéra de chuveiscar ditos em riba.

— Amenhã quero ver as apparencias do povo — ia mastigando, ao entrar em casa.

Mas ao bater a cara na cosinha, topou com a Chica num alagoeiro de choros, tão céga da vista, tão ceguinha, a coruja, que até nem botou reparos nas vestes do marido, com mais pingos de sangue que salpicos num evo de perúa.

O velho empacou d'encontro aquella "choradeira, como um homem ao pé d'uma pinguélla que a cheia escangalhou.

— Que foi, que foi que assucedeu? — gritou elle, com a fala prezarías guéllas, como embuchado com passôca.

— Uma desgraça dos pecados, Izidro!

— Já sabes do feito?

— Eu t'amostro — carpia a velha, a piscurar nas prateleiras alguma coisa perdida. — Olha! continuava ella, assim que tu te botaste a caminhar, credita, eu m'alembrei do compadre Durvalinho e me arroudeou a cabeça umas scismas rúins. Entonces m'ajoelhei no quarto da Constança, a me pegar com a Nossa Senhora dos Afflictos, que me tinha batido uma tremedeira dos peccados. Crédo!

E vae, ao depois, voltei apresstirada p'r'a varanda, a consolar a rapariga por móde d'uns suspiros que deu a pobresinha. Foi quando, Izidro da minh'alma, topei em riba da mesa este papelinho.

O velho, como um gato, pulou nas mãos da Chica, arregalando os olhos como um perdido da cabeça.

E o papelinho falava na bôcca destes dizeres:



*Meu pae*

*Perdão, mais a mãe.  
E' a sina de cada um. Deixo-os,  
para voltar depois, si aquelle  
que me levá quiser reparar, pelo  
casamento, todo o ynal que me  
fês. A benção.*

*Constança.*

Izidro fincou a vista na parêde, 'bestrácto, com o sangue caminha que caminha p'r'a caixa da cabeça, e uma zóada nos ouvidos que nem chuva em riba de palhuço.

• Mas de repente cahio no chão, a escumar, já roxo, que até parecia o compadre Durvalinho.

Um bafó de vento quebrou o lume da candêia, estirando um fiápo preto de fumaça, que ondejou e se perdeu na escuridade, adonde fuzilavam os dois olhos verdes do *Malhado*.

O luaceiro, lá fóra, era um leite de luz que o úbre apoiado da lua mungia em riba da terra, para a manutenção das plantas pequeninas.

## II

No outro dia, quando a manhã trepou pelo céu arriba p'ra móde espíar melhor a terra, o filho do Manéco da Chica, o Nastacio, que ia a vender leite na cidade, topou com o Miguelinho num pantâno de imundicias, arrodado d'urubús como uma gallinha de pintinhos.

O Nastacio, entonces, n'uma tremedeira de caniço verde — pernas, p'ra que vos quero? — bateu p'ra casa do pae d'elle, a berrar tal e qual um terneiro desmammado.

A nóva — tira-que-tira — ligeirinha como as aguas da ribeira, parou a contar de porta em porta o assucedido, que nem que fôsse uma velha linguaruda.

Dahi uns instantinhos já os homens e as mulheres, que a familagem ficara em casa nas esteiras, embicavam p'r'a casa do defunto, cada qual a breganhar scismares a pique do contado, como no dia em que encalhou, na Lagôa, uma baleia — que era um nunca se vio de tão grandona!

Miguelinho, a se falar a verdade, vivia fugidiço e no sitio ninguém lhe tinha bom querer, pois o diabo do infeliz, tirante os perdigotos que enjuavam como estrume, era um filho arrenegado e carregava na cacunda a morte de dois homens.

Corria no povo que o triste, em noites de sexta-feira, virava num porco branco e ia lambar os côchos de melado ou chupar as tétas das pobres vaccas, mais uma cambada de lobis-homens.

A Gertrudes Curandeira, por muitas feitas, ao ver os dentes d'elle mais verdes que pedras d'agua e mais pinicados que moirões onde bateu o



cupim, benzia-se toda por môde do quebranto, a se alebrar, roidinha de desgostos, da *Vermelha*, pobre d'ella, que morrera tão sêcca, tão sequinha, que os urubûs nem a quizeram para o pandúlho, pois Deus lhes deu foi bico p'ra furar e não dentuça p'ra roer óssos e galhos.

O irmão •fio defunto Durvalinho, esse, na noite do velório, ao sahir ao terreiro a verter aguas, topou com o raio do excomungado — fússa-que-fússa n'um montão d'estêrco, com os olhos da cara que nem duas brásas e a botar, pelos ilhózes do focinho, crêdo! uma fumaça que ardia no cheiro e queimava na campainha das guélas como o cajú que se comeu ainda verde.

Ético de nascença, a tossir, sempre a tossir como um cachorro constipado, o Miguelinho era tão comido de carnes, tão comido, que até criava dó nos peitos das creaturas.

A cabeça, pellada que nem cação, que os cabellos queimaram-nos todmhos as fêbres das sezões, parecia uma bóia de botica espetada n'um cabo de vassoura!

Morava só com a mãe d'elle, a Damasia Bebedona, uma velha scismatica do juizo por môde da cachaça e a quem o triste malhava e remalhava como a cadella sem vergonha.

E nunca um christão bebeu com elle o mata-bicho, ou jogou as cãlhas quando a tarde era d'agrado e o péste do vento sul não remexia a poeirama que embáça a vista e entúpe as ventas do nariz.

Mas naquelle dia o povolêu, não que tivesse dó do desgraçado, batia o pé p'r'a casa d'elle, a ver si era de verdade a nóva que corria.

Pois bem sabido e sabidinho se contava que ninguém, mesmo com sangue de barata, fastava as unhas do gógó do estuporado.

Isto ia scismando dentro da cabeça, de boa razão, o coronel Delcides da Trindade, a attender o máu acerto que o tirava, assim de manhâzinha, da sua roça, onde teimava elle, o obstinado, a caldeiar a terra rúim com pós de mocotó.

O coronel era um chefe político de grande estimação, que dava remédios de *mópathia* e cantava nas missas de importancia vestido de balandráu.

Trazia de mamma as suas boas apparencias e, tendo sido um bandão de vezes imperador do Divino, nunca se amostrava por isso suberbôso, nem picnicara, com debiques, a pobrêza de Christo.

Era o mais ouvido e preguntado dos sabichões d'aquellas bandas, porque tirante o compadre Zé Carneiro — homem de grande entendimento em contas e de boa cabeça p'r'as historias — e o seu Maméde Zeferino — vendedor de fazendas no caminho das Três Pontes e Inspector de quartirão na beira de quinze annos — ninguém cortava letras mais bem cortadas nos papéis de pedido p'r'o governo, nem botava mais saber nos remédios p'r'as sezões ou p'r'as ligeiras que atizánam as tripas e deixam um pobre mais sumido que o dêdo mindinho do macaco.

E por estes e outros merecêres carregava um poder de votantes, todinhos agarrados nas suas costas desde os tempos da republica, que ainda o



coronel era homem de arranjar perdões d'impostos ou d'espantar os péstes dos meirinhos — que ás vezes batem no sitio como urubus ao cheiro da carniça.

No tempo da revolta, mal o Custodio e mais os homens dos navios Erribaram nos Ratões, ajuntou, o valerôso, compadres e amigos, e vae conselhos desta banda, e vae opiniões daquella outra, e foi como a buzina na práia á hora do peixe fresco.

E não houve taquary, nem bidóque, nem vára de porteira sem proveitos, pois mais havéra um homem de bater o trang'lomango que deixar, ao pé das unhas de qualquer lambiza ou maragáto, às áreas e os engenhos.

Mas no rumbro do iliguelinho o coronel s'alembrou do Zé Carneiro, que a nóva quiçá, lhe não furasse ainda os buracos das orelhas e elle roncasse, a bom roncar, como era de usança na sua vida.

E de facto, mal se achegou da porta da cosinha do compadre, onde uma vacca esperava d'úbre cheio e a mascar, a péste, que nem velha desdentada, foi logo contando o assucedido, visto na casa ninguém haver cuidado no povo que passara...

— Pois si foi agóra, nestes momentinhos, que abri a porta e fiz o fogo — informava a Maricas.

— Nem a comadre scisma o poder de povo que passou.

— Crédo! E não se sabe quem foi o malfazejo? — indagou ella, a se benzer.

— Scismo que não — arrespondeu o coronel, a lascár fôgo do isqueiro.

— Deus que me perdoe, compadre, se alevanto falsos! Até de m'alcmbrar, ave Maria! me vem um abalamento nas guélas. Vae ver que foi a mãe que matou o defunto Miguelinho, á traição!

Aquilio é bruxa que tem fol'go de chupar os innocentes, quanto mais de dar cabo d'um arrenegado que ajudiava d'ella.

• — Apois que não, comadre.

Mas sem amostrar que botara tento nestas falas, o coronel topou nas ditas um rastro d'opinião e, solevantando, a agradecer o cafézinho que a Maricas lhe trouxerá, quente e a convidar, gritou p'ros fundos da alcóva ende o Zé Carneiro, gême que gême, tentava enfiar nos borzequins os pés inchados da dormida.

— Ande d'ahi, compadre, ande d'ahi, que podem remexer no cadaver do assassinado.

— Fique de certêza, compadre, que foi a velha, aquella péste, por móde as lambadas que levava! — obstinava-se a Maricas, dando a tigéla do aparado ao Manéquinho, que, de camisa em riba do umbigo, o semvergonha, choramingava, a coçar as péllas da barriga impazinada de bichas e ásperas de brotoejas.

Quando os dois amigos sahiram para a estrada, já o sol esfregava a harbalheira de fôgo em riba das arvores e um ar de vento sul, ligeirinho e frio, pinicava o rôsto e bulia nas folhas, trazendo na plumagem um cheiro bom de bergamótas maduras.



Era no mez de Julho e caminhava tão fermôso o tempo, tão fermôso, que o céu, sempre azul e enfeitado com as rendas brancas das nuvens, parecia a capa nova de nossa Senhora da Conceição.

Vinha ainda mais povo p'r'as bandas da Carvoeira.

Eram as derradeiras pessoas que moravam na beira do Sacco e se botavam a caminhar, desde que souberam da nôva.

Ao encostarem parêlha á casa de velho Izidro, o coronel e o Zé Carneiro ouviram lá dentro chorar a Chica; e fallares de mulheres em cochichos, e barulhos de passos apressurados da sala para a varanda.

— Gentes! murmurinou o Zé Carneiro.

Entônces o coronel, a saber do que houvêra, bateu na mêia-porta.

Um cachorro, o *Leão*, pulando de riba da marquezia ladrou, o desavergonhado, com os pellos do lombo em pé e os vidros dos dois olhos a luzirem, que nem si tivesse uma candeia por dentro de cada um.

— Acomoda-te, excomungado! — gritou a Chica, dando-lhe com a chinélla uma lambada de mestra no focinho.

O *Leão*, ganindo, fugio p'r'os fundos da varanda, com a cóla grudada no trazeiro e a chupar, de mêdo, as pëlles das costéllas cheias de gafeira.

— Que hai, comadre Chica? — perguntou o coronel.

— Ai! minha Nossa Senhora dos Afflictos! Nem lhe falo, compadre! Crédo! Uma cousa rúim que deu hontem no Izidro! A môde que foi um ataque de cabeça, que o pobre de Christo empeçou a ficar rôxinho, rôxinho, e, ao depois, gumitou pela bôcca uma sangueira, tanta, tanta que deixou a cama n'um pantâno. E tudo por môde da Constança, compadre, que desgarrou p'r'a cidade com o péste do Mestre-régio, que attentou a rapariga com falinhas e promessas.

— A Constança? louvado! Quem diria, comadre Chica!

— Pois que foi. Nem quero me alembrar!

E os dois amigos repararam o feio feito da rapariga, que assim sujava ar. barbas do Izidro, homem de honra e de vergonha.

— E o Izidro? vae melhor? — indagou o Zé Carneiro.

Que sim. A Chica, com a cara n'um alagôeiro de lagrimas, contou que a Gertrudes, mulher de boa sabença e de entendimentos como um doutor, já déra de beber ao infeliz um caldinho de kannos de gallinha com bagos r't mamôna, e o benzêra sete vezes com arruda, pois o pobre o que tinha era muito máo olhado por môde o passadio e a vida abastôza que, levava.

— Já sabes? o Miguelinho! mataram elle! — contou o coronel.

A Chica não soubêra desta ruindade, que todo o tempo fôra curtinho, bem curtinho, p'r'a carpir as consumições dos seus peccados, vindas assim, sem que ella s'aiprecatasse, mais a disfeita da Constança.

E afundando a cara no avental, a velha soltou os choros novamente, aos tempos que a filha da Bicóta, viúva do Durvaünho, batia-lhe nas costas, a 'conselhar.

— Assossêga-te, mulher! Não faças espantos, crédo! O Izidro amenhã, si Deus quizer, já pôde sahir p'r'as suas obrigações.



— Bem, comadre. Se percizar mande lá em casa, que é de gosto. Até logo, si Deus quizer, que não entramos por móde a pressa que nos leva. Da Constança eu vou falar ao compadre Maméde Zeferino.

E já largando os passos: — Estimo as melhoras do Izidro.

Agora o sói lavava a pótes a estrada, deixando-a molhadinha de luz como os enxurros das chuvadas do inverno — que derrubam as cêrcas e dissóram a mandiôca.

Sem ouvidos á rôda p'r'a saberem das conversas, os dois homens, entônces começaram a falar do Miguelinho.

E foi o Zé Carneiro, pessoa de bôa cabeça, que memorou a desgraiceira do boi na vara, carregada por muita gente a escuidos do defunto Antonio Juca, mas que elle, Zé Carneiro, attentava em maldades do Miguelinho.

— Agóra, compadre! — recusava o coronel.

— Cant'eu estou que sim — arengava o outro. Aquilio era creatura de ruindades, pois que não foi p'ra bôa cousa que Deus Nosso Senhor o marcou naquelles geitos.

E Zé Carneiro, obstinado, jurava que fôra por maldades, que fôra por vindictas das más opiniões do povo á roda da vida delle, que o Miguelinho puíra a corda do boi-na-vára e fizéa aquella desventura — como igual runca se contou em terras da Trindade.

Dois homens e quatro mulheres, carregadinhos de familia, com as tripas p'r'a fôra da barriga, os pobres, como rolos de linguíça cahindo de samburás!

Tirantes os desaventurados que as chifradas pegaram em riba da cama, e os estragos nas roças, e os estragos nas cêrcas, que foi como si por alli cruzassem os ráios dos ciganos e mais a sua fome arrenegada.

— E olhe uma cousa, compadre — continuava o Zé Carneiro — o Miguelinho nem teve um dito de pena; e era só que a desgraiceira chegara p'r'a castigo do povo, que atizanova, d'agrádo, o pobre do animal.

Era já passante das dez horas quando elles vararam a cancélla do Miguelinho.

E foi um caro custo, santo Deus, passar través o povoléu, abafado em roda do defunto, topetando o terreiro, vasando p'ra fôra das pitangueiras do cercado, que era mesmo como nas festas do Divino, quando o Juca leiloeiro abre as guélas amostrando as prendas ou as massas doces — que cheiram melhor que o incenso das novenas.

Estirado, de papo para o ar, lá estava o Miguelinho, com os buracos dos olhos que nem cóvas e os beiços da bôcca já pinicados pelos urubus.

Um bandão de formigas, das vermelhas, ia e vinha pela cabeça tirante a barro sujo, corria na terra em duas fileirinhas, uma para cá e outra para lá, conversava uns instantinhos e, ao depois, se sumia adeante, no meio das folhagens, debaixo das laranjeiras.

Môscas verdes, dessas que sujam varejo na picada, as péstes, tapavam-lhe as orelhas, brigando umas com as outras por móde do logar.

A's vezes maribondos vinham vindo, vinham vindo, com as pernas rm cácho, e pouzavam na bôcca escancarada do cadaver, arrodêando daqui, mexendo as barbas d'alli, desenquiétos, os raios dos malvados, como se houvéra quem os quizesse segurar.

Já um enxume, que principiava de rôxo nas unhas e azulava no can-góte, ia enchendo, ia enchendo as pernas das calças do Miguelinho, abrindo mais nos pés as grêtas das frieiras, que aguavam como troncos ao depois da chuva.

E o christão que se achegasse rente a elle, crédo! nem podia direito suspirar, pois sahia do morto uma catanga d'azedo e d'estrume velho, que enjuava no cheiro e fazia na campainha das guélas engrulhos p'ra grumitar.

Num canto da casa, picando fumo em rôlo, o Jóca Serrano conversa, a contar umas historias das bandas delle, o próza, de dois defuntos que amanheceram na estrada, no "passo" do Caveiras, tendo um deUes a cabeça tão socada, barbaridade! que até nem se sabia quem era o infeliz!

E deixa que o malvado do assassino, andava tudavida nos olhos do povo, fala a um, escuita a outro, ajudando a carregar os dois defuntos, porque um, moço viageiro do Rio Grande, era mesmo amigo delle.

—r Mas campeia daqu', — falava elle — bascúia dalli, e o bicho foi logo de verêda pealádo. Era o Brocatinho, justado com o irmão, um doutor italiano, o malvado do assassino. Miatára os homens p'ra roubar.

E o Jóca Serrano — amostrando com a mão o povo todo á rôda, jurava que si elle fôsse "vaqueano naquelles mattos, havia de garrar o Ciiminoso pela cóTa", pois talvez o tendido andasse ali a farejar, como um graxain, o cheiro do cadaver.

— Me representa que o miserável é crioulo destes rincões e tem que-rencia bem rentinho de nós — assuntava para um velho d'olhos de boi manso e que, de quando em quando, coçava e recoçava o pescoço resequi-do e mais cheio de grêtas que a casca da aroeira.

Entonces o Zé Carneiro, que escuitara de longe esses dizêres e era homem entendido, nos raciocinios do miôlo, s'achegou ao pé do Jóca Serrano a se pôr céрто áquellas falas de juizo.

— Mas credite, compadre Jóca, que mal o desgraçado botar os pés maldictos no terreiro, tão verdade como viver o Nosso Pae no céu, o Miguelinho hai de gumitar as sobras da sangueira que tem nos bôfes.

— Bótem elle de bôreo! — berrou o velho d'olhos de boi manso — Bótem elle de bôreo, que eu amostro como o malvado se achega num instantinho.

E já os dois filhos de Manoel Balbino pegavam no defunto, quando o coronel, que vinha do grupo adonde o Alvico da Gertrudes arresmun-gava por móde o descazo da velha, falou que não fizessem aquillo, que deixassem o homem p'ra policia bulir, pois era prohibido cotucar defun-tos antes do Delegado.



Mas o tempo ia passando, apressurado, na garupa do sói, como si fôsse tirar o pae da força.

Uma a uma as mulheres bateram p'r'as suas casas, a preparar o comer, que as familias, coitadinhas, já deviam estar com as tripas numa ronqueira de gastura.

O sói queimava; fazia tanto calor como nas zinas do verão.

Por móde disso, entônces, o povo s'abrigou á sombra dos cafezeiros, a pitar, nas folgas das conversas.

Bem no céu, arrodendo como a pedir vento sul, um bandão d'urúbús avôejava, tarando o Miguelinho cá em baixo e mais aquelles que o velavam.

Para adeante, n'um logarzinho verde de pasto, por entre os ramos dos cafezeiros, avistava-se uma vacca vermelha deitada sobre as unhas, remoendo, remoendo, com dois vira-bóstàs escanchados em riba da ca-cunda.

E de quando em quê, não se sabia donde, uma corruíra prirrichichava, como um ráio da cidade que estivesse a inticar, escondido entre as 'folhagens.

— Vancê vio o Maméde Zeferino, compadre? — intentou o coronel ao Zé Carneiro. — Que diabo, homem! como é que elle até agora não veio cuidar d'um caso como este!

— Não lhe botei desd'hontem os olhos em riba. Vi foi a velha, que lá está a roncar no chão da cosinha, mais a gata.

E reparando na mão do amigo:

— Que páo é esse que é mesmo como um alevadoiro de engenhoca?

— E' p'ra entregar a policia', que o tapei ali debaixo e ainda está sujo de sangue e de miôlo. Foi com elle que mataram o Miguelinho.

Já um bandão de gente se achegara e o Candinho Reculúta, que vendia puxa-puxa nos domingos e fôra soldado no tempo da revolta, botava a bôcca no mundo, a jurar que na véspera, na bôquinha da noite, vira a velha carregando aquelle páu p'ra móde se aguentar na bebedeira.

O coronel, naquellas falas, trancou a physionomia, a se alembrar dos dizeres da Maricas, logo de manhã cédo.

Entônces chamando de banda o Zé Carneiro, cochichou com elle uns instantinhos; e o povo abrio a bôcca ao avistar os dois vararem a porta do Miguelinho.

— Hum! aqui hai rabo de malvado! disse p'r'ós outros o Candinho Reculúta.

E se querendo fazer de sabichão, saiu a bafejar, aqui e alli, que to-pára o assassino ;que não fôra, pois senão a velha, bruxa éxcommungada, que déra cabo do filho p'ra livrar o lombo das lambadas e ter de noite, sem reparos, os innocentes p'r'a chupar.

— Bichos a comam, estuporada dos infernos! — gritava o velho d'olhos de boi manso. — Mesmo que o Miguelinho fôsse uni -filho arre-

negado, um péste que tinha na cacunda duas mörtes, carregara elle na barriga nove mezes e lhe déra o leite dos seus peitos.

Uma vóz, porém, sahio da manta d'homens á beira da cancélla, a dizer que fôra muito bem feito o escarmento no falador, lobis-homem desgraçado que botara quebranto nas ninhadas e matára, só com os olhos, a vacca da Gertrudes.

Mas o Manoel Balbino, que até aquella hora só abrira a bôcca nos "bons dias", protestou, coçando a cabeça por baixo do chapéu:

— Não é bom p'ra Deus falar dos mortos, nem s'alevantar falsos testemunhos. Crédo! A velha é uma pobre de Christo que não faz mal a ninguém e toma por móde s'esquecer das consumições da triste vida.

O Alvico da Gertrudes já déra p'r'o lado a gusparada e ia desmentir o Manoel Balbino, quando o coronel, o Zé Carneiro e mais a Damasia-Bebedona appareceram na porta, todos três.

A velha, branca que nem cal, tinha a cara de gente do outro mundo, que assim só a filha do Izidoro da tafôna, a come-barro, que déra conta da parêde do quarto d'ella e penava agóra na Santa Casa.

Na claridade do sói fechou os olhos, sacudindo a cabeça d'um lado para outro, tal si o capenga do sachristão lhe tinisse a campainha da missa nos fundos do miôlo.

— Bamos, barnos tia Damasia — convidava o Zé Carneiro. — Bamos ver o Miguelinho.

Borbulhes de conversas ferveram no povo.

Nuns instantinhos um poder de gente se achegou, tapando os passos, os de trás nas pontinhas dos pés por móde ver a velha.

— Deixem caminho — dizia o coronel. Deixem caminho, homens de Deus! Caréce levar ella p'ra junto do cadaver.

Mas, nesses tempos, um homem que ficara junto ao Miguelinho e, que, sem querer, o coitado, tropicou e cahio em riba da barriga do defunto, gritou n'uma fala de susto:

— Olhem! o Miguelinho! está botando a sangueira pela bôcca!

Ao ouvir o dito do sujeito o povo teve um estremeção; e correu, sem pôr tento nos rumbros, empurra d'aqui, vára d'alli", que era mesmo como a cambulhada dos doceiros sem plaquinhas quando avistam o ráio do Fiscal.

De fôra do cercado o Candinho Reculúta, escumando, gritava, como um perdido da cabeça:

— Foi a velha, foi a péste que deu cabo dô Miguelinho. Foi a bruxa excomungada!

Um torrão de barro bateu em riba, no portal; desmanchou-se, a respingar p'r'os lados, manchando de vermelho o azul claro da pintura.

Com a azoada que o povo fez, a velha abriu os olhos, mais vermelhos que pitangas e baldos de pestanas.

E ficou-se a olhar, a olhar, com a cara de quem quer rir, babando que nem tâlho de mamão.



Ao depois, amostrando as gengivas, raladas como pedras de lavar, cantou na sua vóz que alebrava um doente de cachumbas:'

"Saracura do pantão",  
"Quando choça é todo o anno."

Já o sói cambava p'r'as bandas da cidade, dobrando o morro do Antão, e os sapos, inchando a papeira, os suberbozos, contavam as historias dos brêjos, quando o raio do *tomovel*, o *come-leguas*, bufando como uin boi na vara, parou na porteira do Miguelinho.

Uma fumaça de *krosénc* que o diabo botava do trazeiro, defumou o ambiente, quç Tiavia uma catinga que empéstava como os bernes d'um cachorro.

Eram cinco as autoridades da cidade, com a policia de somma, o excomungado, que mal s'apeiou da boléia: — já queria saber adonde estava o criminoso p'ra móde elle marcar a lambadas de facão.

Primeiro foi o doutor, um moço mofininho de carnes e com os cabellos tirantes a barba de milho, que se achegou ao pé do Miguelinho, a tapar o cheiro com um lenço de sêda branca.

Móscas e mais móscas, num zunidoiro dos infernos, alevantaram os vôos de riba do cadaver, que era assim como se estivessem n'uma gamélla de frissuras.

Ao depois, foi o delegado, homem alto e barrigudo, que vêio e oateu com a bengala na parêde.

— Arre! como deixaram este pôbre!

— Coisas d'esses homens do sitio — arrespondeu o doutor.

E mal acabaram os dois esses dizeres, e já se foram para dentro da casa do Miguelinho, que o Maméde Zeferino, agora azafamado, perguntava si o escrivão podia principiar a *otópsia* do cadaver.

Entónces vêio um magricélla com cara de cachorro que lambeu sabão, e rôda que rôda um caninho de vidro, e camba d'aqui uma caixa de três pés, e méte lá dentro a cabeça cabelluda, como si piscurasse alguma cousa, a tapar o cangóte com um pano preto a módos de cápa de viuva.

E vae, ao depois, o obstinado, e apérta com força uma xiringuinha de borracha, que nem si dêsse um clisté no ráio da combúca.

— Prompto! — disse elle ao péste do policia. Já está o defunto aqui na chápa.

Mas o povo ouvindo os faláres altos do delegado, correu todo de novo p'r'a beira da casa, a espiar p'ra dentro como em noites de terço.

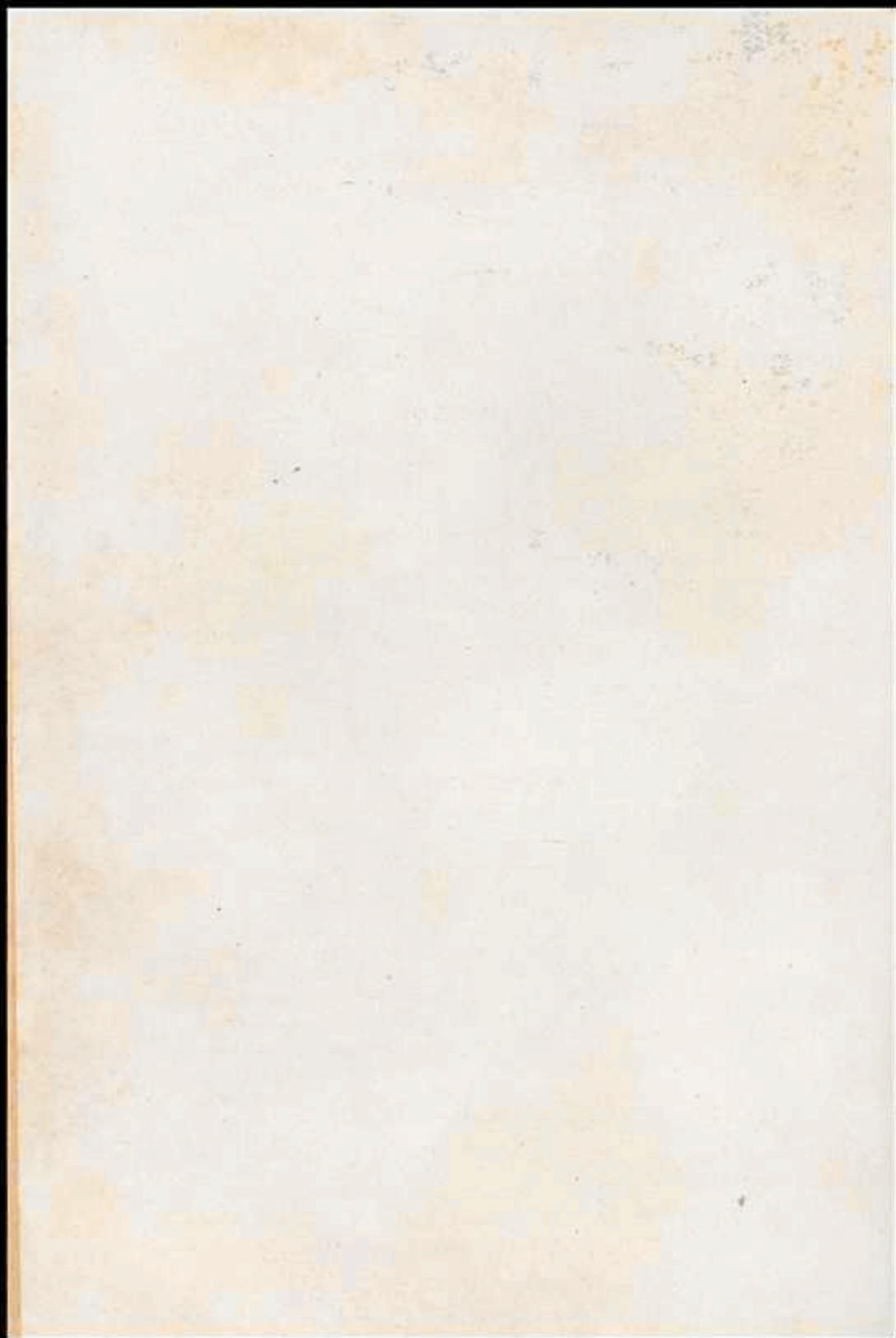
Estavam indagando o feito da Damasia, a plantar o vêrde p'ra colher o maduro, conversas d'aqui e aripucas d'ali, tal o triste do Inspector quando vem na escôla atizar as pôbres das creanças.



GALERIA DOS EDITADOS



MEDEIROS E ALBUQUERQUE  
autor de *Fim*.



Agachada no chão, a olhar as unhas mais roídas que buracos de ratos, babando como um boi, a Damasia, dura da cabeça, apenas murmurinhava o seu dizer de todos os dias:

"Saracura do pantão",  
"Quando choça é todo o anno."

E foi devalde que o doutor, e ao depois o Coronel, e até o Zé Carneiro, lhe malharam e remalharam no bestunto, amostrando-lhe o alevadoiro, com promessas de que mal não lhe faziam si ella confessasse.

Mais de valha, porém, fôra cortar a velha no pescoço, como era de rnodós nos tempos da revolta, que ella estava mais trancada que o bahú do Jorge Turco ou a cabeça d'um póbre desattendido.

Não havia com que a fazer gumitar p'r'ali, o feito rúim das suas mãos, pois mais havéra um triste de soffrer sendo innocente, que a bruxa ir ,pelos seus pés ás grâdes da cadêia.

Já o Miguelinho, dentro do caixão que chegára da cidade, era levado p'r'os sete palmos, e ainda ella, sem nada no bucho, s'obstinava a mirar as unhas.e a dizer o seu canto de todos os dias.

\* Na bôquinha da noite, malhados de tantos indagamentos, sem nada saberem a fóra o dito da saracura, o delegado, o escrivão e o ráio do policia embarcaram de novo no automovel — que o doutor e o homem da combuca já haviam batido p'r'a cidade — enquanto o coronel mandava a velha p'r'a casa delle.

Não fôra a Damasia Bebedona, no entendimento do Delegado, o maldóso que fizéra o Miguelinho embirar para o outro-mundo.

Nem era de valia p'r'a Justiça atizaran a velha, uma póbre maluca da cabeça, perdida da cacháça, que nem sangue tinha p'ra matar uma barata.

— P'ra que prender uma innocente? Tenha a velha por esmola em sua casa, coronel — falava o Delegado. Eu vou me interessar, na cidade, para a recolher ao Asylo. Até outro dia.

— Até outro dia, si Deus quizer.

O automovel deu tres búfos, ringio nas engrenagens, botou uma fumaça catinguenta do trazeiro, pulou em riba d'uma pédra e largou a disparada, o maluquento, corcoveando que nem cavallo picado de motúca.

— Heim, compadre! — fez o Zé Carneiro. Não foi a velha! Entonces aquella sangueira que o Miguelinho gumitou, gentes, mal ella botou os pés no barro do terreiro, não vale nada?

— Homem! São historias das leis novas. O Delegado falou que faltam indícios, próvas, e coisas e loisas. Para mim é preguiça por móde a trabalhadeira do inquérito.

— São todos uma cambada — rematou o Zé Carneiro, lascando fogo do isqueiro. Mais próvas que a morte do caipóra?

Autoridade também, mas sem querer desagradar os dois amigos, Maméde Zeferino trancou as falas e não foi por este nem por aquelle.

— Sabe o que mais? Nem pága a pena a gente se consumir! O Miguelinho era rúim. Mas era um vivente de Christo e está da cóva a pedir o págo p'r'o malvado que o matou. Carêce agora é que a velha não me arrenégue em casa muito tempo.

— Crédo! — exclamou o Zé Carneiro a se benzer.

E os três homens, em passos de procissão, sahiram do terreiro do Miguelinho.

No céu as primeiras estrellas abriam os olhos de prata.

E um cheiro de matto caminhava nos ares, demorava-se uns instantinhos e, ao depois, se sumia, para deixar apenas o perfume côr de oiro das laranjas maduras.

### III

Um dia passou, léva que léva, ligeirinho, como quem vae de atrás p'r'a novêna; e vieram outros, com chuueiros c vento sul, e o Miguelinho nem teve falas de lembranças nem missas por alma delle.

A velha, essa, que o coronel tinha ganas de vêl-a pelas costas, lá se foi para o Asyio, a curtir a falta da cacháça.

E ninguém mais no sitio cuidou do assucedido.

Mas n'um sabbado, tendo fechado a venda por módos os ráios das posturas, o Manoel Balbino, que dava o mata-bicho á custa das patácas que tirara na cabra, s'alembrou do negregado.

E foi entonces que falou das suas scismas acêrca d'um mascate, um gringo de más feições, que elle topara a resmungar prágas e debiques p'r'o Miguelinho, que a tarde inteira pechinchara dois còvados de baêta.

— Mas foi ou não foi a Damasia Bebedona? — intentou o Alvico da Gertrudes, alimpando com a mão a bôcca molhada do tráguinho.

— Nem vélha nem pêra vélha, coitadinha, que aquillo não é vivente p'ra matar uma creatura — informou o Manoel Balbino. P'ra mim só foi o excomungado do Mascáte, já corrido d'outras bandas por módos as linguças de gente que fazia, como escutei da bôcca do compadre Maméde Zeferino.-

— E a sangueira que o defunto gumitou ao ver a velha no terreiro, que era mesmo como a xiringa quando s'aperta no saquinho?

Deante desta pergunta que só o coronel podia arresponder, o Manoel Balbino trancou os beiços e mexeu os hombros.

Mas o Quincas Barnabé, que era Méstre régio aposentado, atirou que, p'ra elle, haviam sido os "figados do coitado que rebentaram por módos a quentura do sói e o pézo dos estrumes."

— Que malvadêza como aquella ninguém hai de fazer outra! Crédo! — ajuntava elle, a se benzer com a mão esquerda.

— Olhem vancês — intrometteu-se o João Xandóca, homem de poses e dono dos chiqueiros mais gordos da Trindade.' Olhem utna cousa, A gente deve dar o perdão aos que morreram. Mas o Miguelinho, Ave



Maria, era homem de máus Íntimos! Alembam-se do dito da Constança? A fujona, verdade se diga a custa da cabeça, não era nenhuma santinha <le páu ôco, tanto que resvalou com o tinhoso do professor e a estas horas deve estar se regalando na cidade. Môça do Miguelinho é que não era, pois aquillo nunca foi homem p'ra girar a cabeça d'uma soberba, que nem bôcca tinha p'r'os bons dias.

E ao depois de beber um trágo:

— Aquelle dito era mesmo de ruindade.

— Afôra a lambança dos três cruzados e os maus olhares que elle tinha — ajuntou das bandas o Quincas Barnabé. Que estes olhos, que a terra hai de comer, nunca viram cousa mais piór.

Mas o Zé Cardózo, que attendêra bem o dito de Manoel Balbino, depois de alimpar na manga do casaco a bigodeira, berrou para os que o ouviam:

— Pois fiquem sabendo da minha opinião. Quem deu cabo do Miguelinho foi o ipéste do mascate, creditem, e não outro malfazêjo. Aqui no sitio não véve gente capaz d'uma ruindade daquella. Alembam-se vancês de quando o Miguelinho esteve co' as sezões? Não foi o povo que o cuidou?

Entonces o Candinho Reculúta, que desde os princípios das conversas somente envergara o braço, soltou que fôra a velha, e que nem que o defunto do pae delle viesse arrenegal-o com ditos ao contrario, deixava de jurar as suas scismas.

— O que foi é que a Damasia Bebedona tem a capa dos graúdos da cidade, que já andam, os urubûs, a farejar a casa e mais o sumido do terreiro.

— Apróvo eu os teus dizeres, aggregou o João Xandóca. Nem é de duvidar que os unhas de fome estuporados, ao pé d'umas patácas, topem sempre rabões p'ra se desquitar de maçadas e deveres. Vancês estão alembrados da Custodia?

— A mulher de João Camillo? — indagou o Zé Cardózo.

— Ella mesmo. Pois nem um pingo das heranças a triste vio, que as róças do finado, e mais as inconomias, nem chegaram para o ráio da Justiça. E foi tudo em cômes e bébes! E ao depois ainda ella, a coitada, nem côbres teve p'ra págar ao Maméde Zeferino a mortalha que o marido levou p'r'o cêmitério.

Uma catanga picicante de cigarro, que se caldeava aos cheiros do as-sucar nêgro e da bolácha doce, andava nos áres como um vagabundo: sem nada o que fazer.

As mais das vêzes, porém, se respirava a fortidão da cacháça, que era mesmo como na beira do alambique do Cantidio Rosa, na Lagôa.

Do lampeão, pregado n'um páu da grade azul que defendia a barri-quinha do mata-bicho e bem ao pé do chifre prêto que dá os bons nego-cios, uma tira de fôgo, que <sfuirava o vidro, ia subindo, ia subindo até

se esparramar no forro baixo, redemoinhando n'um fervido de maribondos que tiveram a canzóla desmanhada.

Já a misturar a vista que nem o ráio d'um mirólho, o Zé Cardózo, quebrantado e requebrantado d'aquellas falas, agalchou-se a um canto, com a gaita em riba do Joelho, a tocar o *Maçamco*.

E foi o Candinho Reculúta que de primeiro abriu as guélas, tirando a cantiga por móde inticar com o Alvíco da Gertrudes.

Oh! Alvíco l vancê disse  
Que é senhor p'ra me embrulhar?  
Pois as táboas que tem no forro,  
Quero vêr vancê contar.

O outro, pinicado, pelo dito do Candinho e mais as gaitadas dos ouvintes, arrespondeu, n'um báfo de fumaça:

Vá s'embóra, re culúta,  
Não s'entúfe a sabichão,  
Que eu não sei de porco velho,  
Avexádo por leitão.

Entrementes o Candinho se achegou ao pé do cantador.

E todo proza, revirando os olhos para o Manoel Balbino, que alinhava de novo em riba do balcão os cópinhos da branquinha, bateu os beiços:

*et iobusv.*

..r, ..iimm

Sae d'aqui seu frango d'agua,  
Toma lá minha resposta:

-r, > m-r/:

fra,, T úir,i'ibq

Do boi nunca tive mêdo  
Quantô mais da triste bósta,

o.'-)- -VjilcY \*\*

— Arre! gritou a rir o Zé Cardozo, apertando com mais força o fôle da gaita.

Houve naqueles momentos umas cruzas d'opiniões.

Entónçes o Alvíco da Gertrudes, perdido da cabeça com a viltança, **eyou a mão atrai c** cantou uma biana nas fússas do Candinho.

E os dois, **gudunharam-se** as veras, que nem cachorro por mode um mocoto.

Com pouco, porém, o fytanoel Balbino, ajudado pelo Zé Cardozo e o JxiãQ Xandóça, dejsapartarqm os brigadores, "que allí era casa de familia e todos deviam arrespeitar."

Mas do meip braços do João Xandóça, escumando de ganas, o Candinho Reculúta jurava, pelo leite que mammára nos peitos da mãe delle, como havia de tirar desfórta grossa, pois não haverá de deixar sem págo a bofetada que levará.

— Que venhas que eu t'amostro, seu ráio excomungado! — berrava o outro, com os olhos que nem pitangas de vermelhos.

A noite ia caminhando, bate que bate no relógio, sem parar, coma quem vae á casa do vigário ou da parteira.

A luz do lampeão, baldia de *krozéne*, quasi não alumiaava a cara das pessoas.

Um' cheiro de fumaça cossegava nas gtiélas, sujando de pretúme as ventas do nariz.

Ainda o Zé Cardózo virou mais um traguinho por móde da friagem que intanguia na rua.

Um gato miou atrás d'uma barrica, amolando as unhas na madeira.

No silencio que se abrio, como uma caixa vazia, percebia-se, longe, um terneiro'berrando, ao par do barulho do vento nas folhagens.

O Manoel Balbino, com mêdo d'algum repique, prendeu na venda o Alvico da Gertrudes; entanto o Zé Cardózo e o Quincas Barnabé, que moravam p'r'as mesmas bandas, carregavam o azôinado do Candinho.

Na rua fazia um frio d'empedrecer as juntas e gerar tosses e reumatismos.

Com parencças de mais alto, muito negro e muito largo o céu fais-cava d'estrelinhas, que era mesmo como um fôrro de velludo com cagalúmes dependurados.

Por móde o traiçoeiro do sereno, que incha as tripas e resfria os bôfes, os três bateram os 'pés n'um cento e vinte papa léguas.

Caminhavam sem falas, tira que tira, enjuados de canninha e a resmoer as scismas da cabeça.

Só o Candinho Reculúta ia pitando, por móde s'esquecer da disfeita que o avexava e mais o ardume que esquentava a cara delle.

Mas tão verdade, tão verdade como ser elle o filho do finado Anicéto da Carvoeira, havia descarmentar o estupor da Gertrudes, que bem cêdo saberia o gôsto dos sete palmos.

Agóra passavam em frente a morada do Izidro, toda de bôa telha, com janellinhas azues e cêrcas de pitangueiras nas duas bandas e adonde cantavam, em dias de sói quente, canarios e gaturamos.

Lá dentro, que seria? ainda não se assôprára o lampeão, pois se avis-tava luz pelas figsas da porta e mesmo pelos vidros da janella ao lado, a que dava p'r'o laranja e tinha caixas de magiricão nos peitoris.

— Crédo! — exclamou o Zé Cardózo, parando. Quere ver que o Izidro está pior?

— Coitado delle, que aquillo era homem de vergonha e a disfeita da filha foi mesmo p'ra dar cabo dos dias d'um vivente.

— Bamos lá? convidou o Zé Cardózo.

— Eu que não vou. — foi logo dizendo o Candinho Reculúta. Que i.ão quero topar com aquella bruáca da Gertrudes.

— Pois entonces até amenhã, si Deus quizer.

E os dois se foram p'ra casa do doente.



O compadre Izidro? — foi logo de chegada perguntando o Zé Cardozo pVazafamada da Gertrudes, que viéra abrir a porta, a caminhar na pontinha dos pés.

— Ruinzinho, bem ruinzinho. Estou que nem pássa desta noite. Deu uma somneira no coitado, que até parece a morte que vae chegando. Entrem, entrem que está um frio de matar as bananeiras.

Na varanda', assentada num banquinho, a Chica chorava a carpir aquella sina rúin da vida delia.

Em róda algumas comadres, de cháles na cabeça, n'um silencio de velório, assuspiravam, a passar de vez em quando o lenço no nariz por móde enxugar as aguas da friagem.

Da cosinha chegava um chiádo alégre de chaleira a ferver e a referver; mas o tic-tac do relógio, cruze! era assim como uma tésoura a cortar fazenda p'ra mortalha.

Um sabiá, pula' que pula nos poleiros, gragolhejava, espantado com a luzama.

Ao avistar o Zé Cardozo, a Chica desandou na choradeira, enquanto elle ia dizendo, para acalental-a:

— Deixe disso, comadre Chica. Não s'amofine tanto, que até pôde ficar murchinha do juizo com essas consumições.

— Não que me precáte — arrespondia ella — Mais vai' se andar no mundo sem por tento nas pessoas, que chorar as desgraças da má sorte. Valha-me a Nossa Senhora dos Afflictos, pois cem annos viva eu e cem annos lhe darei as contas do meu rozario.

— Carece bem que vancê s'achegue p'r'a santinha, comadre Chica — advertio a Gertrudes, alimpando os olhos no avental. — Homem bom como o compadre Izidro — não hai dç haver outro no mundo. Desta elle não se fina; mas a desdita da Constança, aquillo! lh'o hai de levar p'r'o cemitério.

E ao depois dum suspiro mais triste que um gemido:

— O padecer do coração é como a doença dos peitos; vae chupando, vae chupando um triste aos poucochinhos.

— Já teve nóvas da Constança? — perguntou o Zé Cardozo.

A Chica não recebera nada até ali; pois não foi de merecimento os pássos do Maméde Zeferino. O coronel, esse, que tinha importancia na cidade, estava em riba d'uma cama côm leicenços nos quartos.

— Pôde até que os fujões nem 'tejam na cidade — adeantou o Quincas Barnabé.

— Agóra! — informou de entendimento a Gertrudes. — A cidade é um mundo de grandón,. ; hai muita bibôca p'ra esconder quem tenha culpas no escrivão. Da derradeira vez que eu fui correr os Passos. — continuava ella — inda em vida do finado, quebrei uma rua por móde cercar a procição. E quando dei por mim, Ave Maria! nem sabia adonde estava! Era um bandão de ruas a se cruzarem daqui p'r'ali, d'ali p'r'aquí e a gente a piscurar uni rumbo — mais tonta da cabeça que uma coruja na luz do sói.

— Mas a policia já está de olho arregalado, ajuntava o Zé Cardozo. Mal os pombos se bótem a caminhar — é só pegal-os p'r'o casório.

— Pois sim, pois sim. — duvidava a curandeira. A Véva do tio Joãozinho, a desinfeliz, ahi ficou de barriga á mostra, entrementes o ráio do estupor do filho do Izidro se foi a casar com uma graúda da cidade. São tudo embustes dessa gente da Justiça. A Damasia Bebedona deu cabo do Miguelinho e lá está no Asylo, a excomungada, a gosar o bom comer e a dormida em boa cama.

— Não foi a velha não, Gertrudes! Aquilio só foi feito das mãos do péste d'um mascáte, que cruzou por aqui.

Um ar de somno andava amolentando os olhos.

Moída dos penáres e da tardança, a Chica dormia a bom dormir, com os queixos em riba dos peitos e os braços á róda dos Joelhos.

Desde que o Izidro tivéra o ataque de cabeça, na noite da disfeita, que a póbre s'esfalfava a trabalhar.

Camba o velho deste lado, que o triste nem forças tinha p'ra se mexer; perpara remedio d'ali, pois a Gertrudes não cansava d'escarfunchar llo fundo do miolo — tizanas ou rézas de benzedura.

E nunca o seu corpo se deitára p'ra sossegar d'uma horinha só, tantas eram as obrigações das suas mãos e as scismas rúins do seu juízo.

Morre não morre, com a lingua mais grossa que lingua de papagaio, o Izidro já estava um poder de dias em riba d'aquella cama, sem valia dos chás e dos defumes d'arruda apanhada na lua nóva.

E, tirante isso, batiam e rebatiam no desgosto a vergonha da filha e mais a soidade delia, lá dentro dos seus peitos a roer, a roer, e cá fóra sempre viva na boluda almofada das rendas, que ficara n'uni canto, coitadinha, como a chorar também a falta da sua dona.

Bem que a rapariga, quem soubéra! talvez nem se alembresse da desgraça do pae e da morte que, por causa délia, o velho carregava na cacunda!

Bastamente, nos instantinhos em que o marido dormia um somno de doente, ia indo o scismar da pobre Chica ao feito d'aquella noite, pulando-lhe a cabeça, como as manjúvas nas aréias, os pingos de sangue que topara nas véstes do Izidro e que as suas mãos lavaram, bem lavadinhos, por móde o povo não descobrir que fóra o velho o malfazêjo.

E, p'ra maior pensão dos seus pezares, vinha subindo, vinha subindo a cértá de que o Izidro, ao so finir, ia direitinho p'r'os infernos, tal e qual o homem que ella vira, num quadro do Santo Anjo, na casa do coronel.

A's vezes, de tanto scismar assim, dava um grito que assustava a Gertrudes!

Era que tinha visto o Izidro a se carpir, arrodado de quinbingas, dentro d'uma tina de bréu a ferver, entrementes o Miguelinho, com cára

de pôrco, ia dando lambadas de porrêta na cabeça do triste, tirando d'êlla mais faiscas que o fuzil da pedra d'um isqueiro.

E quando não esta vizagem, parecia-lhe ver dois pés de oáto l.0 lo-gar dos pés do velho, como assucedeu no dia da botija.

Mas como se muda assim a vida d'um christão, que mal nenhum nunca fizêra e tinha sempre as mãos abertas p'r'as esmolas l

— Seja tudo o que Deus quizer — consolava-se ella nos íntimos dos peitos. Hai tempo de sol e hai tempo de chuva!

E a Chica memorava, entônces, pedaços velhos da sua vida.

Ai l como sentia, por uns instantinhos, as suas consumições mais longe que a cidade!

A Constança inda comia as pápas de polvilho e a casa em que moravam, na práia dos Inglêzes, tinha rósas subindo nas paredes e pitangueira^á ródá.^ -

Da janella de caixilho azul, todas as tardesinhas, com a filha nos braços, ficava a ver o mar, a ver o mar l a espera da vèlla branca que lhe trazia o amor é a abastança dos varais.

E agradava tanto ao seu coração, tanto, ouvir o marulho arrastado da onda que, mesmo dormindo, nos seus sonhos, ou entônces alegre, no seu canto — era aquelle ruido que a embaláva e a enchia de felicias.

Para ella a terra toda estava ali; ali dentro daquillo que os seus olhos viam l

E os seus olhos, esses, viviam sempre a se enxarcar no verde das arvores e no verde do mar — adonde também os olhos azues do céu ficavam o dia inteiro, como os olhos de um namorado.

Nos tempos da chuva, quando o triste do inverno esfriava como defunto, e o vento sul gania nas físgas das janellas, a Chica passava os tempos á beira do oratório, a pedir á Nossa Senhora a protecção para o Izidro, pois que seria d'êlla no mundo, viuva, e com uma filha pequenina nos pobres braços.

Mas no fundo dos seus peitos, caldeado nas rézas, batia também o amor d'êlla pelo céu azul e pelo sol; que sol e céu eram as soidades dos seus olhos!

E alembra-se do Izidro môço, enalhado na práia, a canôa cheia de peixes côr de prata, com as calças regaçadas e a gandóla de baêta azul, e mais os nêgros dos cabellos que o vento desmanchara, cheirando a ma-fézia; ou, entônces, nas tardes de tainha farta, que era mesmo alêgre como um dia de festa, com a agua do mar até á cinta, arrastando, com os outros, a rêde que ella cruzara, malha a matla, e lh'a déra, por São João, nas vésperas do casório.

A rêde! Dias e mais dias levava a trabalhar, do amanhecer á boqui-nha da noite, com tantas felicias no coração, tantas! como se aquillo fosse uma renda gráda do enxoval!

— Larga um pouquinho esse affazer, que até pôdes ficar arcada da cacunda — vinha o pae e lhe dizia.



Mas a Chica, soltando muchôchos de sorrisos, atirava a cabeça para trás, fazendo tinar as árgolas d'oiro das orelhas.

E tanto repuxava nos peitos a blusa de riscadinho, tanto a repuxava, assim a rir, que até se via por baixo da fazenda — as formas das duas rôlas...

Como se carpira uma feita, ai desgraçado! quando o Izidro lhe trouxera a rêde cortada pelo ráio do cação, que soltara, ainda em riba, a peixaria toda e tirara o pago d'uma noite de trabalhadeira!

Ao depois, por môde da Constança, já crescidinha, que pegara a tósse comprida, vieram para a Trindade e o Izidro alevantara, com as economias de dez annos e as heranças do pac d'êlla, a casa de bôa têlha em que moravam.

Desde abí o velho, todo lambido pelas rôças, nunca mais botara os pés dentro da canôa, pois a terra era farta de summos e dava cada repólho, louvado! que era p'ra empazinar a barriga mais faminta.

Veio um Santo Antonio; e vieram outros; e um bandão de vezes as andorinhas fizeram os ninhos na beira dos telhados.

Um dia o Izidro, com os olhos vermelhos, véio a ella e falou em vóz de chôro:

— Chica! A Constança está botando os peitos e perciza saber. Ramos mandar a rapariga p'r'a escola das freiras, que o coronel 'tá sempre me dizendo: "Attente Izidro, que aqui no sitio só se aprende a cavucar nas rôças."

Ella vae com a filha délie, a Mariquinhas, e nós, ao depois, todos os mezes...

E não acabou o pobre de falar!

Uma fonte de lagrimas correu dos olhos d'elle, como de duas côvas d'uma pedra.

A noite toda d'aquelle dia a Chica não unio as pestanas, coitadinha, a suspirar, a se mexer em riba da cama, o coração só: bate que bate, que nem se quizêra, o aperreado, sahir para pular nas taboas do soálho...

E cada vez que ella suspirava, e cada vez que ella se mexia, o Izidro preguntava, numa vóz sumida e triste:

— Inda não dormiste, Chica? Não déve haver esperas p'ra se ouvir cantar o gallo! Estou com a cabeça n'um ardume!... Crédo!

Passante um mez a Constança deixou o sitio.

Ai! minha Nossa Senhora da Soidade!

A casa ficou tão grande e a chieira do silencio era tanta, tanta! que niais vontade a Chica sentia de chorar!

Três dias e três noites os dois carpiram aquelle vazio na vida d'elles.

De manhãsinha, quando se alevantavam, nem ella, nem o Izidro tinham vontades de viver, que de valia não lhes era a vida tão longe da Constança!

E os pássos dos dias! Louvado seja Deus! Tão degavarzinho elles caminhavam, tão devagarzinho! que, quando a póbre da Chica, quebrantada

c requebrantada de carpir, olhava as duas pernas do relógio — ellas lá estavam, preguiçentas, em riba do mesmo numero!

Até o sabiá, tão cantador que era! vivia jururú n'um canto da gaiola!

A Chica ficava só, de sol a noite, sem conversantes p'ra cortar o tempo, que o Izidro, por móde se consolar, comprara uma canôa e os dias todos pescava de caniço ou de tarrafa.

Mas com as estrellas, ao voltar das aguas, nem o triste de um peixe trazia no fundo da canôa; soltara-os todinhos, p'ra que a falta d'elles não fôsse carpida pelos pobres dos paes e pelas pöbres das mães!

— Que os peixes, dizia o velho, são viventes e têm coração nos Íntimos dos peitos.

Todos os mezes iam, entónces ver a Constança no convento.

E quando voltavam da visitação, coitadinhos dos dois! vinham mais Iristes e mais velhos, tanto que no sitio, á bôcca pequena, toda a gente falava que elles não demoravam a bater p'r'os sete palmos.

Assim caminhou na terra a vida do casal, 'té o dia em que o sol entrou de novo pelas janellas.

Foi quando a Constança, de sáia cobrindo mêia perna, chegou no carro do polaco, letrada e sabendo tão bem falar, louvado! que maior agrado não havia que escutar os seus dizeres.

Vinha outra, a rapariga, com o cabello repartido em dois no meio da testa, o rosto de bôas côres e tão lindo, tão lindinho, que era mesmo, mal comparando, como o rosto de Nossa Senhora!

— Ai! meu menino Jesús! — dizia a Gertrudes toda alegre de prazeres — E' mesmo uma linda que ella vem.

Houve festanças; e até o cantar do gallo, na fogueira que lavrava llo terreiro, chiaram gôrdas batatas dôces e grossas cannas d'assucre.

Entrementes, dentro de casa, dansou-se a mais não poder, que o Izidro mandou buscar três músicos de fama da cidade e foi de fazer doer os mocotós.

Até o Zé Cardozo espremeu de gôzo a gaita; e nunca se ouviram no sitio tiradas mais bonitas!

O Juca Serrano, esse, também descantou, á viôla, a quêrumana das bandas d'elle, botando versos por móde inticar com os dansadores.

E a Chica, coitadinha d'ella, ao memorar o que fôra a sua vida, vinha vindo até aquelles dias de desgostos, deixando no caminho um alagoeiro de choros.

Esperavam-n'a a chieira dos peitos do Izidro, ou, entónces, a vóz rouca da Gertrudes. — Ande d'ahi, comadre Chica; deixe de s'amofinar, creatura, que o sol que vae s'embôra volta noutra menhã.

E a sua vista se retrançava ao dar com o póbre do Izidro em riba d'aquella cama, vermelho do queimôr da fêbre, e tudo por móde o pêste do Mestre régio, que carregara a Constança por maldades da sua alma arrenegada.

Não que tanto o consumissem os ditos do povo e a morte do outro estupor, que pagara bem pagado as aleivosias da sua lingua e, a estas horas, tinha mais bichos a rebolarem que os berneiros d'um cachorro.

Mas o ráio do professor, es.se, havia de ter a lingua mais esturricada que uma fôlha sêcca, que era a praga que lhe rogava da desgraça feita na familia.

Naquella noite, a despique do parecer agoirento da Gertrudes, o Izidro não têve a carência d'ares p'r'os suspiros, nem o chiádo na cruz das costas, que o atiravam rôxinho em riba dos travesseiros, com os olhos iixos e suando que nem tampa de panélla.

Desde quasi um pouquinho antes do Zé Carneiro chegar, o velho dormia n'uma somneira tão sumida, que duas vezes a Gertrudes scismou que elle tinha se finado.

Por isso, e não por nada, a Chica pudera arriar o queixo nos peitos e os mais conversar em descanso uns instantinhos.

Já os gallos começavam a cantar, os apressurados, a pedir logo a madrugada.

Com os olhos pisca que pisca de somneira, Quincas Barnabé namorava, no relógio, o ponteiro pequeno, que iparara em riba das quatro horas, entretentes o outro, o grande, magro como um caniço, ia trepando no numero doze.

Com pouco se ouviu como um estálo, e ao depois uma chiêira, 'c logo as horas: *pan, pan, pan, pan!* como os pingos da goteira nas bôrdas d'umq bacia.

— Não demôra o amanhecer — falou, abrindo a bôcca, o-Zé Cardázo.

— E' certo, — concordou a Gertrudes, frestando um pouco a janella que dava p'r'o gallipeiro. No verão já estava claro. Agóra, neste ráio de inverno, o sol é preguicento, preguicento! Mal se bóta em riba e já está, o dorminhoco, a espiar os morros por môde se deitar. Um tiquiniiio de dia, crédo! e é escuro como brêu.

Nesses tempos, a Chica, dando um grito, abriu os olhos.

Quem sabe um sonho máu da póbre cachimónia?

Mas não! Era que o pescoço lhe doía tanto como castigado d'uma canga. Quiz se alevantar e foi devalde.

— Pois vancê, mulher, vae dormir de cabeça p'ra baixo que nem cajú? — ia dizendo a Gertrudes, afomentando-lhe o cangote com enxúndia de gallinha 'preta defumada em palha benta. Até lhe podia bater uma moléstia rúim e vancê ficar sem guéllas, cruzes!

A Chica, debaixo d'aquelles passamentos de mãos que a alúviavam, preguntava pelo Izidro, que ella nem sabia como fôra aquelle dormir o tempo todo.

Em rôda todos falaram, entônces, que Izidro ia bem, que dormira a noite todinha sem falta d'ares nem gemidos.

— Ai! E' certo? Minha Nossa Senhora! que eu até scismo que é sonho da cabêça! !



E como o Zé Cardózo lhe batia nas costas, a dizer que nóva melhor não podia receber ao abrir dos olhos, a Chica desatou na choradeira e bateu, apressurada, p'r'o quarto do marido, pois o Izidro já se mexêra em riba da cama, suspirando.

A Gertrudes, azafamada, correu logo p'ra cozinha, a buscar a canéca do remedio.

Uma das velhas, que o barulho espertára, com os olhos da cara que nem bôfes de gallinha, abriu a bôcca, fazendo o signal da cruz por móde Irançar a entrada ao estupor.

As outras dúá? roncavam bem roncadinho um somno assossêgado, pois si eram sôzinhas, avezadas a grudarem as pestanas até sol alto e não lhes atizanava o passadio — o incerto dos pobres de Christo.

Filhas do finado Theodóro Veterano, pagava-lhes o Governo o méio-soldo, que dava bem p'r'o consumo da barriga e ainda p'r'as pitadas do rapé.

Maridos sem contagem as duas engeitaram, pois o pouco que o pae "deixara não 'havêra d'ir parar aos bolsos de qualquer malvado, p'ra elle depois viver á tripa fôrra.

Porém, no sitio se mexericava, fala aqui, fala acolá, que ellas guardavam a donzellía por móde o amor que ambas tiveram, cruzeis l ao defunto vigário Machadinho.

— Bamos, compadre? convidou o Quincas Barnabé — Bamos nós, que já cumprimos as obrigações e a massáda foi mesmo d'alimpar a alma d'um culpado.

— Sem o conducto?

— Crêdo! Nem que vancê não tivesse'em casa beijú para o aparádo.

Na sala toparam com a Gertrudes, que voltava carregando nos braços uma bacia de louça branca, d'onde sahia a fortidão do vinagre e da mostárda.

E vinha tão cega dos olhos, ella, que nem vio os dois de chapéu nas mãos, já rente á porta, andando na pontinha dos pés por móde não fazer zonzeira nos ouvidos do doente.

A Gertrudes ia falando, como aguada do miolo, que aquillo fôra milagre, só milagre, pois inda na vésp'ra o Izidro avistava môscas a róda d'elle e tinha os olhos parados e vidrentos como os olhos d'um bonéco.

Na rua a madrugada se desembrulhava das suas capas negras, amostrando o corpo claro e a cabelleira de luz.

O vento sul havia parado.

Apenas a friagem, que andava no ar, raspava como um rálo e tinha cheiros de mattos húmidos e de laranjas.

Ao pé da porteira do Coronel uma vacca preta mugia, botando pela bôcca um bafo quente e fumarento.

E esse mugido — era o único rumor que espertava o silencio.



#### IV

Emfim, graças a S. Sebastião, o Izidro sempre se alevantou d'aquella cama, tão magro, tão sumidinho, crédo, que era mesmo um *me vâlha aqui senão eu cáio!*

Quasi vinte noites e vinte dias padecera o póbre, vae não vae, por mór dos seus peccados e da assanhada da Constança.

Pelas guélas, coitado, nesses tempos, não lhe desceram nem sôpinhas nem conductos, pois a Gertrudes batia o queixo só em scismar que, por móde do comer, podia a sangueira subir de novo p'ra cabeça do compadre ou tapar-lhe as cóvas do coração.

Por isso, e mais pela doença, o velho estava mais fino que um bilro de rendeira.

Mal tomava, o triste, um góle de caldo de gallinha — assim mesmo bem assoprado em riba por móde os olhos de gordura — batia-lhe a sustancia na fraquêza e era um dó se vel-o juntar logo as pestanas e ali jazer, branco que nem cal.

Quando esportava da sonneira, vinha entónces assim como umas friagens no miôlo e o desaventurado começava a falar, a falar, tal e qual um homem baldio de entendimento.

E essas falas, grossas e peganhentas, tinham parecenças com bóias de páu boiando no melado.

— Ai! meu Deus! — assuspirava d'um canto a póbre Chica, ao avistar o Izidro fazendo visagens com a mão direita, que a outra, a esquerda, ficára tão esquecida como si não fôsse d'elle.

— Acalente-se, compadre! — vinha a Gertrudes e consolava. — Antes o ter assim que debaixo da terra.

— E' que o triste dá mostras de desarvórado da cabeça, que nem a mulher do compadre Zé Cardozo.

Atontado do juizo, por móde da fraquêza, que faz embrulhos no raciocínio e embaça a vista! — explicava a curandeira — Alembra-se do meu Alvico, quando teve as febres das sezões? Entónces?

Mas a Chica, com o coração a negar os dizêres da Gertrudes, só via, través o aguaçal das suas lagrimas, o seu bom velho ali naquella cadeira, sem um pingo de vontade, os pés chumbados dentro das chinéllas e os olhos fixos na gaiola do sabiá, bóie que bóie, dependurada no forro por um gancho de arame a que as môscas, as péstes, empreteceram de immundicias.

E o trabalho p'ra deital-o!

Era de fazer suar as téstas da cabeça!

O homem ficava assentado em riba da cama, olha p'r'a Chica, olha p'r'a Gertrudes, fazendo tanta força p'ra dizer — que até parecia, o coitado, querer gumar as suas falas.

E como s'obstinava em não tirar as chinéllas, mais as calças!

Antanho o infeliz dormia as noites todas!

Mas agora, crédo! passava-as d'olhos arregalados e a se remexer como um picado de sujeira.



Assim corriam os dias, sem prêssa, atormentando a Chica e lhe deixando pobrezinha de esperanças.

Já nem scismava em ver o Izidro como era elle antes das desgraças.

Porém, um domingo, S. Sebastião 'fez outro milagre e ganhou mais uma véla de libra, d'aquellas que tentam os santos nas proméssas e o Maméde Zeferino enfeita de papel de chocolate — por móde vendel-as pelos olhos da cara d'um christão.

O Izidro andou por seus dois pés, muito devagar, é certo, muito devagarinho, mas sem o auxílio da mulher e da Gertrudes.

Era um domingo lindo, tão lindo e alegre como a bandeira do Divino Espirito Santo!

Fazia sói; e no céu muito limpo e muito claro, avistado cá de baixo, por entre uma renda fina de luz, um urubú avôejava, avôejava de mansinho; e, de tão alto que elle estava, parecia uma carocha prêta a caminhar em riba d'um cliále de sêda azul.

Não ventava, nem de lêve; de maneira que no calôr que vinha dos ares e subia da terra, as bergamótas derretiam o summo côr de oiro que ellas têm, as ricas, nos favozinhos das cascas.

E aquelles chêiros naquella manhã fermósa, manhã de missa com sinos a repicarem, espertavam nas creaturas as soidades das festas da Trindade, quando as raparigas namoram e os rapazes, por vindictas, atizanam nos leiões os ráios da cidade, á sombra das barraquinhas de folhagens.

Foi um alegrão os passos do velho da cadeira p'r'a janella da varanda!

A Chica, n'uma tremura que lhe fazia bater o coração, nem ria, nem chorava, n'um canto da mêsá do comer, com a bôcca escancarada d'espanto, a scismar, até, que era um sonho da cabeça aquillo tudo!

Entrementes a Gertrudes, com as mãos em cruz nos peitos, gritava, que nem maluca do juizo, a dizer que fôra um milagre, pois nunca scismara cila que o Izidro caminhasse tão pertinho.

E foi um falatório em todo o sitio, de casa em casa, que parecia nas vésperas dos fôgos; e se contava que, na hora do Izidro andar por seus dois pés, a Gertrudes sentira um cheiro de incenso e o sabiá, coitadinho, abriera o bico, a cantar, perdido de alegria!

Na boquinha da noite, já a casa era um tiquinho p'r'o bandão de gente que se mexia lá dentro.

Todos tinham, bem no fundo dos seus peitos, uma véra satisfação por ver o Izidro senhor do seu andar, que o póbre padecêra muito por móde do grande amor da filha e a vergonha da sua cara.

E não era elle p'ra merecer aquellas desgraceiras!

Homem bom até ali, pois desde o dia em que viêra, com a familia, e mais os trastes, p'r'as bandas da Trindade, nunca as suas mãos se tranca-ram para os pobres ou a sua bôcca se abriu p'ra debiques e viltanças que atizanam os mais.

Quem tivesse percisão e se achegasse a elle, levava p'ra sua casa o cruzado da farinha.



De princípios o coronel, com ciúmes do pôvo, não botara no velho olhares de boas tenções.

Mas, ao depois, até lhe gavava o proceder e andava de falas com os gaúdos por móde fazer o Izidro Juiz de Paz.

Era da bôcca de todo o mundo o caso da Bicóta do Amâncio, a póbre, que ficara com cinco familinhas nos braços, uma na barriga e sem um ri-quinho de beijú em casa p'ra matar a fome.

Isso quando do desgarré do péste do marido, excommungado cachaceiro, que, ao depois de malhar e remalhar a póbre da mulher, ainda a deixou, na noite negra, e alou de burlantín n'um circo de cavallinhos.

Mal a nóva, porém, bateu a correr os quatro ventos, já o Izidro, cheio de dó, carregava a desgraçada, mais a familagem, p'r'a casa d'elle, que um prato de feijão ninguém deve de negar.

E lhe deu, passantes dias, o rancho de tabatinga onde a triste vive hoje, no caminho das Três Pontes.

De virtude, pois, que o povo rezasse p'ra vel-o de saúde e já andasse de cóta p'r'a missa de acção de graças.

A Chica nem mais tinha falas d'agrado na póbre da cachôla p'ra receber tanta da gente.

E era rizados, e era choros, e era abraços, que até parecia que ella viéra da córte.

— Ai, que foi mesmo São Sebastião! dizia a todos.

Só o Izidro, assentado na marqueza, não dava tento ás falações, com os olhos fixos na gaiôla do sabiá ou, entônces, cochila que cochila como atontado da bebida.

— Hum! — vêio dizer ao coronel o Maméde Zeferino — O velho escapou d'esta, mas ficou vazío do raciocínio.

— Talvez que seja da fraqueza! — disse o outro.

Ao cabo d'uma semana já o Izidro caminhava a casa toda.

As cores voltavam-lhe pé ante pé ao rôsto; só o entendimento ficara que nem si estivesse embrulhado n'uma colcha e o braço esquerdo, tão dormido e bambo como si fosse destroncado das craveiras.

A bôcca abria apenas p'r'o comer e p'r'o beber; si tentava falar, coitado, nem mesmo os ouvidos do compadre vigário, que estavam mestres nos cochixos da confissão, apercebiam-lhe os dizeres.

Um dia a Gertrudes falou da desventura da Constança.

Foi como si disséssem a uma pedra: arréda que vem um ráio!

O velho nem mexeu com as pestanas, nem bulio com os carinhos, ficou-se adonde estava, o triste, com a vista fincada na péste d'uma aranha, que vinha vindo degavarinho, degavarinho, p'ra riba d'uma póbre môsca descuidôsa.

Entônces, a sacudir a cabeça, com um dó verrumando os fundos do coração, a Gertrudes ficou certa de que a doença aguara o rniôlo do compadre.

E foi dobrada em choros que ella se agarrou com a póbre Chica, a confessar que o Izidro perdera o entendimento da cabeça.



— Mais de válha fôra o ter morrido — falavam no sitio á bocca pequena. No fim sempre era o descansar.

Um mez passou em riba daquela vida.

Já o frio batera as pernas p'r'as outras bandas e os espinheiros dos caminhos, topetados de flôres, eram mesmo, de perfuintos, como as moças que vão p'r'os bailes.

Cigarras chiavam de quentura todo o dia, as descuidózas, a dizer onde estavam aos famintos dos louva-deus.

E os pessegueiros, refohudos e todos verdes, escondiam da soalheira os fruitos peludinhos.

De tardezinha, quando o sol cambava o Morro do Antão, o velho vinha cochilar, assentado no terreiro da casa d'elle, em baixo da parreira.

Estava bom, é certo, porém não dava tento a fôra dos instantes de comer.

Podiam-lhe até picar motúcas e varejeiras.

Uma feita, o coronel, p'ra ver si o desempedrava, falou também do passo da Constança.

O coronel lêra nos livros que é bom se dar um choque nos baldios de raciocínio.

O Izidro nem reparou nos modos da conversa, que foi até como si lhe falassem nas línguas das estranjas.

Cambaleou um pouco da cabeça e feçhou os olhos, na somneira do seu costume.

— Ai! como elle está! clamou a pobre Chica. Quem liavéra de dizer!

— Mas também o compadre Izidro não era homem de muitas falas — alembrou o coronel. Sempre foi muito trancado de bôcca.

— Agóra! compadre. Trancadinho p'r'os estranhos, e mais os ditos do povo.

Mas dentro de casa era um regalo nas historias.

A noite vinha vindo devagarinho, a accender as candeias das estrellas, por módé alumiar o caminho p'r'as almas do Paraíso, que sahem sempre a passéio pelos céus.

Os grillos, debaixo das pédras e nos buracos das paredes, criçriavam que nem loucos, fazendo até nos ouvidos dos christãos, os pêtes, uma chiêira dos peccados.

Entrementes longe, n'algun tronco de garapuvú, uma cigarra das grandes retinia alto, parecendo o sonido de um sino que ficasse demorando nos ares.

Dentro de casa a Gertrudes, que accendera o lampião, chamava a Chica, mais o coronel, p'ra beberem o café.

Já estava ljin escuro e a vista, por mais fina que fôsse, nem differençava, debaixo das laranjeiras, um pôreo d'um cachorro.

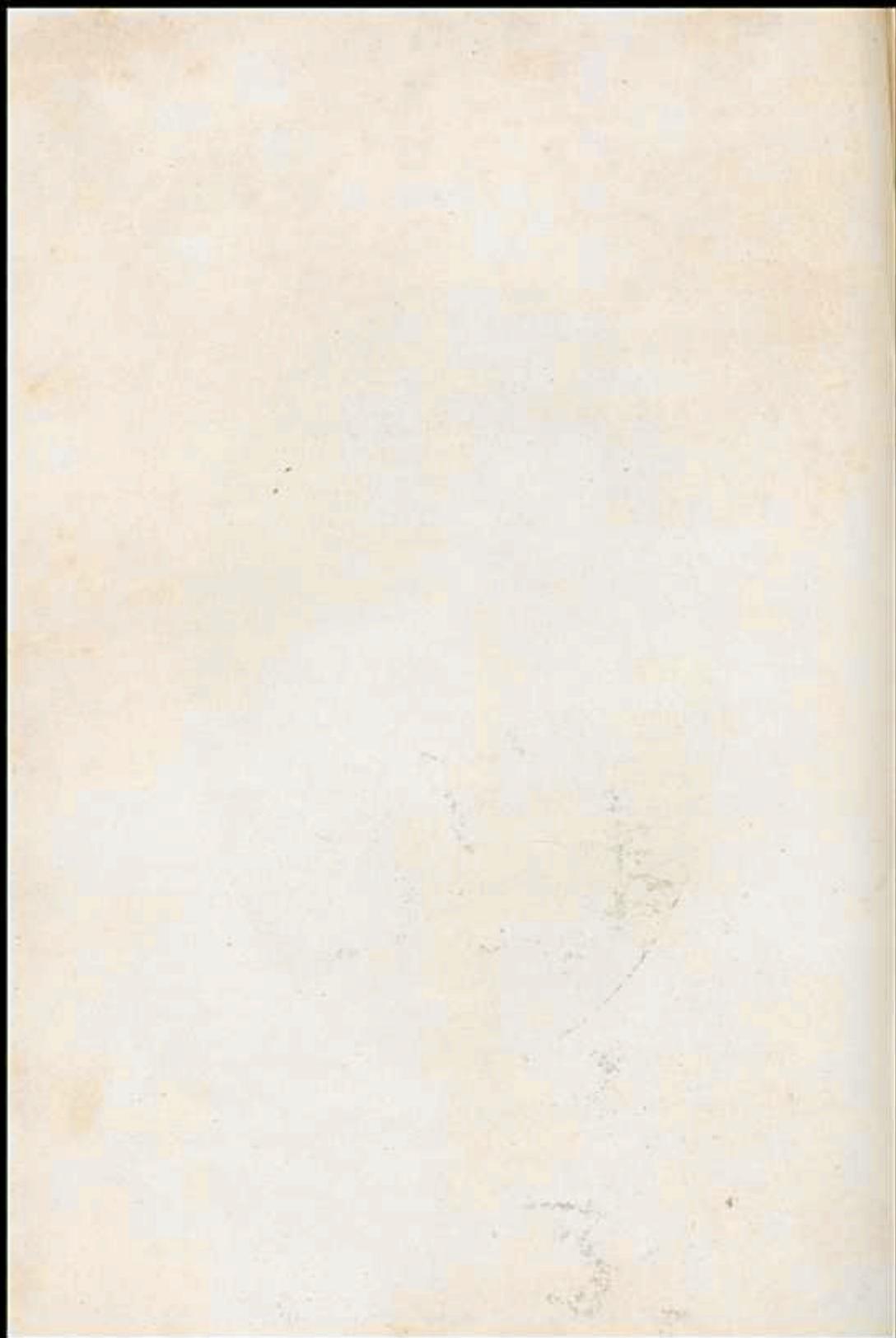
Fazia um calor de trovoada e na suspiração, apercebia-se o cheiro de arêia quente e de folhagens sêccas.



GALERIA DOS EDITADOS



ROQUE CALLAGE  
autor *'O drama das coxilhas.*



— Bamos, Izidro, bamos, que o café 'tá esfriando.

Mas o Izidro, máu grado o chamamento e a promptidez que tinha p'r'ó comer, nem despregou as pestanas, nem remexeu os pés a piscura das chinéllas.

— Ai! Minha Nossa Senhora! — já clamava a Chica, n'uma afflicção que lhe arregalava os olhos — Acuda aqui, compadre, acuda aqui, pelo amor de Deus.

Aos gritos da póbre velha a Gertrudes appareceu, aos tempos em que o coronel, com a mão na bôcca do Izidro, a ver si elle suspirava, dizia p'r'a coitada da Chica:

— Não s'assuste que não é nada. Carêce levar elle p'ra dentro de casa por móde do sereno. Isso talvez que seja do calor.

Um morcego, o excomungado, passou avuando p'r'as bandas do curral, a chupar as tristes vaccas.

Cagalumes abriam, aqui e allí, as luzes dos corpos delles, que nem si tivessem, os lumarentos, pavios em baixo das azas e fossem cheios de *krôzenc*.

Devagar, com as mãos n'uma tremura de máus presentimentos, o coronel agarrou o Izidro na cruz dos hombros; a Gertrudes bateu ás bandas, a ajudar; enquanto a Chica, embaçada da vista por móde do chorar, segurava nos pés do velho, mais frios que as aguas na força do inverno.

E assim os três, todos cuidadózos, o foram levando p'r'o quarto de dormir, donde o botaram em riba da cama, o triste, já com o nariz fino e as fontes da testa fundas como calcadas a dêdo grande.

O coronel, molhadinho de suór, esfregava nos pulsos do infeliz um pano com vinagre; mas a Gertrudes, que se tinha na conta de sabichona c não gostava de ver ninguém amostrando sabenças nas artes d'ella, gritava que o melhor era fazer a sangria no doente, "pois o sangue que parava rio miôlo carecia sahir por móde não coalhar".

— Pique em riba do braço direito, um palmo abajxo do sovaco e ao depois de bater sete vezes no logar — ensinava a curandeira. Pique sem cuidados, que eu vou na cosinha buscar um alguidal.

Ao dar com os olhos na Chica feita em cata-céga, anda que anda a se repelar pelo quarto, a Gertrudes destemperou a lingua, arrenegada:

— Oh! mulher? crédo! Vancê não enxérga a gente nestas trapalhacões, com pouquidade de braços p'r'os trabalhos e nem se mexe p'ra ajûda dos mais! Tranque a janella, cruze! tranque a janella por móde o vento e deixe de chorar, que o Izidro com pouco fica bom.

A negra nova, por certo, corra o sitio, pois o Alvico apparecêra, apressurado, na porta do quarto.

— Sube na venda do Manuel Balbino — informava elle. Sube da bôcca do compadre João Xandôca.

Um calorão de afogar as ^ntas mais desentupidas, apertava a suspiração, esquentando que riem a bôcca de tafôna.

Em riba da commoda a lamparina d'azeite de mamona, dentro de um pires, erguia a sua luz muito clara, allumiando o rosto lindo e as véstes azúes de Nossa Senhora da Conceição que uma redoma de vidro defendia das môscas e da pœirama.

Já a Chica batera p'r'a cosinha a buscar o assucar, mais as têias.

— Agarre aqui, comadre Gertrudes, agarre aqui, que é p'ra poder picar certinho no logar.

E o coronel, com a ponta do canivete, fez o tálho no braço do Izidro. Mas qual!

Nem uma gôta de sangue appareceu; apenas uma agua vermelhenta sahiu do pique feito, escorreu pelo braço do soffrente e começou a pingar, a pingar, em riba do lençol.

O coronel, entonces<sup>1</sup>, botou o ouvido nos peitos do Izidro e ao depois exclamou, n'uma voz abafada, p'r'a Gertrudes:

— Deus tenha piedade dos seus peccados.

\* — Ai! o meu-compadre! — gritou a Gertrudes, quasi suffocada, n'um soluço de choro — Santo Deus nos válha! Que hai de ser da comadre?!

Em riba da cama o Izidro, de bôcca escancarada, tinha os olhos abertos, já baços e parados.

— Paciência, comadre Gertrudes, paciência, que Deus sabe o que faz — falou o coronel, a cruzar nos-peitos as duas mãos ossudas do Izidro. Córre lá em casa, Alvico, e diz á Mariquinhas que o compadre se finou, agôrinha mesmo.

A Chica entrava neste instante, trazendo o assucre e as têias de aranha para estanco da sangueira.

— O Izidro? — exclamou ella com os olhos esbugalhados, parando de sopetão. O Izidro...

E ficou trancada de beiços, tremendo das pernas que nem varas verdes e a olhar a Gertrudes, a olhar, crédo!

Ao depois, agarrando a cabeça com as mãos, cahiu nas taboas do soálho como um sacco que se esvazia de momento.

O Coronel abrira de novo a janella. por móde entrar o frêsko.

A noite caminhava suberbósa, arrastando o seu rico vestido de velludo negro, creio de estrellas de prata que luziam e reluziam.

Não corria nem uma aragemzinha p'r'o consolo dos tristes.

As laranjeiras, os cafezeiros, todas as arvores estavam paradas, atentas aos rumores, como se escuitassem encapuzadas nos escuros.

Um báfo mórno, em que havia um chêiro de flôr do matto e summo de cajueiros, atontava a cabeça.

E longe, para as bandas da casa do Zé Cardózo, uma gaita ia gemendo a cirandinha-cirandôna.

Mas, quem a ouvisse, scismaria que a musica, de tão distante, era feita de algodão.

Florianopolis — 1923.

OTHON D'EÇA



## A HISTORIA LITERARIA DO RIO GRANDE DO SUL

**U**SAVA dizer o sorridente Remy de Gourmont, para explicar amavel e discreto as suas mascaras, que soia passear nessa viagem literaria á sombra das arvores: — "s'asseyant un instant au pied des arbres les plus forts, les plus beaux ou les plus agréables". Tal attitude é agradável, além de ser attica e silenciosa.

Tenho que foi essa a maneira, muito nobre e esthetica, do snr. João Pinto da Silva, confessando que, ao traçar o caminho das letras 110 Rio Grande do Sul, despresára os pormenores da paizagem.

Pela sobriedade de seus conceitos e segurança de cultura literaria e largueza de visão, mereceu elle de ser altamente consagrado em todo o paiz.

Assim em evidencia na literatura nacional, como no Rio Grande, seus livros de logo despertam cuidado e attenção.

Pelo livro de agora esta curiosidade se extremou, até a da critica refohada e vindiça.

Escritor de sobejas virtudes, exercendo o mistér de critico sem as malquerenças e delimitações de escolas e nenhuma attitude, adquiriu o snr. João Pinto da Silva autoridade para tratar, nesse officio, das coisas do espirito. E o seu gesto nunca é de enfado ou oratorio, nem pesado, nem rutilante. Sabe guardar a sabia medida, num mixto da commissura da ironia de Anatole e do sorriso de Remy de Gourmont.. São elles, aliás, os seus criticos predilectos. Vem a proposito dizer que o snr. Tristão de Athayde já havia elogiado este apuro e entendimento, reflexo de cultura e harmonia de uma nobre arte.

Mercê de tal entendimento e civilidade, procura o sr. João Pinto da Silva, na "Historia Literaria", discretear com variados assumptos, indicando as palavras desamorosas dos chronistas e as palavras amigas, que d'aquí falaram; e por vezes, discretamente, esclarecendo e suggerindo duvidas e opiniões. Mas, sereno e subtil, fugindo das coisas categóricas.

Eis porque, de animo dado a acompanhar ás suas ideias e a discordar delias, abri a "Historia Literaria" com sympathia, lendo-a com maior aprazimento.

Empreendendo a traça das leis que determinaram a nossa psyché, para logo mostra o critico a antiga sabedoria de seus processos literários. Não escreveu paginas embrechadas de nomes e citações de autores, conforme usa a gente inexperiente, que nos domínios da sociologia, as discussões são muitas e estereis, como é de saber-se pefa leitura da conferencia de Azcarate — *Conceito da Sociologia*.

Além do mais, alcançou assignalar, com justeza, o caracter primitivo da nossa sociedade guerreira, em affirmando que, "para a formação do nosso caracter collectivo, a geographia physica influio muito menos do que a geographia politica".

E, accrescenta o grande Oliveira Vianna, depois de referii o movimento de expansão do povo brasileiro, que, no Rio Grande, essa conquista, sobre sei\* mais guerreira, foi mais violenta e bejlicosa. Explica, após desta affirmativa, a formação do povo gaúcho: — "D'ahi o facto singular de que na sua maioria, os primeiros senhores de estancias, que se fixam nas regiões interiores do pampa gaúcho, são guerrilheiros e caudilhos brilhantes, vindos das grandes campanhas platinas." (1)

Portanto, os rio-grandenses, gente que se preza ainda de valente, têm o caracter magnifico e nobremente bellicoso, e altivo.

Verdade é que outro talvez seria o nosso evolvimento social, si outros os accidentes geographicos.

E' conhecido o aspecto do homem da collina e da planície, ambos com idiosyncrasias peculiares.

O meio physico, como factor de civilização, apresenta uni caracter geral.

Insulado nos socavões soturnos das montanhas tristes e seras agrestes, o continentino luctaria como outr'ora os guerreiro; da cordilheira andina.

Não se esboçava, porém, a camperiada dos rodeios; a camaradagem guerreira das partidas volantes. Teríamos, o homem sem aquella linha escultural do *Ihaneiro* e aquelle cavalleirismo antigo do farroupilha, aformoseado de gloria.

---

(1) Oliveira Vianna — *Evolução rio povo brasileiro* — pag. 86.

Infante o soldaklo riograndense, outros se mostrariam os delineamentos de sua vida.

O cavallo, companheiro de vida e de morte do gaúcho, alçou-o da terra, dando-lhe a *capitis-diminutio*.

Ademais isto mesmo deixa entrever o snr. João Pinto da Silva, no fim do primeiro capitolo, ao assignalar que a solidariedade dos rodeios nasceu, enfim, da solidariedade dos entreveros e pe-leias honibro a hombro nas luctas guerrilheiras.

Tal commentario se refere ás observações do sr. Oliveira Vianna, no seu estudo sobre a funcção social do cavallo no pampa; o qual veio a declarar que também estudára aquella mesma influencia, noutra parte da obra que nos dedica.

Na verdade, a historia de 35 com a alforria nos negros guerreiros e a sociologia ao contemplar o caudilho, que representa sempre uma sociedade caudilheira, e a mesma ficção, como os contos narrativos de Xavier de Vianna, tudo mostra a democracia equalitaria das guerrilhas perigosas destes pagos, onde o valor nasce do instincto e da coragem.

Tem a crueldade da nossa batalha, belleza humana e esthetica.

Vejo por tudo isto, que á singular feição de um espirito agudo, culto e engenhoso, alia o sr. João Pinto da Silva o dom de compreender e amar ás coisas do Rio Grande, qualidades essas de capacidade e sabedoria. D'ahi se pôde dizer que não é um escriptor descuidoso e que refuge do assumpto com esquivanças. Vê os factos, e pouco e pouco suggéré...

•São mais de admirar taes méritos de comprehensão que a linguagem derramada e o saber pesado de muitos dos nossos escriptores.

De tal maneira, aqui, usa assignalar a influencia ethnica do indigena no centro e sul do Estado, que a historia quanto ao fluxc pelo lado do rio Quarahy, recorda, e a chronica, no raconto do commercio de homens brancos e mulheres indias; ali, observa a ausência paradoxal de espirito épico no trovar gaúchesco.

E tal advertencia, do mesmo passo paradoxal, permite outro paradoxo, senão verdadeiro, muito humano!

E' que, na época da grande conquista, os generaes eram homens de prosápia, e por aqui passaram com suas tropas, e voltavam para os cargos palacianos, como Barbacena, que ainda falava mal da gente e da terra. Poucos adquiriram, então, os nossos hábitos e nenhum se fez igual ao conde Figueira: — "Il a encore un très grand mérite aux yeux de ses administrés, c'est qu'il n'est point étranger à l'art de jeter le lacet, qu'il sait monter à cheval aussi bien qu'eux." (2).

(2) Saut-Hilaire — *Voyage* — pag. 26.



Dos caudilhos brilhantes e gloriosos, do molde maravilhoso do gentil Bento Gonçalves, muitos exercitaram também a sua actividade na outra banda.

Assim, do "outro lado" nos attrahiam os costumes, acima referidos, da bôa lei de cavalgar, e lá quasi se confundiam os nossos destinos, oscillantes entre o molosso da federação brasileira e o molosso do vice-reyno do Prata.

A legenda farroupilha foi depois uma batalha desigual e retrahio o orgulho da musa criôla, sob uns laivos de ironia reflexa.

Viveu desencantada a musa guerreira, quasi sem verso e lenda...

Penthesiléa, sem heroes e deuses amorosos, não perdida de amores, antes esquivada e sobranceira, as suas vozes são desejos de amazonas fugitivas.

Pode-se, afinal, dizer que o homem, usando um direito divino — ao revés do conto lendário dos chronistas, paradisiaco — arrebatava ás amazonas da lenda.

A poesia do Norte canta a seducção das mulheres, soffre a doença, quasi permanente, dos adocicados romances; o nosso canto gaúchesco é de posse e desejo pagão, sem aquelle mysticismo ou abandono de si mesmo.

Sem embargo das referencias do erudito Carlos Bunge e mai' outros, que justificam as ideias do avisado autor da "Historia Literaria", ao qual tenho a honra de contradictar agora, não creio que exista, conforme sua affirmativa, o predomínio da nota lyrica em a nossa poesia criôla.

Para haver predominação lyrica, teria que desabrochar o lyrisimo, sentimentalismo, amor lastimeiro, elegiada lastimosa.

E a nossa lyrica popular nem apresenta grandes paixões, nem loucos enthusiasmos e sonhos fantasiosos, antes oscilla com o rythmo da vida. E' que o gaúcho acreditava, com a ironia de ura grego, no fatalismo do destino. E, quando o destino era máo, rompia de quem não tinha deuses e altar, a palavra pesada.

O homem gaúcho outr'ora viveu quasi errante: assim abraçava ás mulheres, assim encordoava a guitarra.

Refere um velho chronista que: "huma cousa todavia differencia notavelmente o Rio Grandense dos outros ramos do tronco a que pertence e vem a ser a especie de alliança que tem contrahida com o cavallo", (3) para, emfim, dizer que "pelo menos, os gaúchos apparecem geralmente sem mulheres e manifestão mesmo pouca attracção para ellas".

Ao fino Saint-Hilaire, polido e amavel, impressionou mais de uma vez, a descortezia dos nossos patricios para com as damas

(3) Dreys — *Noticia descriptiva* — páes. 168 e 192.



gentis nas festas elegantes dos salões antigos: "Quant aux hommes ils sont peu empressés auprès des dames, leur parlent rarement, et ne montrent pas le moindre désir de leur plaire." (4)

Era o nosso homem fechado de sentimento.

Affirmei, ao estudar a ausência do trovar épico, que a nossa poesia tomara um caracter de ironia reflexa, vivendo quasi sem verso. Aquella feição era antiga, e já se exprimia na letra dos velhos fandangos; foi, em certa época, desdenhoso epigramma. Não perdeu, porém, a symetria, para ser nota aguda e constante; porque, segundo uma curiosa theoria do *folk-lore* musical, a planície empresta certo rythmo de horizontalidade aos sons e-harmonias. Tem a trova gaúchesca a vibração das cochilhas e cochilhões. D'ahi, talvez, com ser irônica, ser algo melancólica como os "tristes" platinos.

A poesia sertaneja apresenta, sob esse critério, e, com mais propriedade, a brasileira, notas salientes e delirantes. FT isto, os agudos, os gemidos e o lyrismo romântico e choroso do canto nordestino.

A poesia pastoril é bucólica e agreste, como sadia e violenta é a poesia arabe antiga. (5)

Primitiva e cheia de simplicidade, nem mostra exaggeros de chromatismo. No feitio dos poemas clássicos do genero, Martin-Fierro, Fausto e outros como o de Amaro Juvenal, é narrativa, por vezes epigrammatica e descriptiva.

O gaúcho, como já disse, era fechado de sentimento, e reíra-hida foi a sua musa. Interpretada á bôa parte, segundo merece, traz a poesia criôla a confissão da indigência. Tem ella o fulgor dos embrechados de muitas cores; parece rica e colorida, mas é pobre.

Isto não obstante, a libertação literaria se aproxima, e o esforço foi grande.

A gente rude poderá então redizer: — "braço ás armas feito, ... mente ás musas dada".

Será o reinado de Ariel, e esse optimismo brilhante nos revela o livro erudito do sr. João Pinto da Silva. Ensina o seu autor á feição de um mestre amigo e sorridente. E, discípulo suggestionado e attento, conversei, porém, para alongar o assumpto. Houve controvérsia, pois não é deselegante medir ideias com os homens cultos.

Ouvindo ás palavras de esperança do fecho do livro, olho com enthusiasmo para o passado e para o fulgor das estrellas, como aquelles sonhadores ensimesmados de Rodó.

(4) S. Hilaire — *Voyage* — pag. 109 e tambem 73.

(5) Pierre Louys — *Artlupl* (*La Femme dans la poésie arabe*).



Resurge para logo o brilho antigo do "Parthenon". Friso do passado: figuras de esculpido e femininos camapheus brilhantes e mascaras apagadas. Porto-Alegre, naquella tempo, era cidade velha e pequena, suas casas não iam além da rua da Conceição e margeavam o rio silencioso.

O autor da "Historia Literaria" evoca este passado com verdade e carinho, ora mostrando a vida daquela associação, cujos membros batalharam em prol do nosso abolicionismo e ensino; ora, as noites de arte, que mantinham uma especie de 35 literário, farroupilha e romântico.

Mas, entre as figuras estudadas, não foi relembrado o perfil romântico e amoroso de Amalia Figueiroa, lyra apaixonada que se quebrou de amores. Seu livro dos "Crepusculos" mereceu ser prefaciado pelo grande Apollinario. Era este, critico judicioso, além de sábio, prosador e poeta.

Da obra regionalista de Porto-Alegre, as "Paisagens" pertencem ainda ao sertanismo romântico; mas nella se alteiam já perfis como o de Sancho Escafuza — monarca das cochilhas.

Foi, em verdade, a quasi resurreição do nome, hoje ingrata\* mente esquecido, de Appolinario Porto-Alegre, obra carinhosa e sincera que nobremente distingue ao critico consciente e generoso da "Historia Literaria".

Nesse empenho vivem todas as paginas de seu livro. Ora é o perfil romântico e amargurado de Lobo da Costa, pagina perfeita de critica; ora, a figura agorenta e misteriosa de Mudo Teixeira, de estylo leve e sorridente. Sem negar os talentos deste poeta romântico e regionalista, julgo, porém, serem os seus versos regionaes inferiores aos de Taveira Júnior; e não encontro impropriedades de imagens, como noutra logar se affirma. na musa campeira de Piá do -Sul...

São duas pequenas discordâncias, que antepoño ao livro que tenho em mão.

Pelo que já vai dito, não conseguirei externar todas as minhas impressões e tudo que aprendi desse livro meditado e escripto com larga sciencia pelo seu autor.

As paginas se succedem, e, ao depois, cruzam os grandes poetas mortos: — o maior, Marcello Gama, ao lado de outro, fidalgo e excelso, Fontoura Xavier. Ambos os dois têm emotividade e ironia, uma certa perversa bondade esthetica.

A escola parnasiana, que no Brasil foi mármore e carne, não domina entre nós, a não ser atravez da musa e da influencia gloriosa de Bilac, dos versos da mocidade. O nosso temperamento é mais calmo, quando não melancolico. E este parnasianismo, inflammado e titânico, embóra hoje Araujo Porto-Alegre seja mestre e avô da fôrma parnasiana, como Virgilio, "*rei dos parnasia-*



nos", não foi aqui muito imitado. E' que a nossa poesia é mais primitiva. Dahi, a influencia do symbolismo, Samain, Verlaine e Francis James, na obra, hoje escola dominante, dos modernos poetas rio-grandenses.

Assim também pensa o critico e autor, quando explica que o parnasianismo exerceu no Rio Grande limitadíssima influencia, e o mesmo não se poderá dizer do chamado movimento symbolista.

A "Historia Literaria" não pretende ser um quadro da evolução dos generos, que determine então todas as modalidades do pensamento riograndense. Deseja, muito ao contrario, fugir até da chamada escola allemã; e, como seu titulo diz, não é obra de erudição, antes é de cultura literaria.

Foi consagrada ás glorias do passado, como cippo das nossas tradições, retomando, porém, feitió estrictamente literário.

Não cogita, por isso, do genero das monographias e obras de erudição, nem do jornalismo presente. Vai aqui uma leve referencia aos escritores que, nesse officio, actualmente se impõem pela continuidade de seus trabalhos. Pelos livros seus publicados, têm nome de pról nas sciencias jurídicas, os drs. Carlos Maximiliano e Fernandes Antunes. E os estudos, obras e monographias eruditas, do dr. Francisco R. Simch, deram-lhe gloria de sábio.

Além de ser dono de estudos historicos e economicos e autor de um livro recém publicado, "O Brasil e a doutrina de Monroe", o dr. Leonardo Truda exerce a critica das artes plasticas e musical, com grandes conhecimentos e visão esthetica. Pela amplitude de sua cultura e actividade, é elle um dos maiores jornalistas da actualidade no Rio Grande.

Vê-se agora que é resumida a actividade intelluctual "relação de livros riograndenses. Na prosa não tivemos i'sco'as literárias, além do regionalismo gaúchesco. Nenhuma outra brotou. E' que ainda pertencemos á terra gróssa. Sem cultura, nem arte, a gente riograndense possui o senso exaggerado das realidades. Vive a vida quotidiana de povo ainda pastor e movimentado.

O mundo das cidades populosas e coloniaes é um turbilhão de gente recém-chegada, e a quietude das pequenas é o patriarcalismo ignorante das cidades mortas.

Temos a paisagem interior; não temos, porém, a perspectiva humana de que falava Nabuco.

A nossa literatura de ficção quasi se adaptou ao meio: — é nobremente regionalista. A-tradição barbara do fogão nos dá uma literatura também barbara, única realidade nossa.

Esta preeminencia foi estudada, com attenção, na parte do livro que trata do romance e conto gaúchescos.



Ahi, reaparecem, numa encruzilhada, os gaúchos antigos de Simões Lopes Netto, e os gaúchos de lenço de seda e paia de seda do sr. Alcides Maya, dois grandes regionalistas do pago.

Mas um morto illustre e poeta glorioso, "vivo no coração riograndense e na voz dos gaúchos, não foi recordado.

Em verdade, seu livro traz um destino cruel, destino que representa urn largo periodo de vida. Symbolisa a tristeza do gaúcho antigo ao contemplar a grande fazenda de São Pedro, moderna já, sem pasto nem tranqueira.

O fundo é politico, mas social, e a fôrma bem gauchtsca. Amaro Juvenal escreveu a gesta do Rio Grande; seu poema campesino, *Antônia Chimango*, se tornou por isso, o mais conhecido aqui de todos os livros populares.

Digressão sem belleza, mas de entusiasmo foi esta minha pelo livro erudito e amavel que soube dar nobremente o balanço das nossas lettrfs. Nelle as excellencias dos outros são realçadas. Muito de antês já as opiniões do critico riograndense eram acolhidas pelos escriptores nacionaes: assim Ronald de Carvalho, assim Tristão de Athayde, que o citava em seu culto ensaio sobre *Affonso Arinos*.

A "Historia Literaria", obra altamente traçada, veio augmentar esse tributo de valor.

Ella me fez pensar num elevado e generoso esforço em prôl da nossa gente, e traz a confirmação dos méritos do escritor e critico elegante e artista.

Setembro — 924.

CYRO NOBRE





## O ROSTO E A CAVEIRA

**U**M dia, ao passar por uma rua da Gloria, fui attrahido por um leilão. Entrei levado pela curiosidade. Era um interior confortável, onde, entre quadros e moveis antigos, se viam livros preciosos em lotes, despertando a attenção de algumas pessoas, interessadas em adquiril-os por uma bagatela.

Fiz, machinalmente, um lance, e o leiloeiro loquaz, depois de apregoal-o e de, por uns minutos, perder o seu preconicio emphatico, bateu o martello.

Foi obra de acaso ficar de posse de um livro raro, uma velha edição de uma obra famosa sobre occultismo e cousas esotéricas, onde o paciente autor commentava a sciencia theurgica de Pythagoras, e os diálogos de Platão.

Folheando, numa noite de tédio, o estranho volume picotado de traças, encontrei umas tiras de papel, amarellecidas pelo tempo, onde mal se percebiam as letras nervosas que continham

Servi-me de uma lente para decifrar o seu conteúdo, que encerrava o enigma de uma alma satanica de mulher. Uma historia de amor que fugia á frivolidade do thema.

Eil-a:

"Conheci-a em todo o esplendor de sua maravilhosa belleza. Era uma estatua de carne, uma Vénus plasmada em lôdo anímico. ...

Em seu corpo esculptural cantava o rythmo das curvas, na harmonia das linhas perfeitas e na graça ondulante dos contornos.



Por onde passava a sua silhueta de Tanagra despertava nos homens uma gula de sensualidade, lembrando uma bacchante que dansasse sobre rosas, ao luar.

Possuía o encanto conjugado de todas as seducções: movimento lúbrico de serpente, voz caridosa de gorgeio, olhos mágicos irradiando a carícia nocturna dos abysmos...

Léa era a espiritualização do mysterio, um paradoxo da natureza: tinha a suave angelitude das feições e um coração de féra. Dava-me a impressão de um monstro... por dentro, de uma Esphyngue que se fizesse alma.

Quanta vez, toda núa, a desprender os negros cabellos, numa attitude de Eva, não tive a illusão de sentir o affago da noite, suppondo-a um capricho goyesco da noite.

E, nesses momentos de extase, os seios surgiam-me á feição de dois mundos, de pomos lunares, offerecendo, no seu conjuncto opalescente, a bélleza espherica do Universo, como si fossem uma floração exótica dos poios...

Nietzsche, si a tivesse conhecido, não diria que o mais formoso corpo é tão somente um veu, que occulta alguma cousa mais bella.

Léa era divinamente linda. Sim, de uni corpo magnifico. Mas teria alma? Não creio...

A's vezes, no meu desespero imaginava-a uma estatua grega, que tivesse o dom da vida.

Quando a vi e me subjugou, dansava num *cabaret* de Montmartre, como rainha do vicio e da bohemia do Bairro Latino.

Entreguei-lhe o meu sonho de arte e a minha fortuna.

Fomos felizes dois mezes, emquanto o meu dinheiro conseguiu retel-a nos meus braços e satisfazer-lhe a vaidade mórbida.

Os seus caprichos — soube-o depois — já haviam feito uma «erie de infortúnios. Em holocausto de suas jóias, de seus vestidos e de suas extravagancias, um principe russo, despojado dos milhões, mettêra uma bala no coração; um pintor inglez, que a tomára para modelo, enlouquecera; um estudante mexicano morrerá num duello e um apache fôra encontrado, em certa noite de inverno, com um punhal cravado no peito.

Era uma personagem tragica, parecendo a encarnação da Fatalidade, surgindo da imaginação allucinante de um morphinomaníaco.

Não sei como descrever a sua louca figura, entregue ao domínio absorvente do espelho. Dir-se-ia um sonho vertiginoso de Edgard Põe.

Escrava do luxo, vivendo para o goso de sua propria contemplação, não amava ninguém, amava-se a si mesma, num requinte de egolatria.



Tinha o prazer sádico de se deixar torturar pelo seu narcisismo obsediante.

Recordo-me de um facto, que até hoje me ficou gravado na memória. E quantos annos já se passaram!

Querendo surprehendel-a, trouxe-a-lhe uma braçada de roças. Entrei pé ante pé no seu quarto. Deitada sobre uma pelle de tigre, defronte ao crystal polido do toucador, inteiramente despida, Léa se adorava, vendo reflectida a sua imagem sol>erba. Sorria, num supremo orgulho de sua carne esplendida. Semelhava, assim, a "Vénus deante do Espelho", de Velasquez.

Após alguns minutos de enlevo, avancei. Ella nem deu pela minha chegada. Desfolhei, num gesto de galanteria, as flores sobre o seu corpo admiravel. E sob a chuva de rosas, Léa se me afigurava uma divindade, alguma cousa de irreal, de grandioso, como si fosse um cysne enigmático, uma symphonia branca d'nebulosas...

Quando, exgotados os meus recursos, procurava prendel-a para que não me fugisse, deixou-me sem um adeus.

Percorri todos os recantos de Paris. Não na encontrei. Desesperado e com um odio mortal pela mulher fatidica, viajei quasi toda a Europa.

Declarada a guerra, vim para o Brasil. Mas a sua lembrança não me deixava. Orgias e toda a sorte de loucuras e excessos não me fizeram esquecer-a.

Conseguí voltar para Paris pouco antes da assignatura do armistício.

Soube, por um amigo, que Léa morrera, quando, numa cidade belga, os allemães entravam victoriosos.

Fui, movido por um impulso diabolico, ao logar onde ella succumbira. Mãos piedosas lhe deram uma sepultura. Uma cruz, com o seu nome gravado em letras mal traçadas, indicava-lhe o paradeiro.

Fiquei horas esquecidas ao pé da humilde sepultura. Depois, sem estar senhor de minha razão, num accesso de rancor insopitavel, comecei a destruir o seu pobre jazigo. O esqueleto estava quasi á flor da terra e o craneo separado do tronco. Fiquei presa de uma fúria selvagem. Segurei a caveira e, depois de interrogal-a com sarcasmo, escondi-a sob o sobretudo, como quem occultasse um immenso thesouro.

De regresso ao Rio, trouxe-a commigo. Nunca mais me separei da fúnebre reliquia...

Parece que, em alguma remota vida anterior, já fui indio guerreiro, dos que guardavam como tropheus os craneos dos inimigos vencidos...

No silencio do meu gabinete, alta noite, quando, sem pudei explicar o phenomeno psychico, se apodera de mim uma violenta



vingança póstuma, fico longo tempo, a fitar a caveira e a estabelecer o contraste com o rosto angélico que fôra antes.

— Como mudaste, Léa!

E rindo nervosamente, com um olhar de desdem e uma entonação de voz soturna, ponho-me a celebrar o meu hediondo triumpho, numa tortura hamletica:

— Onde estão os teus olhos que eram a fulguração do mysterio e encerravam um encanto nocturno?

A caveira, com ás orbitas vasias, me olha sinistra, numa expressão de horror.

— Onde a tua bôca, taça transbordante do prazer, em que fervia a espuma dos sorrisos, a tua bôca, morada do rythmo, fonte de tua voz, e os teus lábios, feitos para o beijo?

A caveira, com os dentes intactos, numa gargalhada muda fixa e pertinaz; surgia-me como um sorriso do Nada...

— Onde "a tua belleza, mulher, que te extasiavas com o teu semblante aurorai, gosando a tua vaidade, o teu orgulho, o teu invencivel poder?

A caveira, que, um dia fôra, revestida de carne, de uma belleza fascinadora, apparecia-me com o mesmo aspecto de pavor de todas as caveiras-

Os rostos se caracterizam por uma configuração peculiar a todos os seres humanos, mas a morte, arrancando-lhes a mascara, mostra nas caveiras uma uniformidade absoluta: todas são eguaes e a todas a terra destroe.

— Onde, Léa vaidosa, mulher de orgulho imperial, está o teu rosto-celeste?

E, para maior tripudio da minha vingança implacavel, colloquei a caveira deante de um espelho..."

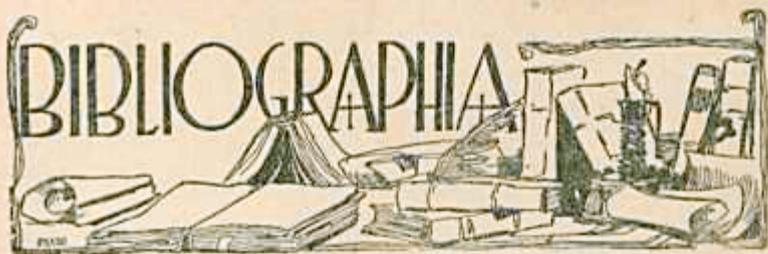
— De quem foi a casa da Gloria, onde hontem houve um leilão? — indaguei ao leiloeiro, quando fui pagar-lhe.

— Pertencia a um celibatario original, que desperdiçou a fortuna em Paris e se matou, ha uma semana, victima de uma neurasthenia aguda.

Ao chegar á casa, o meu primeiro gesto foi queimar as tiras de papel, que encontrara dentro do livro raro, picotado de traças. E, agora, ao se me deparar uma caveira, ponho-me ao trabalho de reconstituir, mentalmente, a figura que se apresentou em vida, estabelecendo o confronto sarcastico...

SAUL DE NAVARRO





*SERVIÇO DE DEFESA DO CAFÉ* — Arthur Neiva, Costa  
Lima, Navarro de Andrade e Queirós Telles — Publicações  
ns. 1, 2 c 3 — São Paulo — 1924.

O "*stephanoderes coffeae*", que infesta os cafezaes de alguns municípios paulistas, teve o condão de fazer com que, num repente, se organizasse em S. Paulo verdadeiro "exercito de salvação", cuja efficiencia nada deixa a desejar ao que de melhor se faça ahí pelo exterior. Entregue á capacidade de Arthur Neiva, scientista forrado de homem de acção, a campanha se desenha com lineamentos auspiciosos, que fazem crer na mais bella e próxima victoria. O governo paulista teve felizmente a comprehensão exacta do mal e, abrindo mão de velhos e rotineiros hábitos, facultou ao illustre patricio todos os elementos de que carecesse para a luta e lhe proporcionou a mais ampla liberdade de acção. O "Serviço de Defesa do Café", improvisado em mezes, é hoje um aparelhamento que faz honra ao grande Estado.

Uma das modalidades de sua acção, a primacial quiçá, e a mais inçada de difficuldades — a tarefa de levar a todos os municípios, a todos os agricultores, a todos os habitantes, a noticia positiva da gravidade do mal e o conselho sábio sobre a sua minoração. Graças aos céos, porém, a mentalidade paulista evoluiu. Já se não despreza a palavra do scientista, do homem de laboratório; o conselho da illustre comissão technica encontrou a mais franca aceitação, sendo obedecido sem pestanejar, embora mesmo ás vezes contra elle se possa levantar a voz dos práticos, que se dizem mais entendidos que os scientistas...

A propaganda que o Serviço de Defesa do Café vem emprehendendo é o que ha de mais bem feito. Pôde rivalizar com o trabalho *yaUkee*. Nada de tapar o sol com peneira. A illustre comissão, a que pertencem, ao lado de Arthur Neiva, scientistas de valor como Navarro de Andrade e Queiroz Telles, não esconde a gravidade do problema, o que aberra dos moldes por que se tem pautado a luta mollenga contra outros flagellos do paiz. Não, com o intuito de gerar pessimismo. Mas sim, para não nos deixarmos tomar de palliativos, que, longe de beneficiar, podem trazer o descalabro da maior fonte de renda do paiz. Essa, a feição moral.

A material não lhe é somenos. Esmerou-se a illustre comissão no apresentar ao interessado a informação exacta sobre o mal. E para isso não olhou a despesas. Fez imprimir bellissimo cartaz a côres, em que, mesmo os ignaros dos segredos do alphabeto, podem ler toda a extensão do mal. Mostram nitidamente a evolução do caruncho em todas as suas phases, e o estado lastimavel a que se reduzem as bagas de café que afuroou. Impressiona. Não ha quem, vendo-o, se não deixe tomar de verdadeiro pavor pela sorte da lavoura cafeeira e se não disponha a entrar de corpo e alma na luta gloriosa.

Acompanham ao cartaz dois folhetos, admiráveis de clareza, nos quaes os illustres technicos se empenham cm pôr ao alcance de todos os estudos emprehendidos sobre o terrível insecto e as instrucções para o seu combate. Espalhados como estão sendo, hão de por força resultar efficientes.

A proposito, entrevistado por um jornal carioca, assim se expressou Arthur Neiva, em palavras pródigas de encómio ao espirito de realização dos paulistas :

"O trabalho de divulgação e conselhos tem sido executado com rapidez. Penso intensifical-o, agora, pois, além da divulgação pelos jornaes diários, dos conselhos e dos resultados obtidos com os trabalhos feitos nas fazendas, o Serviço de Defesa do Café já distribuiu, largamente, por todo o Estado, três das suas publicações, numa das quaes, em cartaz artisticamente feito e colorido, são fornecidas instrucções sobre o modo de combater a praga, ao mesmo tempo que se torna conhecida a biologia do insecto.

"Em meados de Novembro, vae ser distribuído pelas escolas publicas, escripto em linguagem amena e ao alcance da intelligencia infantil, um livro iilustrado, dando noticia da praga e dos processos de combatel-a.

"Deste modo o paulista ficará aparelhado para conter a devastação do maléfico insecto, que sempre o ameaçará, temendo eu que invada elle outros Estados cafeeiros, o que é muito provável aconteça, nos proximos vinte annos, ás culturas daquelles Estados, onde o espirito de realização e de determinação são bem différentes daquelles do povo paulista. Java, ha 16 annos que luta contra o "Stephanoderes", o qual já deu cabo da cultura cafeeira de Sumatra.

"Tenho esperança de que em São Paulo a praga seja contida, embora r.ão erradicada; e, se isto acontecer, como é minha convicção, será este mais um attestado da capacidade paulista para dominar o inimigo, que até hoje ainda não foi batido onde quer que tenha entrado,"

*DA POSSE — Conselheiro Justino de Andrade — Companhia  
Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1924.*

Professor 3a Faculdade de Direito de S. Paulo, onde leccionou por mais de um quarto de século a cadeira de Direito Civil e outras, o conselheiro Justino de Andrade escrevera um verdadeiro tratado daquele ramo de Direito. Sobrevindo, porém, "a sua violenta jubilação pelo governo provisório, que o proprio snr. Teixeira Mendes verberou como um erro de Benjamin Constant", queimou-o por completo, perdendo-se assim uma das melhores peças que viriam enriquecer o nosso patrimonio juridico.

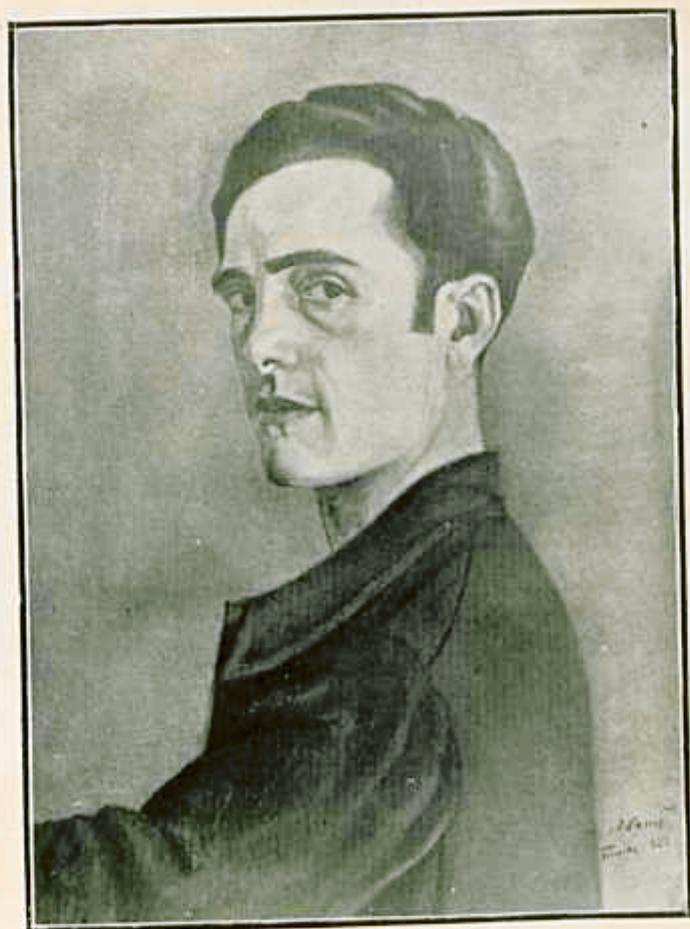
Nem tudo, porém, consumiu o fogo... "Seus cadernos de preleções, verdadeira preciosidade", foram guardados pelo illustre ministro Sebastião de Lacerda, que intentava refazer por elles a obra incinerada.

"São estes que constituem a presente monographia, a qual procurou fadaptar e desenvolver, de accordo com as leis e o direito em voga, quando a publicou na "Revista do Supremo Tribunal", em época immediatamente anterior á promulgação doCodigo Civil, que nesse titulo da posse guardou muitos dos principios explanados nas lições do grande professor, bem pouco tendo mesmo alterado na matéria, que, de resto, não poderia, na sociedade actual, soffrer grandes modificações.

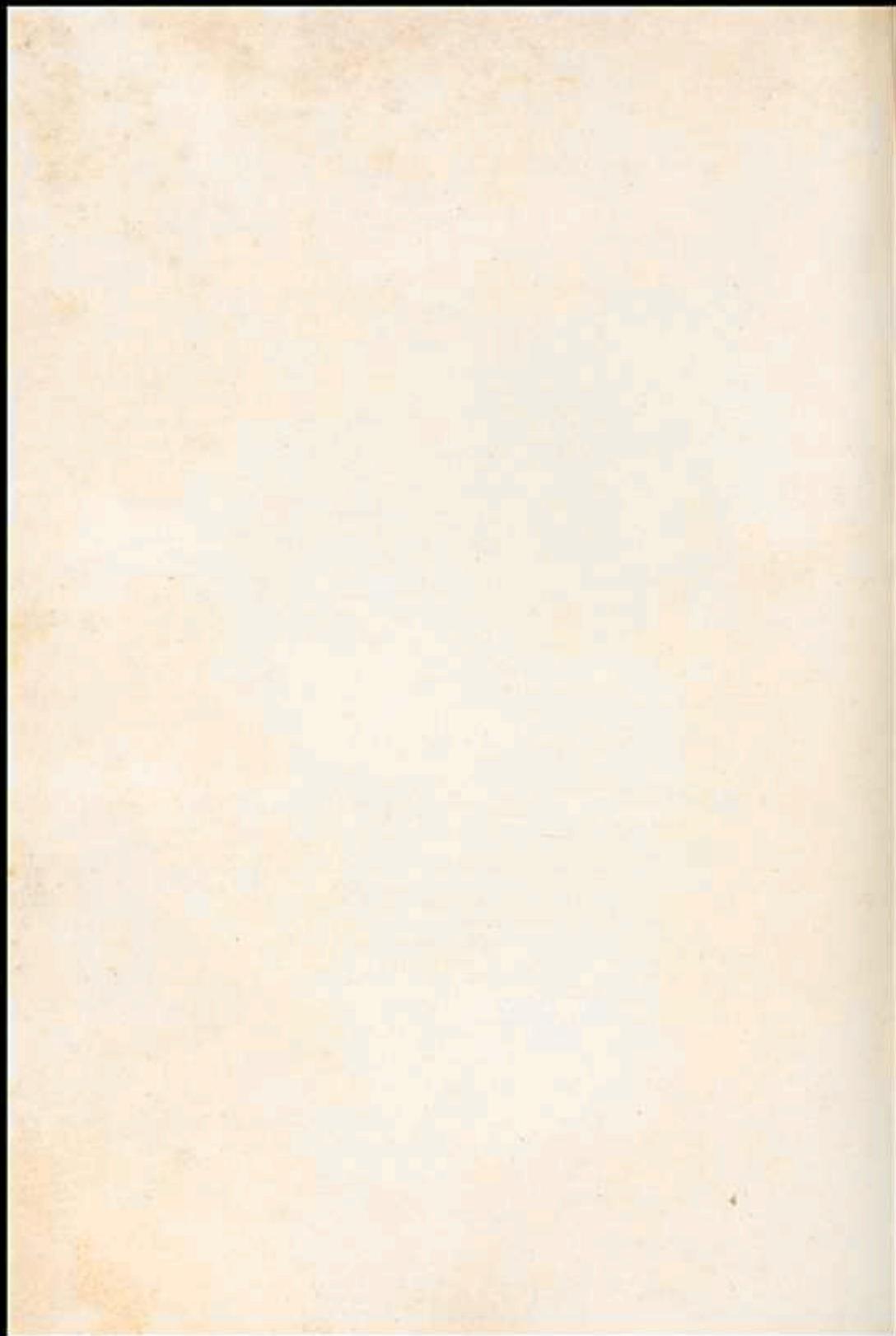
"O actual trabalho — escreve o sr. Sebastião de Lacerda — que representa o esforço de alguns lazeres dum longo ostracismo voluntário que o nojo da politica nacional me fez appetecer, e onde tinha de buscar no trabalho da terra como me bastar e a tres filhos que então educava e instrua para a vida pratica, só agora edito, com o relativo ao "direito da familia",



ARTES E ARTISTAS



AUTO-RETRATO DE HUGO ADAMI,  
joven pintor paulista ora em Florença.



que a elle farei seguir, porque no cargo por mim occupado se me demonstrou a deficiencia de nossa literatura juridica bem pouco rica de livros, principalmente sobre a posse."

Não é preciso pôr mais. O nome do conselheiro Justino de Andrade basta para recommendar o volume.

*O CRIME D'AQUELLA NOITE...* — *Menotti Del Picchia*  
— *Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato* — *S. Paulo,*  
1924.

O sr. Menotti Del Picchia continua a occupar um dos primeiros logares entre os que exploram a novella no Brasil. A' "A mulher que peccou", que o revelou habilissimo no genero, tanto quanto no verso, no romance e na chronica, seguiu-se "Dente de ouro", que vae fazendo carreira, e agora "O crime daquella noite..." Nos mesmos moldes a que se affeioou o publico, denuncia um grande conhecedor da carpintaria da novella, que é sempre a difficuldade maior que ao escriba se antolha. Já não ha aqui paginas a supprimir. Tudo é essencial. Só o essencial. Desenho de personagens em dois toques, scenas rapidas, diálogos incisivos, mas tudo muito bem concatenado, de maneira a não perecer o interesse do leitor. O que outrem diria em paginas de analyse, dil-o o autor em duas palavras.

Outra qualidade a destacar: põe em letra de forma caso clinico perfeitamente plausível, qual a obsessão da personagem central. Victima da sanha de ura fauno de olhos vidrentos, revê-lhe a mãe a figura horrivel nas feições do rebento em gestação... Mal nado este, branco como os amores, enxerga-lhe, no delirio da febre, a pigmentarão negra do satyro e, horrorisada, estrangula-o para que não lhe seja em vida opprobrio e tortura... Essa, em poucas palavras, a these da novella. Mas é preciso lê-la, para apprehender a felicidade com que o autor engendrou as seenas até o trágico desfecho final. Emocionante na verdade, muito emocionante.

*FRIDA MAYER* — *Vivaldo Coaracy* — *Cia. Graphico-Editora*  
*Monteiro Lobato* — *S. Paulo* — 1924.

Frida Mayer — é uma descendente de allemães vindos para o Rio Grande do Sul. Sua vida, agitada aos entrechoques de preconceitos e de necessidades materiaes, deu ensejo a que o sr. Vivaldo Coaracy escrevesse um bello romance, que se lê com prazer. Não só, porém, a trama desperta interesse. Ha observações sensatas, ha typos bem delineados, que se movem num fundo desenhado com grande verismo. Nem sempre o leitor concorda com os conceitos que exprime, injustos muitas vezes, mas assim mesmo teima em acompanhá-lo até á ultima pagina — o incêndio ateado pela mão irreflectida do povo ás propriedades allemãs de Porto Alegre, quando da guerra européa.

Quasi todo o romance, aliás, se desenvolve durante os primeiros annos do conflicto internacional, o que faz com que resulte nitida a superexcitação dos ânimos, tangidos de vibrações intensas de nativismo. O sr. Vivaldo Coaracy, embora exaggerando aqui e ali o alcance dos acontecimentos, conseguiu fazer obra apreciavel. "Frida Mayer" pôde figurar entre os melhores romances das ultimas gerações.

*O FUNDO DA GAVETA — Rodrigo Octávio Filho — Ed. Anuario do Brasil — Rio de Janeiro, 1924.*

O sr. Rodrigo Octávio Filho, que já conhecíamos através de uma collectanea de poesias, dá-nos agora livro de prosa, em que se revela tão bom prosista quanto poeta. "O fundo da gaveta" é uma serie de ensaios bem pensados e bem escriptos, em que fixa as suas impressões de leitura, de audições e de exposições artisticas. Embora lançados ao papel em varia epoca, apresentam relativa unidade. A expressão não se apedanta, nem vem no desamanho tão do aprazimento da ignorancia que se enroupa de simplicidade: sempre correcta e com uma pontilha de originalidade.

A primeira parte são cousas do "tempo da guerra": uma evocação de Bruges "cidade morta", a arte de Steinlen, a poesia de Corrêa de Oliveira, a prosa de Henry Malherbe, cujo livro "nascido de entranhas sangrentas tias batalhas", teve o premio Goncourt de 1917.

A segunda parte — "A alma dos outros"... — contém estudos breves mais percucientes sobre Cesareo Bernaldo de Quirós, Paul Fort, Carlos Reis, Oscar Wilde, Wiertz, Risler, Antonio Alice e outros, fechando o livro — bella evocação dos modos e modas de 1822.

*O PECCADO ORIGINAL — Rocha Ferreira — Ed. M. Victor — S. Paulo — 1924.*

O sr. Rocha Ferreira vae indo com muita sêde ao pote. Empolgou-o a febre da publicidade. Em menos de um anno, junta a seus tres primeiros livros, mais dois e já nos annuncia uma série de nada menos de oito... Este, porém, não chega a ser livro: apenas plaquette, com umas trinta e poucas paginas, afora outras tantas em branco...

Mas o poeta progride. Deixou o soneto pelo epigramma. Saiu-se melhor, não obstante a difficuldade desta forma poética de que se veste a sabedoria. Algumas das composições são apreciaveis. A mór parte, porém, apenas deixa ver a esperança de que os realize melhor amanhã, quando a lida com os homens e os livros lhe ensinar uma porção de coisas que não pode saber em razão de sua pouca idade.

Comtudo, não deixa de ser bella a coragem de quem se affoita a, tão a miude, vir a publico.

*CARTAS A' GENTE NOVA — Nestor Victor — Ed. Anuario do Brasil — Rio — 1924.*

O sr. Nestor Victor (neguem-no embora outros) tem exercido benefica influencia no animo das ultimas gerações de escriptores brasileiros. Mettido com os seus livros, só de raro em raro apparecendo na imprensa, mesmo assim age: discretamente vae dizendo aos que lhe vão á porta a palavra de applauso e de conselho.

Esta acção, porém, passaria despercebida ao publico se não se tivesse resolvido a enfeixar em volume as suas epistolas, o que acaba de fazer por intermédio da casa editora "Anuario do Brasil". Deu-lhes o bello titulo de "Cartas á gente nova", que não diz, no emtanto, o que na verdade é.

Entre essa gente nova ha escriptores que, tendo ido buscar-lhe acoroçoamento e lição, já galgaram o galarim da fama... E' bem o caso dos grãos de aveia de que nos fala o apologo. Acinte collocados nas raizes do buxo a plantar, dão-lhe o impulso inicial e se estiolam humildemente



entre as raízes bracejantes, enquanto elle se ergue para o céo, altanado e cheio de si... A quanto buxo que por ahi banca a importancia não teria o sr. Nestor Victor dado o primeiro ajutorio!

Em compensação, outros ha que não passaram da brilhante promessa que a critica costuma ver nos rapazes estreates. Mas em conjunto, o livro dá bella idéa do nosso movimento intellectual nos últimos annos. Apenas destoam expressões de familiaridade e despiciendas cortezias, que, si têm logar em cartas, são em livro prova de mão gosto.

*PERICLES DE MORAES, ANIMADOR DE SENSAÇÕES*  
— Leopoldo Peres — Ed. Livraria Classica — Manãos —  
1924.

O titulo desta plaquette está a dizer do conteúdo. Não é preciso mais que ler o primeiro período para que se tenha idéa da desapoderada torrente de encomios que se derrama pelas suas paginas:

"O livro de ensaios estheticos com que o sr. Pericles de Moraes vem de sacudir e alarmar, numa revelação magnifica e de todo o ponto sorprendente, as letras nacionaes, escalando, de um surto, o acumc da mentalidade brasileira contemporânea, é o documento inconfundível de um espirito quf attinge o mais alto esplendor. Inquietante o espectáculo que nos offerecem esses refulgentes estudos: o do um escriptor, cuja arte venusta inesperadamente nos sorri, surgindo em face da vida, — como Pallas-Athena, "a deusa do claro olhar", da cabeça maravilhosa de Jupiter-Olympico, — toda abroquelada de ouro e apercebida para os jogos floraes da Belleza."

O sr. Pericles de Moraes — já o dissemos aqui — é, por certo, um critico de quem se pode esperar muito. Mas é victima da mesma obsessão da sonoridade verbal que nos revela este seu prodigo encomiador. O tempo ha de lhes repetir a lição que tão tardiamente se fez ouvir a esse grande espirito que é Coelho Netto.

**ft**

*LA VÉNUS CALCHAQUI* — Gonzalez Arrili — Ed. "Nuestra America" — Buenos Aires — 1924.

A revista argentina "Nuestra America", que se publica desde 1918, inicia uma serie de edições de autores hispano-americanos. Seus intuitos se definam nas seguintes palavras:

"O intercambio intellectual em nosso continente vem-se realizando de maneira tarda e deficiente, por se carecer de uma empresa editora dedicada ao seu fomento. Vendem-se na America as obras de seus filhos que^e editam em Madrid ou em Paris. Os demais não logram ver suas obras circular além das fronteiras dos seus respectivos paizes.

"Nuestra America" intentará libertar aos autores dessa dependencia das empresas editoras européas, levando directamente a todos os paizes americanos o pensamento, a obra artistica, o sonho, dos autores que fie irmanam e se identificam pelo facto de manejar um mesmo idioma e possuir o mesmo espirito.

"Inicia sua serie com a obra de um joven autor argentino. A elle seguir-se-ão volumes escriptos por uruguayos e chilenos, mexicanos e peruanos, equatorianos e brasileiros, paraguayos e cubanos, colombianos e centro-americanos, venezuelanos e porto-riquenses, bolivianos e dominicanos, todos aquelles, emfim, que devem permanecer espiritualmente unidos através das distancias e apezar das chancellarias. Cada paiz da America Hespanhola figurará com um autor nesta primeira serie."



Isto posto, desnecessário se torna frisar o extraordinário alcance da empresa. Quanto ao nosso paiz, por uma razão economica, afóra a differença da lingua, julgamol-a menos fácil; os livros argentinos e hespanhóes resultam-nos quasi sempre por um preço desanimador, tanto mais quanto os de outras origens se nos offerecem em boas condições de compra. A providencia inicial, pois, para a intensificação do movimento approximativo dos povos americanos, reside numa questão de moeda. Solvida esta, o resto virá por si.

Quanto á obra com que se abre a bibliotheca de "Nuestra America", só bem se lhe pôde dizer. "La vénus calchaqui" é uma novella interessantíssima, em que Gonzalez Arrili se affirma um dos mais bellos engenhos da moderna Argentina. Sua prosa fluente e singela, laiva-se de certa melancolia que vae muito bem com as scenas que nos põe sob os olhos, as quaes, por via disto, respiram realidade.

Para apresentação da serie, nada melhor. E a prova de que empreendimentos deste jaez merecem acoroçados está em que, sendo Gonzalez Arrili autor de 'vários volumes e nome acatado na Argentina, cá por estas brasiljas plagas souo com accentos desconhecidos...

*DIAS DE PAVOR — Aureliano Leite — Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1924.*

Os acontecimentos de Julho ultimo vão dar margem a uma nova literatura desconhecida por estas bandas: a literatura da guerra. Os vinte e tres dias horriveis em que a metralha atroou os ares do pacato burgo de Anchieta — improvisamente feito campo de operações, em que se erguiam por todos os cantos trincheiras e palissadas- e em que se ouvia por toda a parte o grito da fome e da dôr — são, na verdade, de molde a inspirar as mais bellas paginas. Por outro lado, aos que se não fizeram apenas meros assistentes da inglória luta, ma% nella foram parte, muito haverá que contar e enaltecer, principalmente no capitulo do heroismo e da coragem, em que se praticaram de parte a parte proezas das mais destacaveis. Ha de vir também, de envolta com esses relatos, a palavra causticante que estigmatize os verdadeiros responsáveis pela situação precaria a que nos reduzimos naquelles ominosos dias.

Coube ao sr. Aureliano Leite iniciar o novo genero. "Dias de Pavor" é o primeiro livro que aparece sobre a revolta. Despertou grande interesse, não apenas pelo facto de ser a primeira contribuição escripta para a historia do movimento, como por apresentar ao publico uma serie de aspectos novos que passariam despercebidos<sup>1</sup>, a não ser contados, como é o caso, por quem acompanhou de perto a marcha dos acontecimentos. Dá bem uma idéa daquellas tenebrosas jornadas. E a prova de que tem valia está em que, publicado ha menos de um mez, já se encontra em segunda edição.

*CONSELHOS DE MINHA AVO' — Violeta de Denis — Empresa Editora Portugal — Rio — 1924.*

A sra. Violeta de Denis, que conhecemos através de dois ou tres livros ha pouco publicados, reúne neste volume uma serie de chronicas de jornal e de impressões de leitura, que, se não trazem brilho novo á sua bagagem, também não se apoucam ao lado delia.



*THE RUHR CONFLICT — Henri Lichtenberger — Cartlegie Endowment for International Peace — Washington — 1924.*

A fundação Carnegie pró-paz acaba de publicar em folheto o relatório do sr. Henri Lichtenberger, a proposito da questão do Ruhr. Pondo o problema nos seus devidos termos, esse trabalho se caracteriza pelo cunho de imparcialidade que soube imprimir-lhe o illustre professor da Sorbonne.

*SOLUÇÃO DA CAUSA DO MAL ESTAR DAS NAÇÕES — João Assumpção — São Paulo — 1924.*

Orientado no mesmo sentido por que se orienta a Fundação Carnegie, o sr. João Assumpção propõe, para remédio ao problema universal de momento, a criação do Banco Emissor das Nações, cuja organização estuda com proficiência. Versa também o caso do desarmamento das potências, que julga viável com o instituir-se um exercito internacional. Sugestões sensatas e plausíveis desde que se conseguiu crear a Liga das Nações.

*CARTAS DE TEÓFILO — Fran Paxeco — Ed. Portugalia — Lisboa — 1924*

O sr. Fran Paxeco teve as honras da amizade de Teófilo Braga. Cartearam-se amiudadamente durante annos. Morto agora o grande sábio, não se julgou aquelle com o direito de guardar para si as formosas epistolas. Reuniu-as em volume, que alcançou cerca de cem paginas. Não andou mal. As cartas em geral tratam de cousas interessantes, principalmente questões literarias, philologicas e ethnographicas, em que o assenso ou dissenso do genial sabedor é sempre acatavel como palavra de mestre.

*POEMAS HEROICOS — Juan Manuel Cotta — Ed. Arnaldo Moen — Buenos Aires — 1923.*

Contando as glorias do povo argentino, de que mui se orgulhece, remonta-se o autor em voos épicos, que não deslustram o que de melhor tem produzido a intellectualidade do paiz amigo. Por algumas destas paginas, passa um largo sópro emocional, de que só são capazes raros temperamentos.

*BRIZNAS, SURCOS V EVOCAÇÕES — Juan Manuel Cotta — Editorial Tor — Buenos Aires — 1924.*

Neste outro livro, está outra face do talento do sr. Juan Manuel Cotta: a lyrica. São palavras suas:

"Este volume contém tres capítulos, como é fácil observar, que podem ser tres livros pequenos. Em "Briznas", faço poesia syntetica a meu modo, tratando de engastar um sentimento, uma idéa, ou uma imagem. Em "Surcos" ha largas tiradas de versos sobre themas velhos, mas sentidas com estro proprio e arrancadas ao vivo da experiencia ou da natureza. "Evoçaciones" é um capitulo de confidencias, de quadrinhos



contemplados al través de vários lustros. Em resumo, todo o livro é uma demonstração... Um mosaico, dirão. Seja. Eu digo "uma demonstração".

*CODIGO DA SAÚDE — Dr. R. Chapot-Prévost — Typ. Metropole — Rio — 1924.*

O eminente cirurgião Chapot-Prévost, cujo nome está ligado a um dos mais celebres casos de cirurgia que se têm dado em nosso paiz, publica uma pequena obra de grande alcance. Com a sua longa pratica de clinico, estabeleceu uma serie de 22 preceitos de hygiene, que constituem de facto verdadeiro codigo de saúde. Eü-os:

- 1º) Dividir o dia em tres partes: uma para o trabalho, outra para o somno e a terceira para recreio do corpo e do espirito.
- 2º) Deitarás cedo e cedo levantarás.
- 3º) Todas as manhãs lava-te, com presteza, dos pés á cabeça.
- 4º) Dentes, boca, ouvidos, unhas, cabellos, limparás cuidadosamente.
- 5º) Não temas calor nem frio, mas teme resfriar-te.
- 6º) Com roupas amplas, leves e limpas te vestirás.
- 7º) Adquire resistência ás intemperies por exercícius frequentes.
- 8º) Desimpedirás o teu ventre á hora exactamente f<sup>ta</sup>.
- 9º) A poeira retiral-a-ás passando panno húmido.
- 10º) Ar e sol devem inundar tua habitação.
- 11º) Procurarás respirar ar puro com a boca hermeticamente fechada.
- 12º) Destruirás todos os animaes nocivos do corpo e da habitação, para evitar males virulentos.
- 13º) Escolherás teus alimentos com cuidado e critério.
- 14º) Deverás ser sobrio, especialmente no verão.
- 15º) Faras perfeita mastigação dos alimentos e deglutirás lentamente.
- 16º) Beberás a agua aos goles e só no fim das refeições.
- 17º) Farás tres refeições diarias, sendo a terceira pouco abundante.
- 18º) Abster-te-ás de carne á noite, pois é veneno.
- 19º) O álcool e o fumo, desprezarás como toxicos.
- 20º) Dormifás com as janellas do quarto largamente abertas.
- 21º) Quando doente, deverás tratar-te sem demora.
- 22º) Assim"protegerás tua saúde e viverás vida longa.

*ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO — Direcção de Arthur Neiva, Miranda Ribeiro e Roquette Pinto — Volume XXVI — Imprensa Nacionl — Rio — 1924.*

Está sendo distribuído o 24º volume dos "Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro". São mais de trezentas paginas, em que se contém os seguintes trabalhos:

- O Rio Iran-Vedj nas tradições persas — A. Childe.
- Notas philologicas — A. Childe.
- Catalogo systematico e synonymo das formigas do Brasil — Thomaz Borgmeoer, O. F. M.
- Opoliones liniatores do Brasil — Dr. Mello Leitão.

- Observações sobre algumas phases evolutivas de ceratophrys e stombus — Alípio de Miranda Ribeiro — Versãd ingleza de E. May.
- Viagem mineralógica na Província de S. Paulo (hoje Estado) — José Bonifacio de Andrada e Silva e Martim Francisco Ribeiro de Andrada.
- Nota critica sobre a omis do Itatiaya — Alípio de Miranda Ribeiro.
- Avifauna da serra do Itatiaya — Pedro Pinto Peixoto Velho.
- Dez dias de observação sobre a fauna do Estado do Pará — Pedro Pinto Peixoto Velho.
- Um cafeeiro interessante — Professor Alvaro da Silveira.
- Oribatideos brasileiros — Dr. Max Seilnick. Trad. de Dona Snethlage.
- Contribuição, para o conhecimento dos phorideos do Brasil (phoridae-diptera) — Thomaz Borgmciçr.
- Obseryações sobre a duração da phase pupal de rothschildia spéculum (Maas. & Weym).
- Especies congeneres — Edward May.

RECEBEMOS MAIS:

- Revista de Filologia Portuguesa* — Rua de S. Bento n. 40-2º andar, salas 12-14 — S. Paulo.
- Revista da Sociedade Rural Brasileira* — Rua Libero Badaró n. 119-3º andar — S. Paulo.
- Brasil Agrícola* — Av. Rio Branco n. 133-1º andar — Rio de Janeiro.
- Chácaras e Quiiitacs* — R. da Assembléa n. 18 — S. Paulo.
- Vozes de Petropolis* — Petropolis.
- Boletim Hebdomadário de Estatística nemographo-Saiiitaria* — São Paulo.
- Varictas* — Rua da Consolação n. 284 — São Paulo.
- Camera Italiana di Commercio* — Rua de S. Bento n. 79-1º andar — São Paulo.
- Brazilian American* — Av. Passos n. 48 — Rio de Janeiro.
- D. Quirote* — Rua D. Manuel n. 30 — Rio de Janeiro.
- Boletim da Associação Commercial de Porto Alegre* — Rua dos Anúrdadas n. 242 — Rio G. do Sul.
- O Itibreç* — Estado do Rio Grande do Sul — Paranaguá.
- Revista de Revistas* — I). F. Mexico.
- Inter-America* — 407 West 117th Street — Nova York.
- Nosotros* — Florida 323 — Buenos Aires.
- Nativa* — Venezuela 670 — Buenos Aires. •
- Sirio* — Rep. Uruguay — Montecaseros.
- Planter and Sugar Manufacturer* — 424 Camp Street — Nova Orleans — U. S. A.
- Cultura Venezuelana* — Rep. da Venezuela — Caracas.
- Ibérica* — Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburg, 36.
- La Revue Hebdomadaire* — Rue Garancière, 8 — Paris (6e).
- La Pensée Latine* — Boulevard Saint Michel, 30 — Paris (6e).
- Journal des Débats* — 17, rue des Prêtres Saint Germain-l'Auxer-lois — Paris.
- Revue de l'Amérique Latine* — 2, rue Scrib. — Paris.
- La France Nouvelle* — Bd. Saint Germain, 286 — Paris.



## A ONDA VERDE

Nestes dias frios de motim militar emquanto S. Paulo arde em peleja, decidi ler o livro de Augusto Ramos sobre o café. Elie me dera o seu trabalho o anno findo; mas, só agora tive tempo de affrontar aquelle "chemin des dames" de 645 paginas batidas, onde a rubiacea é apreciada, desde a sua influencia no scenario mundial, até na composição chimica da baga vermelha.

Dizia um critico celebre, recebendo Frederico Masson na Academia Franceza, que graças a este historiador, a historia hoje conhece até o rol das ceroulas, que possuia Napoleão. O eminente escriptor enfrentou os mínimos detalhes da existencia de Bonaparte; e nem as suas cuecas deixou por inventariar... Graças a Augusto Ramos temos agora, depois do centenário da independencia do Brasil, um livro em que até o papel da rubiacea na hygiene alimentar é abordado e discutido com a sympathia ardente do propagandista. A sua obra parece, a certos respeitoes, um solido trabalho de crespia erudição allemã.

Sobre o café não ha nada mais a investigar. Tudo está ali descoberto, catalogado com uma minúcia... á Frederico Masson. Não é só do que se passa no clima ideal, para a cultura do caféeiro, entre os parallelos 20 e 24, atravez dos tropicos de Câncer e de Capricornio, que temos informação. Augusto Ramos esmerilha todos os factores, que dizem respeito á existencia da cultura caféeira: acção dos ventos, da intensidade luminosa, das chuvas, das seccas, das altitu-

des, das geadas, dos mercados, dos processos de classificação e separação; questão de transportes, de plantação das arvores, horizontes da industria em todas as latitudes, para concluir sempre, com sereno optimismo, batendo sempre na sua tecla favorita, que as intervenções do governo em nosso paiz, no commercio de café, não podem gerar o espantallo temido pelos adversarios desta intervenção, e que é o augmento da capacidade productiva dos nossos concorrentes dos outros paizes.

O seu enthusiasmo pela nossa industria é intraduzível: "A industria caféeira, diz elle á pag. 362, em nosso paiz, sobretudo em S. Paulo, é uma verdadeira maravilha, sem rival em nenhuma industria agricola do mundo."

Neste ponto, como aliás em tantos outros, Augusto Ramos tem inteira justificativa. O seu orgulho patriotico é perfeitamente explicável.

O café, importa quasi num truismo repetir, constitue a espinha dorsal do nosso organismo economico. Se a praga que acaba de ser descoberta nas velhas plantações de Campinas e Araras, fôr um destes flagellos dotados da intensa força de proliferação do pink boll worm, por exemplo, não sei que dias turvos aguardarão a nacionalidade brasileira. O nosso futuro se apresenta carregado de nuvens escuras. Na cifra total do movimento exportador, a parcella da rubiacea varia entre 50 e 60 o/o. Por-ahi se vê que, qualquer crise caféeira deixará de ser a crise de um producto, para se tornar um cata-

clismo nacional, repercutindo devastadamente em todos os outros ramos das actividades productoras do paiz.

Crises, como as que podem occorrer numa industria da vitalidade da caféira do Brasil, não têm efeitos locais, mas pôde ordem geral, quero dizer, reflectem-se lá fóra. Lembro-me, a proposito, de uma phrase, que ouvi ha dez annos, de Joseph Caillaux, o qual se referia à guerra. "O mundo, dtêa-me elle, está hoje de tal modo ligado por vínculos de interdependencia, numa tão íntima cadeia de interesses, que o soffrimento do mais pequeno povo pôde acarretar dores no organismo mais robusto da Europa." Se o preço do café em ouro baixasse demasiado, amanhã, no mercado de Nova »York, do Havre e de Lyiverpool, o cambio brasileiro cahiria a uma taxa de tal modo vil que os capitães britannicos, americanos e francezes, aqui investidos, correriam o risco de não receber qualquer remuneração. Isto mostra como uma crise nossa pôde ser ao mesmo tempo unia perturbação para as finanças de grandes mercados de dinheiro, como a Inglaterra e os Estados Unidos.

Em 1882, tivemos um momento de super-produção do café. Esta crise repercutiu em Java de forma tão intensa que o governo hollandez vendo as cotações do seu producto cahindo 4 annos seguidos, no Havre, resolveu mandar ao Brasil um tecnico para estudar o problema "in loco". Temos assim urna crise de super-produção brasileira, reagindo contra a economia de uma longínqua possessão flamenga no oriente.

Não tenho espaço aqui para analysar como desejava, este livro rico de suggestões, de alvitres, de conselhos práticos, de idéas, que o mais ardente e pugnaz dos nossos economistas acaba de lançar a lume. Augusto Ramos é um convencido de que a palavra convence. Dahi esta obra indefesa de propagandista, que elle tem feito no jornalismo, o qual é o campo predilecto das mais memoráveis campanhas. De resto, o triumpho de algumas "delias dá-lhe a melhor das recompensas das suas jornadas de febre e de rude actividade campeadora.

Augusto Ramos é um homem de acção, um homem de lucta, e destes combatentes joviaes, que não cançam e não desani-

mam nunca. Vtndo-o falar, tem-se a impressão de uma destas imaginações, que nunca amorteceram no borralho das desilusões.

O seu verde outomno é dos espectáculos mais emocionantes que se podem offerecer á juventude sceptica deste paiz, mocidade que não se quer fazer, como elle, pelo trabalho, pelo amor das coisas bellas da vida, e pelo enthusiasmo desinteressado das grandes causas. Pôde dizer-se que esse luctador sorridente encaneceu na peleja, sem nunca ter pensado em si, senão nas grande soluções economicas, que deveriam, na sua opinião, fazer o progresso e o engrandecimento do paiz. A gente pôde divergir de Augusto Ramos, discordar das doutrinas financeiras que elle prêga, mas o que seria injusto desconhecer é a immensa sinceridade, com que se bate o polemista vigoroso. Elle guarda, na flor dos lábios, o perfume daquellas almas antigas, que se sacrificavam por idéas.

A primeira valorização do café é obra sua. Aquella grande operação intervencionista do Estado, no mercado de café, para restabelecer o equilibrio entre a offerta e a procura, retendo o governo provisoriamente, nas suas mãos, a mercadoria era excesso, é um plano por elle estabelecido como negocio de "infalíveis resultados" e não uma "aventura", como se dizia.

O livro de Augusto Ramos precisaria ter uma diffusão nacional, para que se acabasse, no Brasil, com o preconceito idiota de que o café é um problema paullista regional. Se eu fosse governo, além de uma tiragem popular desse livro, ainda pediria a Augusto Ramos que visitasse o norte e o sul do paiz, para explicar aos nossos compatriotas do septentrião e do meio dia a acção da rubiaceae no rythmo financeiro e economico da Nação.

Seria essa uma tarefa para um benigno philosopho, cheio de uneção, persuasivo e penetrante, e com as qualidades de encanto pessoal, que irradiam da face e dos ademanes de Augusto Ramos.

O enfeitador economista, que é Augusto Ramos, tem a virtude magica de entender de café e assucar ao mesmo tempo.

Como seriam doces as palavras desse orador delicioso, que tem vivido a existen-

cia inteira a distribuir o mel da sua sabedoria e as visões da sua intelligencia maravilhosa, com os homens de espirito, e os bohemios mais interessantes do Rio de Janeiro!

Augusto Ramos poderia ser o chefe de uma "bandeira", que se internasse pelo

norte e o sul do Brasil, levando a todos os nossos compatriotas a convicção do que vale o café no rythmo da existencia nacional.

*Assis Cитай eaubriand.*

("A Noticia", Rio).

## O *CAFF*: E A CARESTIA DA VIDA A PRODUÇÃO DE CEREAS EM S. PAUL. O E EM OUTROS ESTADOS O FEIJÃO QUE CADA BRASILEIRO COME

Intensifica-se no Rio a campanha contra o café, considerado, por aquelles que não querem ver, como o causador dos males economicos e financeiros do paiz. Essa propaganda insincera assume agora um aspecto novo: — accusa-se o nosso principal producto de motivar a carestia ua vida, já não por effeito do cambio, que o café manteria l'ixio, mas devido á sua própria cotação alta, que leva o produtor a só cuidar dessa cultura, abandonando a dos generos de primeira necessidade...

A verdade é, entretanto, exactamente o inverso. Com a valorização do café, a produção de cereas em São Paulo tem duplicado. Os antigos colonos, abandonando em massas as fazendas caféiras em destino ás zonas novas, ahí foram plantar feijão, arroz, milho, etc. Os que permanecem nas fazendas igualmente plantam cereas, não só para o sustento próprio, como para negocio, constituindo esse facto um motivo de sérias preocupações para o fazendeiro, que assim encontra no trabalhador um socio quasi sempre mais attento ás suas plantações que ao trato dos caféiros.

Se a carestia nos assoberba, outras devem ser as suas causas: — as estradas de ferro desprovidas de material; o des- caso das mesmas pelo transporte de generos; a insufficiente navegação de cabotagem; os açambarcamentos e o jogo de bolsa, por uni lado; e de outro, o formidável crescimento das populações urbanas, aggravado com a longa cessação das correntes emigratorias para a lavoura, sem fallar nos phenomenos climáticos, a que cãto sempre sujeitas as culturas annuaes.

Só quem\* ignora por completo a vida economica deste Estado poderia lançar uma affirmação tão destituida de fundamento. O café é o grande regulador da actividade paulista, que oscilla com elle, prosperando ou estacionando conforme a sua alta ou baixa, multiplicando-se, transformando-se, e ramificando-se com áquella, enquanto se contráe e se immobiliza com esta. Todo o organismo de nossa economia lhe acompanha as palpações. Café alto é trabalho, é produção, é vida.

Ao mesmo tempo, porém, é uma affirm- nção da mesma fôrma, sem base essa de que o café representa a nossa cultura mais remuneradora e de que, por isso, monopoliza o trabalho. Mais remuneradora é a lavoura do algodão, é a da alfafa, é a de frutas, especialmente a de laranjas e todas são consideravelmente impulsionadas entre nós, *no actual momento*. Os problemas economicos, mais complexos do que parece aos gratuitos inimigos do café, offerecem desses aspectos curiosos, que a sua lógica não alcança: — sendo a rubiaceae a base da riqueza nacional, ha, entretanto, mesmo onde ella é mais cultivada, culturas que offerecem > maior remuneração. E' que não se resolvem questões praticas assim a golpes de razão pura...

Felizmente, ao passo que não nos faltam maldizentes, também temos alguns espíritos comprehensivos que sabem vêr as nossas cousas. "A Noticia", do Rio, em seu numero de 25 de Julho ultimo, publicou um artigo em que o Sr. A. Chateaubriand, a respeito da obra "O Café", diz:

"O livro de Augusto Ramos precisaria ter uma diffusão nacional, para que se acabasse, no Brasil, com o preconceito

idiota de que o café é um problema paulista regional. Se eu fosse governo, além de uma tiragem popular desse livro, ainda pediria a Augusto Ramos que visitasse o norte e o sul do paiz, para explicar aos nossos compatriotas do septentrião e do meio dia a acção da rubiacea no rythmo financeiro e economico da Nação".

E\* aqtelle mesmo preconceito, de que falia o Sr. Chateaubriand, que pretende agora, responsabilizar o café pela carestia da vida.

Se a vida está cara, todos podem ser accusados, menos os lavradores deste Estado que produzem de tudo, mais e melhor que os de outros Estados. Em números absolutos ou relativos, a contribuição de Paulo para a alimentação publica ainda é a mais séria e a mais considerável do paiz, só sendo inferior á do Rio Grande do Sul, "per capita".

Consultando os volumes do "Recenseamento do Brasil", encontramos os seguintes dados, quanto á produçção de generus pelos Estados:

#### ARROZ

*Quintaes*

S. Paulo . . . . .	3.480.000
Rio Grande do Sul . . . . .	1.127.000
ÍBalra . . . . .	127.000
Pernambuco . . . . .	9.700

Dahi se deduz que São Paulo produz arroz 3 vezes mais que o Rio Grande do Sul; 27 vezes mais que a Bahia; e 358 vezes mais que Pernambuco.

#### MILHO

*Quintaes*

São Paulo . . . . .	11.922.000
Rio Grande do Sul . . . . .	11.486.000
Bahia . . . . .	1.445.000
Pernambuco . . . . .	1.067.000

São Paulo, colhe, pois, tanto milho quanto o Rio Grande o mais 436.000 quintaes; 8 vezes mais que a Bahia; e 11 vezes mais que Pernambuco.

#### FEIJÃO

*Quintaes*

São Paulo . . . . .	2.135.000
Rio Grande do Sul . . . . .	1.211.000
Bahia . . . . .	457.000
Pernambuco . . . . .	176.000

O nosso Estado produz, assim, quasi duas vezes a quantidade de feijão que o Rio Grande produz; 4 vezes mais que o que produz a Bahia; e 12 vezes mais o que Pernambuco colhe.

Comparado a Minas, se São Paulo produz menos milho em compensação produz arroz 2 vezes mais e 1/3 mais de feijão.

Como accusar-nos, pois, de que encarecemos a vida, só produzindo café? Produzir o que compensa o trabalho, seja café ou batatas, é dever de todo trabalhador. São Paulo produz café para se enriquecer e oroduz cereaes para se alimentar e alimentar seus irmãos.

Reconihccendo-se o feijão como base da alimentação nacional, vejamos, quanto aos Estados acima — os mais importantes da União — a sua produçção "per capita", considerado o numero de habitantes consignado no Recenseamento e reduzindo a kilogrammos os quintaes métricos:

*Kilos*

Rio Grande do Sul . . . . .	55
São Paulo . . . . .	46
Minas . . . . .	26
Bahia . . . . .	13
Pernambuco . . . . .	8

Cada habitante de cada Estado produzirá, com isso, para o proprio sustento?

Emquanto cada paulista dispõe de 126 grammas de feijão por dia e cada gaúcho dispõe de 150, o mineiro conta com 71, o bahiano com 39 e o pernambucano, Spenas com 21.

E é São Paulo que encarece a vida...

('Estado de S. Paulo').



## CONSTITUIÇÕES ARTIFICIAES

Commentando um livro recém-apparecido sobre a "Revisão Constitucional", um dos nossos mais consagrados publicistas, ligeiramente disfarçado com o pseudonymo <math>\langle c \text{ Bassanio} \rangle</math>, fez ha dias, em artigo do *Jornal do Cotmmercio*, algumas considerações muito interessantes relativamente aos principios geraes attinentes á matéria. Sustenta o brilhante escriptor que unia constituição representa mais uma tendencia social ou um ideal politico a realizar do que a codificação de normas já tacitamente assentadas nos costumes do meio. Por isto, segundo o seu modo de entender, não existem constituições artificiaes, posto que todas, mais ou menos, o sejam. Logicamente, pois, o pensamento do douto articulista ficaria melhor expresso com a affirmativa de que não ha, na actualidade, constituição. nitidamente em accôrdo com os factos sociaes ambientes, uma vez que os pactos politicos representam menos o que *è* do que o que *devia ser*. Não terei a pretensão de elucidar em rápido artigo de jornal esse complexo ponto de philosopbia do direito publico. Mas, *data vènia*, quero ponderar que a these de *Bassanio*, assim exposta, se presta a confusões que é conveniente evitar.

No meu modo de entender, o artificialismo está menos com as constituições politicas que procuram innovar principios e methods, evitando as abusões do passado, aparando as fantasias do lyrismo democratico e observando as imposições reaes e comprovadas do corpo social, do que com aquellas que se esforçam por permanecer fieis aos primeiros figurinos do século passado. As sociedades *»»* transformam incessantemente, e assim como o romantismo passou na literatura, o parlamentarismo, que é expressão romantica da "democracia, já caiu também em inteiro desconceito na politica.

Vilfredo Pareto (e em lugar deste autor poderia citar tantos outros que têm dito mais ou menos a mesma coisa) pondèra que, se voltarmos as vistas para as theorias dos Estados parlamentares do século XIX, veremos que nenhuma delias se adapta aos acontecimentos em curso nos nossos dias. "Chi, per esempio — escreve Pa-

reto — rilegge " libro dei Mill sul *governo rappresentativo* e l'altro sulla *Libertà*, che ebbero Un tempo tanta fama, si trova trasportato delia mente in una societá la quale nulla ha che fare colla societá inglese contemporânea, e gli pare d'essere proprio fuori delia realitá."

Se ha em politica verdades pacificas, essa que cu exponho amparado na autoridade de uma das mais seduetoras mentalidades modernas é, sem duvida, a mais pacifica de todas. Concluo, por isto, bem ao cntrario de *Bassanio*, que ha /lios nossos dias constituições mais e menos artificiaes, e que as mais artificiaes não são as mais novas, e sim as mais antigas.

Se é possivel schematizar o assumpto, direi que as constituições do passado, as mais artificiaes, preconizam o predominio do legislativo sobre o executivo, e as de concepção mais moderna e mais adiantadas, ou seja, as menos artificiaes, visam a perfeita independencia e harmonia desses dois poderes. Essa harmonia e essa independencia nunca foram conseguidas: rompe-se o equilibrio, sempre em detrimento do legislativo. Wilson, que escreveu um tratado americanamente objectivo sobre o Estado, salientava com muito bom senso que um corpo politico não é uma equação mathematica, inerte e rigida, mas um organismo biologico, cujos orgãos se desenvolvem e crescem, ou se atrophiam. E por muito que isso desagradasse aos theoricos do regimen norte-americano (e, por conseguinte, do brasileiro), a verdade para Wilson era que o congresso estava se atrophando, ao passo que o executivo tendia a se tornar cada vez mais o governo propriamente dito.

Ora, se a politica é a arte de que a sociologia é a sciencia, não é logico que ella continue a estabilizar em normas, quero dizer em ccaistituições, principios abstractos cuja inapplicabilidade as observações reaes já demonstraram.

Se a tendencia mundial dos nossos dias é o atrophamento do legislativo, como vulgarmente se o comprehende — poder soberano, que elabora as leis per si sú para que outro pod?r, também soberano,

mas em esfera diferente, as execute — o que tudo indica é que as constituições do futuro acabarão com essa utopia que nunca logrou aproximar-se da verdade.

E o que é toda essa formidável agitação dos nossos tempos, essa dúvida proteica que nos atormenta e esse aneio ainda indefinido por uma nova ordem de coisas, senão o desespero causado por organizações políticas que não correspondem á realidade dos phenomenos sociaes?

Percorra-se a nova literatura politica da Europa, e a conclusão é que tanto a classica concepção do predomínio do legislativo sobre o executivo, como a da equivalência dos dois poderes, são hoje doutrinas invalidadas pela observação e o raciocínio.

E' de tal modo evidente ia condemnação do parlamentarismo democrático herdado da reacção contra a autocracia de direito divino, que nós a encontramos, igualmente expressa, como artigo de fé, nas duas frentes oppostas do pensamento e da acção politica dos nossos dias: no Estado proletário de Eeinine e na ditadura conservadora de Mussolini.

Dos tres principios básicos da revolução russa, réza o primeiro que "o aperfeiçoamento historico do systema representativo federal consiste em substituir os *Parlamentos pçliticos por organismos administrativos* em que estejam directamente representadas as funeções sociaes, desenvolvendo o principio no systema sovietista dos Conselhos. (José Ingenieros — *Los Tiempos Nuevos*).

O proprio I, enine, que, dentro das suas lamentaveis fantasias marxistas, tem paginas admiraveis de observação social, sustenta no seu *Ideário Bolchevista* 1.º) a suppressão dos parlamentos; 2.º) a criação de corpos que sejam ao mesmo tempo legislativos e executivos, sem deixarem d\* ser representativos, no verdadeiro sentido da palavra; 3.º) a revocabilidade dos representantes (cassação de man\* dato dos deputados).

Não disponho de tempo, e o espaço é breve, para entrar na analyse do systema. Para a sumaria apreciação do facto, bastam, entretanto, as indicações geraes que ahi deixo formuladas.

Ninguém pôe em duvida que o comunismo esteja ameaçando, senão do ponto de vista social, pelo menos do politico, a organização contemporânea dos Estados. Para destruir, elle escolhe, por uma lei natural, as partes mais gangrenadas do organismo. A escolha foi precisa: os parlamentos légiferantes.

O reactivo contra a dissolução é a *politica dos Estados fortes*, de Mussolini, aberta ou disfarçadamente seguida em todos os paizes, presas do mesmo mal, ou de congeneres. Mussolini comprehendeu que para bem defender a ordem social é preciso alliviar a ordem politica dos pesos negativos que a oneram. Também ahi a escolha foi precisa: "il nefasto regime parlamentare".

O quadro clinico está traçado por escriptores notáveis, que precisam de ser lidos no Brasil. Impõem-me a brevidade que só lembre um: Francisco Coppola, *La flevoluzione Fascista e la Politica Mondxale*.

"Neila sua immediata concreteza — diz esse escriptor — la rivoluzione fascista é sorta in Italia come *istintiva reastione preitica contro il parlamentarismo democrático e contro il socialismo bolscevizante*. E acrescenta: "Crisi, dei resto, non esclusivamente italiana, crisi européa."

A instinctiva reacção contra o socialismo bolchev'sante tem, pois, de commun» com o proprio bolchevismo a condemnação do principio artificial e anti-scientifico de que um poder politico deva elaborar as leis e outro executal-as. Empyricamente, Wilson já havia chegado, também, á mesma conclusão. E a observação da nossa actualidade politica nos mostra que os parlamentos só votam as leis com que os executivos concordam.

Qual a conclusão de tudo isto? Simple.\* mente esta: a mentalidade politica er\* elaboração no velho mundo trará comsig\ fatalmente, e em um prazo que não vera longe, a suppressão dos parlamentos na sua concepção actual. E serão essas coiv st'tu!ções, animadas de espirito positivo, infinitamente menos artificiaes do que as classicas velharias inspiradas em Rou\* seau, em Montesquieu, em Stuart Mil!»



o que mostra que o artificialismo, em politica, está com o passado e não com o futuro. O de que se faz mistér para acabai com esse artificialismo é rever os vales sociacs dos princípios políticos consagrados nas constituições, cancellar nel las o que não presta e o que não se con duza com a realidade dos factos.

A respeito de constituições, como de programmas políticos, a verdade, lapidarmente expressa, está com Bujanine: Como os programmas políticos, as constituições não saem dos cerebros; plasma-as a vida.

*Lindolfo Collor.*

("O Paiz", Rio).

## AS IDÉAS POLITICAS E RELIGIOSAS DE BALZAC

li

Cita Bellessort de Balzac (que no ar dor da sua paixão por Mme Ilanska até da immodestia lançava mão), este trecho que, no cm tanto, contém uma grande verdade:

"Quatre hommes auront eu une vie im mense: Napoléon, Cuvier, O'Connell, je veux être le quatrième. Le premier a vécu de la vie de l'Europe: il s'est inoculé des armées. Le second a épousé le globe. Le troisième s'est incarné un peuple. Moi, j'aurai porté une société tout entière dans ma tête".

Grande verdade, repito, porque nin guém até hoje demonstrou viver tão prof undamente uma época. Balzac não só conheceu a sociedade do seu tempo, em todos os seus aspectos, dos mais bellos, dos mais nobres, aos mais extravagantes e aos mais mesquinhos, como os viveu todos, foi elle proprio um actor verdadei ramente notável naquelle palco da Euro pa em que, pela primeira vez, o drama tomava as características da luta, da ba talha plutocratica, que hoje em dia vai no seu auge.

Quando o vemos, após a analyse da sophisticateda democratica, apresentar os veihos typos da sociedade politico-religiosa européa como os únicos bons e verdadei ros, não se pense que elle tem illusões sobre a creação do Estado que a França parecia encarnar aos olhos do mundo. "Se não posso viver sob uma monarchia abso luta — diz elle — prefiro a Republica a estes ignóbeis governos bastardos, sem acção, sem base, sem princípios, que desen cadeciam todas as paixões sem tirar parti do de qualquer delias, e tornam estacio tmria uma nação, por falta de poderes".

Para demonstrar as vantagens da mo narchia absoluta, chegou a pensar em de dicar-se ao romance historico e o seu "Martyr Calvinista" "nos dá uma alta idéa do espirito politico de Catharina de Médicis". Mas, nota ainda Bellessort, não será com exemplos dramaticos que elle fará essa demonstração, — e, sim, pela pintura do immenso quadro de uma sociedade em que já não actúa aquella forte fôrma de governo.

"A sociedade que sae dos campos de batalha revolucionários, parece-lhe ter nel les esgotado o seu idealismo. A's gran des autoridades espirituaes que a tinham dirigido e contido, até então, que ha viam reprimido suas insubordinações, e cujo fundamento era mystico, á realza e ao catholicismo se substituirá uma poten cia formidável, a um tempo egualitaria e destructiva da egualdade: o poder do di nheiro. E' egualitaria porque a qualquer é possível conquistal-a; é destruidora da egualdade, porque confere a quem a pos suo direitos e privilegios insolentes e que só em si mesmos acham limites. A oli garchia que ella forma é essencialmente instável. Sem tradição, sem outra garan tia de futuro que a felicidade no jogo, apossa-se violentamente do presente e o transforma segundo os seus caprichos. Des presa a democracia de que se originou e de que se serve, porque a democracia é dedicada á plutocracia, ou melhor, quem diz democracia diz plutocracia".

Foi isto o que Balzac melhor que qual quer outro espirito do seu tempo, não só comprehendeu como sentiu, mas sentiu vi vamente, como a um pânico que lhe inv adisse a alma heroica ao espectáculo de um mundo roido de uma vermina infernal, e os seus romances são m'ismo, na

%



quelles que representam o melhor da sua obra, essa pintura dantesca do novo scenario, que aos outros se ia impondo quasi\* insensivelmente, a todos parecendo sem poesia, sem grandeza, mas também natural, sem maiores perigos, reprodução daquelle em que os homens sempre se haviam movido, como se o que lhes parecia dramático na face da nova sociedade nada mais fosse que os últimos indícios da sanguinolenta passagem do carro da Revolução.

Um dos seus melhores críticos, Breten, não soube apprehender mesmo, ainda em nossos dias, a gravidade da genial intuição de Balzac, e é assim que se refere a essa feição do seu ficcionismo realista: "Para elle, o dinheiro é desde 1789 a alma da sociedade franceza, e 1830 lhe consagrou o triumpho. Balzac parece esquecer que, nas suas satyras Boileau dizia o mesmo do seu século e que quando assim dizia imitava Horácio, o qual imitava Lucillo, o qual se lembrava de Aristophanes. Elie cré ou finge crer que a era de Pluto data apenas de 1830".

A resposta de Bellessort parece-me esmagadora: "Balzac jámais duvidou da eterna seducção do dinheiro sobre o espirito dos homens. Elle conhecia o "auri sacra fames", o execrável appetite do ouro, que o poeta latino denunciava ha mil e novecentos annos. Mas o dinheiro encontrava no antigo regimen as barreiras que a monarchia e a religião tinham levantado contra elle.

Podia fazer brechas; jámais a onda passava livremente. O dinheiro não vos collocava sempre acima de vossa classe; o dinheiro não vos levava quasi que infallivelmente ás honras e ao poder; o dinheiro não creava uma opinião publica, era impotente para fazer e desfazer leis. Na antiga sociedade, os ganhos do usurário Harpagão não lhe abriam entrada para o conselho do rei. Entretanto, se o quizer, o velho Grandet será amanhã conselheiro geral, deputado, senador, pela virtude dos seus milhões. Uma sociedade em que a aristocracia do sangue nada mais vale, em que os cargos não são mais hereditários, em que reina a eleição, legi-

tima e sobreexcita todas as ambições do dinheiro. Cousa alguma é capaz de contrapôr-se á sua marcha. Elle não se choca mais contra essas grandes fortunas territoriaes, contra "esses grandes feudos moraes", que constituíram a força do paiz e a perennidade das familias. O "Titulo das Successões", do Código Civil, ordenando a partilha igual dos bens,, pulverisou-os, e a autordade paterna, a mais forte das instituições, ficou desmantelada. Eis o que Balzac quiz dizer e disse". Elle proprio tudo resumiu nesta phrase: "O ouro é o espiritualismo das sociedades actuaes", e a imprensa, "religião" destas sociedades é, a seu ver, a prova desse invencivel domínio dos homens da finança sobre um mundo cada vez mais esquecido do dever do rico que é, no mundo christão, talvez mais pesado e certamente mais delicado que todos os deveres do pobre.

Um dos seus personagens, Dousteau, assim a definiu: "uma grande catapulta movida por odios pequenos". "Mas a essa catapulta quem a ergue, quem paga os gastos da sua installação, quem lhe regula a marcha, quem a dirige? Seus manditarios são burguezes enriquecidos e banqueiros". "A influencia, o poder do jornal, exclama Finot (outro personagem seu) está apenas na sua aurora. Tudo dentro de dez annos estará sob o guante da publicidade".

Eu bem sei que as transcripções que venho fazendo não formam o que geralmente se entende por um artigo de jornal. Pelo contrario. Em pagina de revista ou de livro seria plausível um (resumo, e aliás mais perfeito, de um ensaio como esse sobre um doutrinador tão inimigo da imprensa. Mas talvez não me engane se penso que ha horas em que a um povo deve, quem o ama e delle faz parte, apresentar, seja de que modo fôr, certos exemplos, certas pinturas eternas de umas tantas desgraças, certas explicações que valem como conselhos, tanto mais desinteressados quando vêm de tão longe como se fosse da lua...

*Jackson de Figueiredo.*

("Gazeta de Noticias", Rio).



## STENDHAL E O ESPIRITO MODERNO

...or, le génie n'imité  
personne, et des ucca  
démiciens moins que per-  
sonne.

H. BgYLE.

Se um dia se tentasse ensaio para descobrir, na mentalidade dos primórdios do século passado, os germens e os designas do espirito contemporâneo, a obra de Stendhal estaria em primeiro plano, em illuminação inconfundível para representar os elementos essenciaes do quadro. Em certos domínios particulares, acredito mesmo que Henry Beyle compareceria, sósinho, como testemunha *de vista*, por previsão, das realidades esthetico-philosophicas do século XX.

Aliás, a curiosidade crescente que se manifesta, após as *descobertas* de Taine e Saint-Beuve, confirmam a fácil indicação. Os estudos de Paul Bourget, as pesquisas felizes de Casemife Stryenski, as anotações de François de Nion e os esclarecimentos de L. Bélugou, sem já falar na repercussão intrigante e enigmática do Stendhal Club, tornam cada vez mais seductora e inquietante a figura do analysta de Julien Sorel.

Ha, nestes últimos trinta annos, verdadeira revisão no processo de Stendhal, na historia literaria do século XIX. E cada vez mais o beylismo se enaltece e revigora, tanto nos exemplos de psychologia das paixões, como nos motivos philosophicos do scepticismo.

O que ha de singular e impressionant é o tempo tornar Beyle mais *actual*. E também mostral-o dotado de reflexos prismáticos, como consciência e sensibilidade cyclicas. Ninguém, de ora em diante, poderá encaral-o sómente em uma única provincia do conhecimento. Em certos domínios do pensamento, cada especializado vai encontrar a obra stendhaliana, conforme a face em que a foque, cheia de *realidades* presentidas. E Stendhal, homem futuro, cuja energia vital e photogenica do pensamento, emerge, cada dia, suggestionante anticipado da sensibilidade.

Mais excepcional se torna tal phenomeno, se nos recordarmos que a *fórr:o* de seus escriptos não contém nenhuma

das seduccões envolventes e pressurosas, de alinda gracioso, ou floreo parasitario. • as que melhor servem de confortável ante-sala, amavel e captivante, ás visitas que fazemos, pela primeira vez, ao génio de um artista ou sábio. Sem nenhuma das prestidigitacões ou magias cio estylo fascinante, não querendo atacar r empolgar o leitor por externos motivos d2 tentação decorativa — Henri Beyle preferiu, desde logo, tratar os seus the mas de psychologia ou esthetica, naturalmente, sem artificios literários. Dir-se-ia, por vezes, que elle, intencionalmente, deixava o leitor a descoberto, no solo descampado, sem sombras protectoras, na aridez da fôrma, para bem julgar do prestigio de suas idéas.

No emtanto, convém não deixar parecer aos que não vivem na intimidade de *L,c Rouge e le Noir*, ou das *Mémoires d'un turiste*, ou ainda da *Histoire de la peinture en Italie*, que Henri Beyle é desagradavel e inhospito na sua fôrma.

1S' que elle tinha outra concepção do eitylo, cuja synthese plastica se definia em uma palavra: clareza: "la seule qualité á rechercher dans le style est la clarté".

Outra sentença do autor de *Armante*, que em tudo buscava o evento da personalidade, cabe neste topico: "Ne point se former le goût sur l'exemple de nos devanciers, mais á coups d'analyse".

Julgo, no emtanto, que nelle o estylo cabia bem nos assumptos: simples, sobrio, preciso: analysta subtil, homem de pen samento, Sthendhal, não amava tecer guirlandas enleantes. Comprazia-se no drama "interior. E, para creal-o, dava as indicações justas. Se observarmos os intuitos de tal philosophia do estylo, não será difficil nella encontrar-se os delincamentos exactos, desbastados do parasitismo oratorio, da fôrma de Flaubert, particularmente na *Bovary*.

Inimigo da rhetorica, medroso de ro teiros conhecidos, encolerizado em dema sia contra os *clichés* literários e moraes — Stendhal frequentemente attinge á nobre eloquencia, tanto no comico como no trágico.

Sua fôrma participava, com intensidade, de suas dominantes do caracter. Era um retrato — "Car j'ai des opinions tranchantes sur tout, je dois cet aveu sincère au lecteur; c'est là le principal défaut qui me rend peu agréable dans le monde, et je n'ai nulle envie de m'en corriger. Satisfait de mon humble fortune, plein d'orgueil et ne demandant rien, je ne ménage que ce que j'aime, et je n'aime que le génie."

E' a explosão magnífica da personalidade que se reveste de tons de ironia, na propria impulsão egotista, para melhor marcar-se na attenção do leitor, e adquirir, de tal sorte, todas as liberdades dos julgamentos. Por outro lado, ahi estão, visíveis, os secretos motivos' do desdém com que até o fim do século passado foi tratado *Arrigo Beyle, milanese*.

Aliás, ainda ha 20 annos, *Edouard Rod*, sobre elle escrevendo longo estudo, não o encontrou em sua totalidade, dizendo-o um homem do século XVIII: "Il ne possède à aucum degré le sens artistique de la langue qui, depuis Chateaubriand, a été la marque distinctive de tous nos écrivains de premier plan."

Refiro o passo, para mostrar como ainda no começo do nosso século, era deplorável e profunda a confusão, no que diz com o génio antecipado de *Stefdhall*.

Ao contrario, eu encontro em *Henri Beyle*, ou, se preferirem, no *beylismo*, as

ultimas fôrmas do pensamento post-Nietzsche, e tanto nos cyclos da philosophia, como nos de moral e da esthetica.

Para muitas realizações de arte moderna, a partir dos Impressionistas, o autor da *Chartreuse de Parme*, se destaca em vulto, como surpreendente propheta. Em vários giros, o seu estudo sobre o *Salon Royal* de 1824, só agora é que, realmente, tem actualidade.

Em qualquer de suas obras, porém, o espirito moderno é latente. Em algumas, elle se evidencia com tão clara e moça familiaridade, que, por momentos, voltamos á capa do livro, consultamos, desconfiados, a edição, no temor de sermos victimas de algum embuste literário.

Como todos os raros antecipados, no presente é que *Henri Beyle* começa, em verdade, a viver. Suas idéas chegaram á floração. O perfume, de emocionante frescura matinal, nos embriaga como realidades profundamente evocadas, de dentrij de nós mesmos.

D'ahi todo o prestigio de sua obra, e o encanto esquisito, de contagio dominante, de idéas extremamente sensíveis, que despertam para a vida contemporânea.

Só hoje é que *Henri Beyle* conseguiu ser original.

*Flexa Ribeiro.*

("O Paiz", Rio).





## DEBATES E PESQUIZAS

74

Si eu tivesse autoridade, lembraria ao meu amigo sr. Samuel Hardman a conveniência de haver na Exposição Geral de Pernambuco, em outubro proximo, uma secção de culinaria e confeitaria pernambucanas.

Fidalgos arruinados, si ha joia de familia que ainda nos reste, aos pernambucanos, é a tradição que se refugiu no forno e no fogão dalgumas casas. A "debaçle" felizmente não attingiu, nos seus íntimos valores, á cosinha pernambucana. As receitas de bolos, doces, peixes e ensopados com leite de côco, requeijões e vinhos que nos transmittiu a glotoneria dos engenhos são uma especie d\* "pedigree" do paladar, ainda conservado entre certas familias do Norte.

E' verdade que ha muito quem ostente, com outros requintes, francesismo e até cosmopolitismo de paladar. O Recife se requinta em tudo: na culinaria como na architectura.

Mas o bom pernambucano é que se não deixará facilmente desenraizar da mais fina tradição culinaria do Brasil. K' um paladar, o seu, individualizado e ennobrecido por cento e cincoenta, duzentos e até trezentos annos de feijão de côco e de cangica, de doce de cajú e do vinho de genipapo. Um "pedigree" desses não se abandona facilmente: já Eduardo Prado dizia que o paladar era a

ultima cousa no homem que se desnacionalizava.

De facto, é a nutrição factor poderosissimo de typo nacional e de typo social. Os allemães teriam por certo conseguido nacionalizar os alsacianos si lhes tivessem conquistado de todo o paladar. I) a que, ao meu vêr, torna difficil para a França a definitiva annexação da Alsacia é o gosto que alli se desenvolveu pelo salame allemão. Nem na propria Allemanha se vê tanto salame como em Strassburg.

O problema alsaciano é de facto um problema em que vencerá quem tiver melhor lingua. E os francêses, com a sua finissima arte culinaria, têm a fama de ser os artistas de lingua, isto é, Jo paladar.

Vejo que sem esforço vou desenvolvendo toda uma theoria de interpretação histórica: a interpretação culinaria. Theoria que abandono ao primeiro psychologo social que se quizer aproveitar das suas l ossibilidades revolucionarias.

Mas devo voltar a este ponto; que a nutrição é factor poderosissimo de typo social e de typo nacional. O laboratorio da chimica social é antes a cosinha que a escola.

Dizem os inglezes que não se faz um "gentleman" sem algumas gerações cie "beefsteak". E todos sabemos que

um official alemão não se fazia outrora sem salame e cerveja; que um doutor de Coimbra não se faz, ainda hoje, sem muito bacalhau e grão de bico; e que um frade não consegue selo no alto e puro sentido da vocação sem muita abstinência. A nutrição de tal modo age sobre a alma que a consegue, às vezes, plasmar ao seu geito: a espessa cosinha bahiana seria talvez capaz de brutalizar e deformar Santo Ignacio ou São Francisco de Assis. Ou um anjo. "L'action en effet modifie les facultés de l'ame", escreve a proposito da psychologia do mysticismo o Padre H. Piuird de la Bollaye. Poderia ter dito "la nutrition" em vez de "l'action".

Quando falo dos nossos quitutes — e eí-te é o segundo artigo que lhes dedico — de quem primeiro me recordo é do John Cásper Branner. O sábio americano cuja amizade epistolar foi um dos encantos da minha adolescência.

Ninguém morreu mais saudoso do Brasil que o professor Branner, na sua casa de Palo Alto, entre livros portugueses e mappas de geologia. E essa saudade, onde elle a conservava mais viva era por certo no coração; mas conservava-a também viva no paladar.

O ultimo artigo que escreveu foi para uma revista que dirigiamos em New York, eu e um amigo chileno.

E nesse artigo elle se despediu dos nossos quitutes como quem se despede de amigos, chaniando-os carinhosamente pelo nome, um a um como São Francisco ás arvores e aos passaros da Porciuncula. Dir-se-ia que o escrevera a lamber voluptuosamente os lábios seccos de doente.

Os requintados não de sorrir desta minha idéa de se estabelecer uma secção de culinaria e confeitaria na Exposição do Derby. Os requintados lêm-me sempre a sorrir: gosando o pittoresco das "blagues". Deleitam-se no que ha de finamente 'blagueur' nos meus malaba-

rismos dominicaes. Quando uma vez escrevi que preferia o analfabetismo do grande numero (como na Hespanha) á meia cultura (como na Suissa) um amigo me disse mostrando entre um fino sorriso, fino dente de ouro: "Muito bom, seu artigo". Elie julgava que fosse ironia; que no intimo eu fosse um entusiasta das ligas contra o analfabetismo.

Similhanamente, os "garçons" das confeitarias elegantes de Recife só comprehendem minha preferencia da agua de côco a esse primor de "frozen dessert" que é o "Lydia Borelli" — como "blague". Alguns hão de suppôr mais realista e logicamente que se trata de economia.

De modo que a minha lembrança do pavilhão de confeitaria e culinaria pernambucana na Exposição do Derby ha de ter interpretação parecida a essas. E si não fossem espiritos sérios que sempre me estimulam, — como o dr. Netto Campello — só me restaria o doce consolo de assumir o ar jnelancholico dos incomprehendidos.

Seja como fôr, é esta a idéa do pavilhão: um pavilhão de quitutes. Quitutes pernambucanos. Quitutes de milho, feijão e farinha de mandioca; ensopados e peixes condimentados com o leite de côco; o doce da noz ralada; a cocada; a agua de côco com o clássico "catarro". K doce de cajú. Doce de cajú secco. Doce de cajú em calda. E "pê de moleque" fartamente condimentado com a castanha do cajú. E "Matury". E doce de goiaba em calda e em massa. E doce de araçá. E geléa de goiaba. E todos esses doces e bolos de que outrora tram as donas de casa que desciam á cosinha para tomar o ponto; e arroz doce; e 'cangica"; e "manguzá"; e "grudes"; e quanta cousa nos deixou a gluttoneria dos engenhos.

*Gilberto Freyre.*

("Diário de Pernambuco").

## O PROBLEMA DO CANCRO

O professor A. Cosset, da Faculdade de Medicina de Paris e notável cirurgião, fez á Sociedade de Biologia sensacional communicação, publicada em 'Comptes ren-

des hebdomadaires de la Sociéte de Biologie".

A communicação foi feita também em nome de A. Gutmann, chefe de clinica



de Gosset; de Georges Lakhovscky, engenheiro e conhecido inventor e pesquisador; e de J. Magrou, do Instituto Pasteur e chefe de Laboratório na Salpêtrière.

Eis a comunicação:

"Sabe-se que se pôde produzir em diversas plantas, inoculação do 'bacterium tumefasciens', tumores semelhantes aos cancros dos animaes (Erwin F. Smith).

J. Magrou obteve, experimentalmente, por este methodo, grande numero de tumores, que, apresentavam desenvolvimento continuo, indefinido. Algumas vezes se necrosam parcialmente, porém, não morrem na totalidade senão quando a planta morre ou, pelo menos, o ramo em que estão implantados succumbe á cachexia. Quando são extirpados, os tumores continuam a proliferar.

Nesta nota nos propomos a estudar a acção das ondas magnéticas de grande frequencia, obtidas por meio de aparelho realizado por um de nós (G. Lakhovscky), para applicações therapeuticas e conforme seu ponto de vista theorico; o aparelho é o radio-cellulo oscilador G. Lakhovscky. O aparelho produz oscillações de extensão de ondas a 2 metros, mais ou menos, o que corresponde a 150 milhões de vibrações por segundo.

Uma primeira planta, "Pelagonium zonatum", variedade de gerânio, foi sujeita á experiéncia; um mês após a inoculação do "bact. tumefasciens" apresentava pequenos tumores brancos, do volume de caroço de cereja. A planta foi exposta á irradiação em duas secções, com intervalo de 24 horas e por 3 horas de cada vez.

Nos dias qué se seguiram ao tratamento, o tumor continuou a se desenvolver rapidamente, como os tumores testemunhas (de outras plantas não sujeitas á experiéncia), formando grossa massa plurilóbada. Deseseis dias, pouco mais ou menos, após a primeira secção de tratamento, o tumor começou bruscamente a se necrosar. Dias depois (15, aproximadamente), a necrose era completa; os lóboos do tumor, murchos, completamente seccos depois, separaram-se da haste por sulcos de eliminação, e o tumor era facilmente destacado por leve tracção. A

acção necrosante das radiações mostrou-se rigorosamente electiva, limitando-se estritamente aos tecidos "cancerosos", seguindo-os na maior profundidade, onde os tumores tinham nascimento; os orgãos sãos, caule e folhas, ficaram indemnes e a planta conservou todo vigor.

Segundo "Pelargonium" foi tratado do mesmo modo; apenas a exposição á radiação foi mais prolongada, 11 secções de 3 horas cada uma. Deseseis dias após a primeira secção, o tumor apresentou necrose e, dias depois, estava completamente secco. Como no primeiro caso, as partes sãs ficaram indemnes.

Em terceiro "Pelargonium" submettido á radiação durante 9 horas (3 secções de 3 horas cada uma), a necrose dos lóboos do tumor seguiu a mesma marca. Deseseis plantas ("Pelargonium") testemunhas foram deixadas sem tratamento e apresentam tumores em plena actividade, alguns enormes.

Em resumo, estamos autorizados a dizer que as plantas "Pelargonium", portadoras de tumores após inoculação de "Bacterium tumefasciens", e nas quaes a ablação do tumor não impediu a recidiva, parecem curadas por influencia das ondas magnéticas acima indicadas".

Esta é a nota apresentada pelo prof. A. Gosset.

Que ondas serão essas?

G. Lakhovscky acredita serem ondas hertzianas.

Diz elle: "A vida nasce da radiação, é mantida pela radiação e supprimida por todo accidente provocando desequilibrio oscillatorio, principalmente pelas radiações de certos microbios que enfraquecem as radiações das cellulas mais fracas" Diz mais: "Deve-se activar a oscillação cellular, seja indirectamente, reforçando a radio-actividade do sangue, seja exercendo sobre as cellulas acção directa por aparelhos apropriados".

Dahi a concepção e realização do seu aparelho, que diz elle ser muito simples e que poderá ser accionado pela energia electrica fornecida aos centros urbanos.

Embora se não aceite a doutrina de Lakhovscky, as experiéncias realizadas são empolgantes e desvendam interessante problema de biologia.

Gosset não discute a itilogia nem a pathogenia dos neoplasmas. Relata os fa-



ctos decorrentes da experiência sua e de seus collaboradores ein neoplasma vegetal.

Nos neoplasmas dos animaes ou do homem, a applicação de correntes de grande frequência e de grande oscillação dar4 o

mesmo resultado que deu nos tumores do vegetal?

Santos, outubro de 1924.

Dr. Moura Ribeiro.

("A Tribuna", Santos).

## O PRIMEIRO OURO IJE MINAS

Onde se acha o primeiro ouro que ss extrahiu de Minas Geraes?

E' o que nos propomos demonstrar por meio de documentos.

Todavia, *a priori*, adiantaremos que se acha no Rio de Janeiro.

Como é sabido, as primeiras explorações do ouro, em territorio mineiro, datam de 1693 a 1700, pouco mais ou menos, e, o primeiro ouro remettido offrcialmente de Minas pelo governador ao soberano portuguez, foi por este enviado para ser depositado no theatro do Conselho Ultramarino.

1). João V, filho de d. Pedro II e de sua mulher d. Maria Sophia Isabel de Nenburgo, reservou todo esse ouro, com o intento de offerecel-o a Deus.

D. João e a sua côrte viveram no fausto; elle era immensamente religioso, até o fanatismo, a ponto de serem enormes as suas doações a egrejas e mosteiros. Só por canonizações e indulgências deu a Roma mais de duzentos milhões.

Comtudo, na vida de d. João V, assignalam-se alguns actos de nobreza e muitos outros de philantropia, dentre elles, o ter destinado o primeiro ouro de Minas ao serviço de Deus.

Entre as cartas dos secretários de estado, constantes do liv. 82, escriptas ao general governador da capitania de Minas, em 1743, que também o era do Rio le Janeiro, Gomes Freire de Andrada, encontramos as de 1.º e 17 de abril, firmadas por Marco Antonio de Azevedo Coutinho, que esclarece e nos tira toda duvida sobre este assumpto.

Como *gratificação* a Deus (*sic*), dos beneficios que fez ao reino de Portugal, d. João V mandou preparar uma Custodia, um Cálice com a sua respectiva Patena e uma Pixide — tudo fabricado com \*o primeiro ouro que se extrahiu de Minas.

Vieram estes objectos do culto divino destinados á egreja cathedral do bispado de Minas — "como capital das mesmas minas" — para ter serventia no seu religioso serviço.

Como não se ignora, Minas naquelle tempo, 1743, pertencia ao bispado do Rio de Janeiro, pois em 1745 pela bulia pontificia de Benedicto XIV — *Candor lucis ceter nce* é que foi creado, e só em 1748 fez sua entrada solemnc em Marianna o 1.º bispo d. Manoel da Cruz.

Cada um dos objectos veiu acondicionado em um cofre e todos tres por sua vez encerrados em um quarto cofre.

Foi portador o capitão de mar e guerra João da Costa de Brito, que os entregou a Gomes Freire de Andrada, no Rio de Janeiro.

Junto veiu a certidão do contraste, de que constava o peso de cada uma das peças, a qual não nos foi possível encontrar, nem as declarações relativas a cada peça.

Gomes Freire deveria entregar tudo ao bispo e cabido por um termo que se juntaria á dita certidão do contraste.

O bispo do Rio de Janeiro, nessa época, era d. João da Cruz.

O termo e a certidão do contraste seriam registrados na secretaria do governo, como também no arquivo da mesma cathedral, para que a todo tempo constasse não só a doação que S. M. houve por bem fazer das mesmas, mas do seu peso e qualidade de figuras.

Desses documentos foram remettidos a el-rey, por ser exigida, uma copia, a qual lhe foi presente por intermedio do dito s^retario de estado Marco Antonio de Azevedo Coutinho.

Junto aos conhecimentos dos objectos alludidos, remettidos a Gomes Freire, também veiu um cofre de pau prateado — destinado a recolher a Pixide e



para collocar-se no throno da exposição na quinta-feira santa.

Gomes Freire, que se achava no Rio, como vimos, ao ter conhecimento da doação, avisou ao bispo, que se achava em visitas pastoraes à capitania de Minas, remetendo copias das cartas que recebera, para que deliberasse sobre a entrega dos objectos.

Sciende o bispo, immediatamente, interrompeu sua excursão religiosa, pondo-se a caminho do Rio de Janeiro, e lá chegado, determinou o dia 7 de setembro de 1743, para ter lugar a entrega solemne.

Effectivamente, no dia apazado, achando-se presentes o general governador, o bispo, clero, ministros e nobreza, teve lugar a solemne entrega na fôrma ordenada por S. M. e todos assistiram com grandes demonstrações de alegria e prazer pelo grande acto de piedade do sr. d. João V. De tudo foi feito um termo na igreja de N. Senhora do Rosario dos Pretos, onde se effectuára a cerimonia da entrega, por estar servindo de Sé.

A igreja do Rosario dos Pretos lucrrou materialmente com a visita de Gomes Freire, porque em carta de 14 de setembro de 1743, representou a S. M. sobre o seu estado decadente.

Em sua representação affirmou: — "quanto era indecente aquella igreja para um bispo e cabido, pois havia muitos annos que nella não entrava e agora tinha visto o estado em que se achava".

A igreja do Rosario dos Pretos servia de Sé, por estar em obras a cathedral e Sé do bispado.

Não é fôra de proposito, antes com todo o cabimento, que os mineiros deveriam reivindicar essas jóias históricas constantes da doação de d. João V, para o arcebispado de Bello Horizonte, porque foram fabricadas com o primeiro ouro extrahido de Minas e destinadas — "à igreja cathedral do bispado de Minas, e mo capital das mesmas minas".

*Feu de Carvalho.*

("Minas Geraes", Bello Horizonte).





## NOTAS DO EXTERIOR

RAMALHO ORTIGÃO

*(A propósito da reedição da sua obra completa)*

Descia eu uma rua citadina, cheia de movimento, de côr, de ruído, de alegria e de luz, no esplendor da manhã de sol, e eis que de repente, ao mirar, de relance, a montra duma livraria, deparei um livro do grande escriptor Ramalho Ortigão, arrebatado ha poucos annos ainda, pela morte, quando a sua nobre velhice dava lições de agilidade de espirito, do fecundidade artistica, de originalidade e frescura de intelligencia, de dextresa phygica, aos moços!...

Que ditosa surpresa! O meu dia não começava mal, certamente: — e foi num sobresalto feliz que me approximei do largo crystal scintillando à claridade mutua, para ler o titulo do volume do companheiro d'Eça de Queiroz — titulo que a minha vista de myope não alcançava, a distancia. Tratava-se duma obra posthuma, d'um trabalho que o auctor excelso do "Culto da Arte em Portugal", tivesse deixado completo e esquecido ao canto da gaveta e que a piedosa admiração\* a ternura da família agora revelassem ao publico? Não! O tomo que tanto seduziu a minha curiosidade de "flaneur" era, apenas, uma segunda edição do livro "Em Paris", lançado aos alaridos da publicidade na época distante em que Ramalho iniciou a sua carreira

de homem de letras — que havia de ser brilhantíssima — e que se compõe d'uma suggestiva sério d'impressões, d'estudos, de notas vivas e subteis acerca da vida parisiense e de aspectos e figuras varias da famosa Lutecia, que foi em todos os tempos, um resu.no esplendido da civilisação. "Em Paris", passou quasi despercebido, atravez de toda a actividade litteraria de Ramalho Ortigão, que é um dos nossos grandes homens modernos. Quando elle — que ira arrojado e bravo e que, no dizer jovial d'Eça de Queiroz, teria morrido na batalha de Sa'nt-Privat, á frente dos seus cOuraceiros, se pertencesse ao exercito francez de 1370 — conquistou uma celebridade no seu paiz, já a brochura, que terna agora a appa. recer, estava completamente olvidada, apesar da penetração critica denunciada nas suas" paginas evocadoras e apesar dos reflexos de humorismo ou de ironia que a tocavam de fulgurações. Chegou, porém, para ella -y como chegou- para tudo - a hora inefável da justiça e inesperadamente rompeu a obscuridade que a envolvia, evadiu-se do seu cerraceiro e resurgiu triumphalmente!...

Com ella resuscitou tambm, por esta deliciosa e dourada manhã de verão, para o meu sentimento, o eminente Ra-

malho, com quem eu falei, pela ultima vez, á esquina da rua do Ouro, em Lisboa, já quando elle estava muito doente, mas procurando ainda, por orgulho e por elegancia moral, occultar a sua enfermidade e quando uma presaga sombra de tristeza lhe embaciava a alegria do rosto, que fôra sempre d'uma extrema e fina mobilidade de linhas! Ramalho Ortigão está aqui ao meu lado — desde que, ha pouco, eu vi o seu livro muito meu conhecido, na "vitrine" d'um livreiro. Observo-o, n'um deslumbramento; experimento a sensação extranha de que o ouço respirar e de que as suas roupagens roçam pelas minhas; parece-me, não sei porque, que as suas mãos de longos dedos, devem estar trespassadas d'um frio tumular e de que nunca mais, manejando uma simples caneta, levantarão faiscações, faúlhas aureas, irisações maravilhosas. A visão macabra intensifica-se: o phantasma anima-se mais, de instantes para instantes, gesticulando, sorrindo, movendo-se... Por vezes e em certos estados psychicos, basta o facto, mais insignificante e ligeiro, para nos levar a reconstituir na nossa imaginação, tanto as coisas como as pessoas que foram ficando para traz, n'esta romagem dolorosa da existencia em que todos os vivos se perderão irremediavelmente, n'uma selva mais escura do que a de que

falia a "Divina Comedia"...

\*  
\* \*

Todo o dia d'hoje, tem andado comigo a "ramalhal figura" que Eradique Mendes, outr'ora esperou, inutilmente, bebendo cerveja na "terrass" d'um café de Paris e que não dignou mostrar-se, para ouvir a historia drolatica da dama que ia visitar a mãe de seu marido — e que regressou, encantada, á doçura do lar e ao carinho conjugai, trazendo um perfumado ramo de cravos, depois d'um perigoso "flirt"!

Não me canço de contemplar esta personalidade entre todas illustre, que renovou uma litteratura, tonificando-a com a sua prosa sonora, energica, forte, salubre, cheia de rythmo e de colorido; que nas "Farpas", atirando os seus dardos á tolice humana junto de Eça de Queiroz, ensinou a sua gente a pensar,

a falhar, a conviver, a ter espirito; que fez, na "Hollanda" — publicada a primeira vez em folhetins da "Gazeta de Noticias", do Rio de Janeiro — o mais lúcido, interessante e bello relatório de viagem atravez d'um paiz, que eu conheço: relatório que tem tudo, desde a paisagem aquarellada, ao quadro d'oleo, á dissertação proveitosa sobre questões economicas, sobre commercio, sobre industria, sobre historia e sociologia, sobre o progresso dos povos que querem viver, acima de tudo e que nunca affrouxam na sua luta, nem se deixam vencer pelo desalento. ...

Ramalho Ortigão — que tinha, como ninguém, o prazer de viagens — começou a fazer fallar insistentemente na sua individualidade quando, com as illusões que só na mocidade florescem, saiu do Porto para Lisboa e se encontrou com o Eça de Queiroz, que acabava de concluir, na Universidade de Coimbra, o seu curso de D'reito. Porque o genial romancista do "Crime do Padre Amaro" e da "illustre Casa de Ramires" era "...como toda a gente um bacharel formado" para me servir d'um sarcastico verso de Guerra Junqueiro. Este encontro de dois homens superiores que se conheciam desde a adolescência, foi decisivo e influiu profundamente no destino de Ramalho Ortigão...

Era por uma noite quente do es\*io. O Passeio Publico ia cabeceando de somno e de tédio, ao som d'um realejo; de quando em quando, alvejavam brancuras de saias; creaturas cabisbaixas, vencidas, destroçadas, bebiam a sua orcha ta, curvada melancolicamente sobre as mezas de mármore dos cafés; os candieiros d'illuminação pestanejavam, prestes a apagar-se... Foi no meio d'este pavor e d'esta indizível sensaboria que Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, em plena primavera da vida e do talento, resolveram accordar Lisboa "a berros tremendos", por meio d'um sensacional romance "businado á Baixa das columnas do "Diário de Noticias"\*, immediatamente fizeram a sua provisão de papel e de tinta, partindo cada um delles para a sua banda, sem terem combatido o plano da obra que iam realizar. Todavia, essa obra não se demorou — e sobresaltou, com effeito, a capital, com a narrativa



pormenorizada e correcta d'uni caso tenebroso. O romance, que inquietou a propria policia, intitula-se "O Mystero da Estrada de Cintra" e para elle escreveu, por signal, Eça de Queiroz algumas das suas mais poderosas paginas, como as que contam a caçada ao tigre, nas florestas indianas e a morte de Carmen Puebla, no mar alto, sobre o tombadilho d'uni navio. Ramalho entrara, de salto, na celebridade.

As "Farpas" vieram mais tarde — e com ellas attingiu Ramalho Ortigão as culminancias do seu renome que nunca empallideceu até que a luz se apagou para sempre no seu olhar... E foi, justamente este prodigioso Ramalho, amando os "boulevards" de Paris, como um parisiense que, erguendo-se da sepultura em que se refugiara, se entreteve toda a manhã d'hoje a conversar comigo mentalmente, com o fulgor, a vivacidade, o imprevisito dos annos em que viveu com esplendor, enriquecendo as lettras de Portugal!...

\*  
\* \*

Nos últimos tempos, fez-se á volta da memoria de Ramalho Ortigão um inexplicável silencio. O provérbio francez afirma que "les morts vont vite" — nias a entidade notável que nos legou as "Farpas" e o "Culto da Arte em Portugal", tem uma existencia para além do sepulchro, continuando o seu espirito a viver gloriosamente na obra que produziu. Apesar de tudo, na vertigem, no paroxismo em que nos debatemos, os livros de Ramalho, em que os seres sensiveis sempre terão muito que aprender, principiaram a ler-se menos desde que o vulto athletico, direito, victorioso, apparatuso, do escriptor, deixara de mostrar-se nas ruas de Lisboa, fumando o seu aromatico charuto, exhibindo quasi sempre as suas gravatas de cores berrantes e as flores viçosas que lhe ornavam a botoeira da quinquena de cheviote inglez. Este facto era — extranho, por certo — porque Ramalho Ortigão, educador, critico, commentador arguto, analysta perspicaz, é um dos nossos maiores mestres, alliando a um saber inextinguível e á inspiração, um gosto muito puro e ideias fecundas...

Mas, a reparação merecida não tardou, e de novo "a ramalha! figura" celebrada pela prosa incomparável de Eça resurge olympicamente, para o êxito. Na verdade, todos os livros de Ramalho vão ser reeditados, ao que leio nos jornaes. A adoração familiar que cerca, n'um esplendoroso nimbo, a memoria do escriptor, não quer que se abysme no olvido nada do que elle realisou, em alcyonicos momentos inspiradores. Por isso mesmo, ao livro "Em Paris" — uma ampla pintura exterior da Lutetia mundana, artistica, amorosa e politica, que assiste as corridas de cavallos, ás primeiras representações da "Comédia", aos grandes combates oratorios do Palacio do Luxemburgo e que vai todas as manhãs ao "Bois de Boulogne" -- hão-de seguir-se outros, sem largas interrupções, annunciando-se, desde já, o estudo de Ramalho, sobre Camillo Castello Branco, que foi o creador do romance de costumes em Portugal e o nosso maior escriptor moderno; os perfis humoristicos do "Album das Glorias", em que o lapis de Bordallo Pinho, nas composições que o illuminam, operou maravilhas; toda a sua collaboração jornalística de muitos annos, que dará uma extensa série de volumes...

Não! Nem um só período escripto pela mão do admiravel Ramalho Ortigão — camarada de Anthero de Quental no Cenáculo, um dos audaciosos innovadores que promoveram as conferencias do Casino, fechadas a s'ite chaves pelo Puqu\* d'Avila, com medo da revolução, e Vencido da Vida — será desdenhado, porque esse escripto é um reflexo vivo d'um espirito creador, do alto talento d'um escriptor que não envelhece, que será sempre moço pelo encanto que transmittiu á sua obra insigne pelo pensamento, pela sensibilidade esthetica, pela erudição assombrosa, pela amplitude da visão, pela justeza dos seus juizos criticos, pela belleza da forma de tão nitido recorte e tão poderosamente expressiva. São "Farpas" — umas novas "Farpas", quasi inéditas — que teremos ensejo de saudar: e por meio d'ellas, ser-nos-á concedido o privilegio de palestrarmos, uma vez por outro, com um grande morto, que tanto dignificou a sua patria e que era, precisamente, um dos mais captivantes, originaes e deliciosos conversadores da sua terra!...

Chego ao fim da minha chronica, com um turbilhão de recordações no cerebro: e Ramalho Ortigão cu a sua sombra, que esteve sempre perto de mim, cmquanto escrevi, levanta-se, sorri bondosamente, com aquella franqueza e aquella leald de que foram tão suas, dirige-me um aceno affavel e dissipa-se no ar. No Tmiinto,

para prolongar o meu dialogo com elle, passarei o resto do dia d'hoje a lê-lo — o que será uma digna maneira de prestar-lhe o meu culto e de rezar por elle...  
Porto, 16 de agosto de 1924.

João Grave.

("Correio do Povo", Porto Alegre).

## AS CONTROVÉRSIAS ENTRE O MEXICO E OS ESTADOS UNIDOS

Realizou-se no Palacio Nacional da capital do México a sessão inaugural da comissão mixta-mexico-americana, incumbida de resolver as questões existentes entre este paiz e os Estados Unidos, consequentes ás revoluções que se xerijaram no territorio mexicano.

O Dr. Aron Saens, ex-ministro do México no Brasil e actualmente ministro das relações exteriores, esteve presente ;o acto e proferiu um bello discurso de saudação aos membros da comissão, tendo tido a opportunidade de agradecer ao Brasil a fineza de haver concedido licença ao Dr. Rodrigo Octávio para acceitar o posto que lhe fóra confiado pelas duas partes litigantes.

Em nome dos seus pares, falou, agradecendo, o Jr. Rodrigo Octávio, que leu o seguinte discurso:

"Exmo. Sr. secretario de Estado das relações "exteriores; Srs. comrssarios, meus senhores — Ao se instalarem os trabalhos deste tribunal, em cuja organização duas grandes nações americanas, de raças e tradições differentes, se juntaram para, em um nobre movimento de espirito fraternal, prestigiar a inst'tuição da arbitragem internacional, seja-me permittido dirigir palavras de saudação aos meus eminentes companheiros de tarefa, dignos e autorizados representantes de seus respectivos governos e de sua cultura.

Nós, membros desta comissão, vamos, em uma intima e continua collaboração, iniciar uma obra, que, se visa directa e immediatamente resolver casos concretos de interesse individual, tem, todavia, um reflexo muito mais alto e impessoal; pois essa obra vai incorporar-se no esforço da

humanidade em prol da justiça internacional.

Tida como utopia, desde tempos remotos até nossos dias; convertida, em 1889, na defficiente criação de Haya; permanecida inacabada, em 1907, apesar dos ingentes esforços da 2.<sup>a</sup> Conferencia da Paz, e inacabada pela impossibilidade de se encontrar uma fórmula que respeitasse o principio da igualdade dos Estados; a idéa da criação de uma Côte Internacional de Justiça tornou corpo afinal, no acto de Genebra.

Sinto-me feliz em lembrar que fui um dos signataries do tractado que creou essa côte, obra da primeira assernbléa da Liga das Nações, de que tive a honra de fazer parte.

Devo, entretanto, registrar aqui o meu receio de que, agora, que a côte foi afinal creada e está em pleno funcionamento, certos elementos de sua constituição não venham concorrer para diminuir a expectativa nos resultados do -instituto alcançado após tantos esforços. E isso porque, em primeiro lugar, a Corte de Justiça deve ser universal, e nós vemos que, ainda, varias nações, das que se contam no destino do mundo, não adheriram a essa instituição; em segundo lugar, porque á corte não foi dada jurisdicção obrigatoria, de modo que, a despeito do seu funcionamento, podem ou não ser levadas á decisão delia as questão que, ainda nesta hora de civilização, separam os Estados e compromettem a paz dos povos.

E, se ass'm for, se assim continuar a ser, perguntar-se-ha, com bem fundada razão: — Por que, afinal, se creou essa côte, por que se têm nella reunido «l-

guns dos mais eminentes juriconsultos do nosso tempo, se as questões que, naturalmente, devem caber na sua competencia, não são levadas á sua decisão?

E' claro que, tão sómente para emittir pareceres sobre casos de relativa importância e resolver questões de trabalho, não era mister todo esse aparelho da "Côrte Internacional".

Entretanto, o funcionamento da côrte, com todo o prestigio e no exercicio da sua natural autoridade, é indispensável para assegurar o futuro tranquillo da humanidade. E, pois, para que, com o correr dos annos, a instituição deixada inactiva e inaproveitada em relação aos casos que toda a gente acreditava que deveriam ser submettidos ao seu conhecimento, não se veja diminuida aos olhos de toda a gente, é indispensável que todos os Estados adhiram á sua criação e que o protocolo de adhesão ao principio de jurisdicção obrigatoria se veja coberto pela assignatura de todas as nações do globo.

A organização da justiça nos diversos Estados civilizados, disciplinou a solução e liquidação das divergências individuaes, supprimindo a pratica arbitraria de fazer justiça pelas próprias mãos. E é evidente que o mesmo phenomeno se operará no dominio das relações internacionaes, quando a justiça internacional fôr organizada de modo a poder, perante ella, ser chamada qualquer nação para a liquidação coercitiva de suas divergências com outra.

Naturalmente taes circumstancias não transformarão desde logo o mundo no reino absoluto da paz e da concordia. Mas, ter-se-ha creado um meio eliminatório de muitas das ameaças existentes á tranquillidade dos povos, e á continuidade da civilização, e, sem duvida, com a diurnidade dessas praticas e a effectividade bemfazéja dos seus resultados, chegar-se-ha ao procurado ideal.

A nós, membros desta commissão, cabe, nesta opportunidade que se nos apresenta, trabalhar no âmbito de nossa competencia, pelo prestigio do principio da justiça internacional. Não tenho duvidas que as decisões desta commissão, para cuja orientação o accordo dos do's nobres Estados, por seus esclarecidos governos, trouxe linhas de tão levantado liberalismo, se manterão na altura da civilização de nosso Continente.

Quanto a m'm, pessoalmente, surpreendido na modéstia do meu viver profissional com o excepcionalmente honroso convite dos dois governos signatarios da convenção de 10 de setembro de 1923, só tenho que renovar o compromisso solenne que subscrevi ao deixar a minha terra. Em falta do saber, que não possuo, offereço, com a sinceridade de uma consciéncia serena, os meus melhores esforços por uma justa e equitativa solução de cada um dos casos sujeitos á minha decisão. E, para me saber manter dentro deste proposito, lembrar-me-hei sempre, no exercicio deste altíssimo ministério, que não foram, por certo méritos pessoases que determinaram a escolha do meu nome, mas o pertencer eu á Nação Brasileira, de tão seguras tradições de justiça e confraternidade humana; Nação que, querend.) dar ainda aos principios fundamentaes dessa tradição, um decisivo elemento de fixidez inalteravel, fez inscrever no texto da sua constituição, as maximas de que o Brasil jámais se empenhará em guerra de conquista e que não declararia a guerra, senão depois de falho o recurso ao arbitramento. E é já longa nossa participação na historia do arbitramento internacional. Por nossa conta directa, temos entregue, confiantemente, á solução arbitral nossas desintelligencias internacionaes que não têm sido possível resolver por negociações directas.

E\* assim que, já em 1863, confiámos ao rei dos belgas a solução de graves pendencias com a Inglaterra; e, em épocas mais recentes entregámos á arbitragem, respectivamente, do presidente dos Estados Unidos, do Conselho Federal Suisso e do rei da Italia, a resolução de antigas e importantissimas contestações territoriaes ao sul, com a Republica Argentina, e, ao norte, com a França e \* Grã-Bretanha.

Igualmente, não é esta a primeira vez que um brasileiro é chamado a funcionar em um tribunal internacional estranho aos interesses do Brasil. Na celebre controversia do Alabama, o imperador do Brasil foi convidado a designar um dos árbitros, e o mesmo aconteceu ainda, quanto ás reclamações entre a França e os Estados Unidos, consequentes á guerra franco-prussiana e á intervenção franceza no Mexico, bem como quanto ás questões



decorrentes da guerra do Pacifico, cujos tribunaes arbitraes, era um e outro caso, tiveram como presidente e super-arbitro, eminentes brasileiros nomeados pelo imperador Pedro II; se bem que, desta vez, o presidente e arbitro tenha sido directamente escolhido e convidado pelos dois governos interessados, o que constitue para mim honra excepcional, não esquecerêi, pois, que, na minha pessoa, chamada a sentar-se nesta altíssima cadeira, não fui eu, senão o Brasil, o espirito liberal do Brasil, sua tradição de cultura, de isenção, de solidariedade continental.

### A OBRA DE UM HOMEM TENAZ

Avaliar a obra é avaliar o autor na efficiencia de suas finalidades, porque delia resultam os surtos mais lídimos de sua capacidade pessoal. Assim difficil não é prever as possibilidades de que cada homem é capaz no continuo labutar de todos os dias: fácil, pois, seria a quem lêsse a histeria de Mathias W. Baldwin, o constructor da locomotiva-motor na America do Norte, a vetusta "Old Ironsider", que em 1832 deslizou nas primeiras serpentes metallicas que sulcaram e solo da grande republica, despertando "hittrahs" e palmas do povo agglomerado á sua passagem triumphal, predizer os destiios a que estava reservada a obra desse operário incansavel nas tentativas SLin numero que a levariam a bom termo.

Baldwin foi um operário de si proprio que com mais não contava sinão com o lhesouro fecundo da sua intelligencia creadora e uns parcos recursos que mal lhe davam para a tentativa das primeira3 realizações.

Residindo em Philadelphia, foi primeiro relojoeiro, e porque lhe minguassem os negocios nesse ramo, de sociedade com David Mason entrou a fabricar utensílios de encadernador e cylindros para estamperia de chitas — começa ahí a revelar-se-lhe o engenho.

Baldwin precisava desenvolver suas manufacturas e tendo para isso adquirido um appart-lho rudimentar a vapor que não funcionava na medida de seus desejos, tran-

Apresentando, assim, aos illustres menbros deste tribunal, como delegados do espirito de justiça e imparcialidade de seus nobres paizes, minhas congratulações sinceras pelo grande acontecimento que a -creação deste tribunal representa, declaro installados os nossos trabalhos, nos termos do tratado de 10 de setembro".

Em seguida falaram os Srs. commissarios Gonçalves Rox e juiz Perry e os agentes Elorduy e Anderson, que foram prodigos em referencias lisonjeiras não só ao Dr. Rodrigo Octávio, como também ao Brasil.

("O Paiz", Rio).

sformou-o literalmente, dando-lhe a efficiencia de que carecia. Isso feito, sagrou-se o mecânico.

Aos Estados Unidos chegaram por essa época os rumores do grande successo que na Inglaterra faziam as primeiras estradas de ferro, trafegando no transporte de passageiros e cargas, e a sua competencia technica, já então confirmada em subseqentes trabalhos de sua officina, felo contratar a construção de uma locomotiva em miniatura, para o Museu de Philadelphia, e Baldwin, que nunca tinha viste» uma locomotiva, constroe-a cora o simples auxilio de descrições e esboços imperfeitos que serviram em um concurso de Raihnhill, na Inglaterra.

A pequena locomotiva foi posta a mover-se e moveu-se cora a precisa regularidade, despertando a admiração e o contentamento de toda a assistência apinhada no pateo do Museu, onde ella se inaugurou.

No anno seguinte Baldwin recebia a encomenda de fabricação da primeira locomotiva para o trafego regular da Philadelphia, Germantown and Norristown Railroad Co., até então trafegada per diligencias.

Uma locomotiva importada da Inglaterra pela Camden and Amloy Railroad Co., que porém, nunca fóra montada, jazia armazenada num telheiro de Bordentown, e meticulosamente estudada por Baldwin em seus detalhes, serviu-lhe de excelente ma-

nancial instructivo para integral-o no conhecimento pratico de tal ramo mecânico cujos primórdios elle conquistara na construcção da locomotiva liliputiana; assim instruído, mete elle mãos à obra.

Que de esforços ter-lhe-iam sido precisos vencer para dar fim á sua obra, bem se pôde avaliar pelo sem numero de apparatus e competências technicas que são hoje empregados na construcção desses monstros devoradores de distancias. Mas, seja como for, Baldwin cumpriu galhardamente sua missão, e a locomotiva foi posta nos trilhos entre alas de engenheiros e curiosos que applaudiram delirantemente a obra e seu autor.

Esta ligeira synthese deve constituir exemplo edificante como capitulo preliminar da obra magnifica e formidável que e hoje The Baldwin Locomotive Works,

Em 1861, a fabrica já havia attingido a uma capacidade de trabalho notável e era acreditada em toda a parte onde chegasse um producto de suas forjas; eis porém, que estala a guerra civil que convulsionou a grande republica. A toda gente pareceu, então, que pelo menos, cmquanto durasse cila, o trafego das estradas seria interrompido e, consequentemente, com elle, os trabalhos de construcção da fabrica. Chegou mesmo a sua directoria a pensar em applical-a a fabricação de munições bellicas. Puro engano. A obra do bem, em que se attinham M. W. Baldwin & Co. (era então essa a sua firma) não devia ser interrompida pelos maleficios da lucta entre os homens; no anno de 1862, expedia a fabrica, nada menos de 75 locomotivas; em 1863, 96; em 1864, 130; em 1865, mais 115 locomotivas, sendo em 1862, das 64 construídas, 33 para as estradas de ferro militares do paiz.

Assim, pois, em vez de prejuízos a guerra civil levou a suas grandes forjas os beneficios da actividade, sem que lhe fosse preciso recorrer á obra infernal do morticínio para manter o trabalho aos seus cooperadores e a solução de seus proprios interesses.

Já então era cila fornecedora do governo brasileiro, e mesmo na intercorrença da guerra civil expediu varias locomotivas para a então E. F. D. Pedro II, que hoje transformada na Central do Bras'l continua como um de seus maiores clientes.

Foi nesta época e por suggestão sua, que adoptamos pela primeira vez os aros de aço em algumas das nossas machinas, embora só mais tarde fossem elles adoptados nos Estados Unidos.

Fallecido em 1866, deixara Mr. Baldwin a obra completa de seu esforço pessoal, no múltiplo aspecto, tanto da sua lisura\* com mercial e technica, como nos rasgos de generosidade e altruismo, que cimentaram a gratidão na memoria indelevel de seus continuadores e discipulos, obreiros e habitantes que são hoje da cidade industrial constituída em Philadelphia pelas grandes officinas e dependencias da The Baldwin Locomotive Works.

Teve occasião de visital-a o Sr. I). Pedro II, que lhe mereceu as maiores demonstrações' de acatamento tendo oppor-tunidade de admirar-lhe a systematização do trabalho, já naquella época formidável.

A mais recente conquista dessa fabrica acaba de ser aproveitada pela Pensylvania Railroad brasileira — a Companhia Paulista de Estrada de Ferro — com a construcção das primeiras locomotivas de 3 cylindros que vêm para a America do Sul.

De resto, que é hoje essa grande empreza?

— Nada menos que uma cidade de 25.000 operários, que em tempos normaes, fabricam por anno 3.500 locomotivas a se canalizarem para todos os recantos do mundo, cada vez mais aperfeiçoadas ao influxo do génio creador de Baldwin, que paira para todo sempre nesse ambiente de trabalho monstro em beneficio da civilização e do progresso.

("O Paiz", Rio).

# AS CARICATURAS DO MEZ

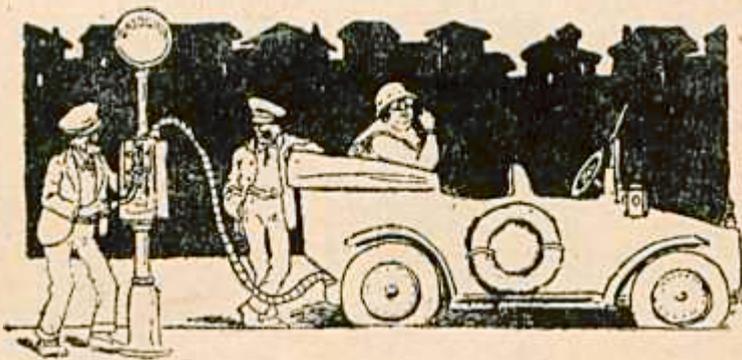
## O TEMPO PERDIDO



— Doutor Alnianaclí, pôde me informar quando chega a primavera?  
— Francamente, não sei. Depois da visita de Marte, deu-se o desarmamento das estações ...

(*"Jornal do Brasil", Rio*)

## TUDO AUGMENTA



— Até o "chá de bico" !

(*m noite", Rio*)



## POLYGLOTISMO



— O' moço, no preço caro dos bilhetes não estão incluídos os dicionários ?

(*"Jornal do Brasil", Rio*)

## ALLEGORIA ATAMANCADA



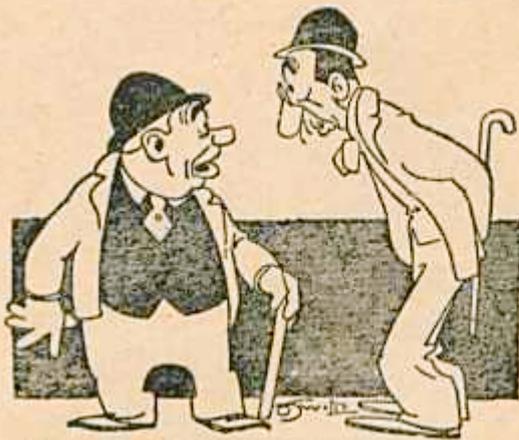
— Viva o progresso da "humanidade!"

*"fi noite", mo*

## CAPRICO DA NATUREZA

Nasceu era Antibes uma cabra de  
duas patas e que anda sobre ellas  
como gente.

(d' "O Imparcial")



— É uma c.ibra aperfeiçoada. É o verdadeiro typo  
de ama de leite.

(*"D. Quixote", rtio*)

## CONDICIONALISMO



— Nós precisamos também roubar condicionalmente ...  
— Sim, com a condição de não sermos presos ...

(*"D. Quixote", Rio*)

# Grande Loteria de S. Paulo

PARA O FIM DO ANNO

TERÇA-FEIRA, 30 de Dezembro de 1924

# 200:000\$000

Em 3 grandes prêmios, sendo 1 de 100 contos e 2 de 50 contos

Eliete inteiro, 9\$QGO - Fracções, SDD réis

Os Bilhetes já se acham á venda em  
toda a parte.

a

## Ârquivo Nobiliarchico Brasileiro

PELO

### BARÃO DE VASCONCELLOS

Neste precioso volume, formato e tamanho de um tomo do Larousse, o autor biographa toda a nobreza do Império do Brasil, ennumerando toda a ascendência e descendencia dos respectivos titulares e reproduzindo em gravura os brazões de cada um. Edição luxuosa, da qual restam apenas alguns exemplares : :

PREÇO (ENCADERNADO) 60\$000

Pedidos á CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO  
PRAÇA DA SÉ, 34 SÃO PAULO

# As melhores grammaticas da língua portugueza

SÃO AS DE

EDUARDO CARLOS PEREIRA

## GRAMMATICA EXPOSITIVA

Guaso ELEMENTAR. Para os cursos complementares e 1.º anno dos Gymnasios. 28." edição com um appendice sobre composição. . . . . 3\$500

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 15." edição com um appendice sobre estylistica. . . . . 8\$000

## GRAMMATICA HISTÓRICA

Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 4." edição. . . . . 10\$000

PEDIDOS A\*

Companhia Graphico-Editora "Monteiro Lobato"

PRAÇA DA SE', 34 - CAIXA, 2-3 - SÃO PAULO

Desconto de 39 o/o aos revendedores  
e aos collegios e professores.

" p E G A S O "

REVISTA MENSAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO

URUGUAY





# Nutrition

## E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedia dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

# DIABÉTICOS

é preciso combater o perdo<sup>^</sup>  
de assucar. tonificar o or-  
ganismo. regularizar as funcções dos órgãos internos  
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção  
digestivo pelo uso da

## GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de  
plantas indigenas brazileiras

PAU FERRO . SUCUPIRA

JAMELAO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres /<sup>^</sup>L  
de chá por dia em a gu a x<sup>^ ^ ^</sup>



## PARA BREVE

A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato  
tem no prélo as seguintes obras jurídicas:

*Dr. Martinho Garcez*

**MANUAL PRATICO DAS ACÇÕES CÍVEIS  
E COMMERCIAES  
CODIGO CIVIL EXPLICADO**

*Dr. Eduardo Espindola*

**DIREITO DE FAMÍLIA  
PARECERES**

*Dr. Alfredo Bernarda da Silva*

**PARECERES**

*Dr. Waldemar Ferreira*

**DAS SOCIEDADES POR QUOTAS**

*Dr. Diogo Carlos de Menezes*

**DICCIONARIO JURÍDICO**

*Dr. Azevedo Marques*

**DA HYPOTHECA**

*Melchisedeclt Jehovah de Brito*

**MANUAL DE JURISPRUDÊNCIA MILITAR**

*Ingenieros (Traducção de Haeckel de Lemos)*

**PSYCHOLOGIA DOS CRIMES  
O TYPO VENCEDOR DA ESPECIE  
HUMANA**

**O SENTIMENTO AMOROSO**

*Instituto dos Advogados Brasileiros*

**LIVRO DO CENTENARIO**

*Henry George*

**PROBLEMAS SOCIAES**

**PEDIDOS Á**

**Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato**

Praça da Sé, 34 - Caixa, 2-B - S. PAULO

## Ultimas Edições da

# Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

I N -

DA COMPRA E VENDA, Dr. Luiz da Cunha Gonçalves, broch. 25\$000, ene	30\$000
MOLÉSTIAS DOS LACTENTES E SEU TRATAMENTO, dr. Leonicio de Queiroz, broch. 25\$ ene	30\$000
A CURA DA FEALDADE, dr. Renato Kehl Ene	20\$000
DA FALLENCIA, Almachio Diniz, broch.	20\$000
IMPRESSÕES DO NORDESTE BRASILEIRO, dr. Paulo de Moraes Barros, broch.	15\$000
CRIMINOLOGIA, Ingenieros, broch.	12\$000
DA POSSE, Conselheiro Justino (le Andrade, broch.	8\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, F. J. Oliveira Vianna, broch.	8\$000
HISTORIA DAS RIQUEZAS DO CLERO CATHOLICO E PROTESTANTE, José Martins, broch.	5\$000
CONVERSAS AO Pfi DO FOGO, Cornélio Pires, broch.	5\$000
VESPEIRA, Moacyr Piza, broch.	5\$000
CIDADES VIVAS, Brenno Ferraz, broch.	5\$000
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, João Leda, broch.	5\$000
AMOR IMMORTAL, J. A. Nogueira, broch.	5\$000
CONTOS ESCOLHIDOS, Monteiro Lobato, cart.	4\$000
O BRASIL E A DOCTRINA DE MONROE, F. de Leonardo Truda, broch.	4\$000
POEMETOS DE TERNURA E DE MELANCÓLIA, Ribeiro Couto, broch.	4\$000
O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato, broch.	4\$000
O CRIME D-AQUELLA NOITE, Menotti Del Picchia, broch.	3\$500
FRIDA MAYER, Vivaldo Coaracy, broch.	4\$000
QUINZE NOITES, Yaynha Pereira Gomes, broch.	4\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens, broch.	3\$000
O DEVER DE MATAR, Oscar Wilde, ene.	2\$000

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa 2 B - S. PAULO